



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Beatriz Ferreira Arantes

**O caminho da misericórdia para o Brasil: uma construção pela via da  
memória e da história da educação**

Rio de Janeiro

2024

Beatriz Ferreira Arantes

**O caminho da misericórdia para o Brasil: uma construção pela via da memória e da história da educação**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paula Leonardi

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A662 Arantes, Beatriz Ferreira  
O caminho da misericórdia para o Brasil: uma construção pela via da memória e da história da educação / Beatriz Ferreira Arantes. – 2024.  
123 f.

Orientadora: Paula Leonardi.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Educação – História – Teses. 3. Religião – Teses. I. Leonardi, Paula. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Beatriz Ferreira Arantes

**O caminho da misericórdia para o Brasil: uma construção pela via da memória e da história da educação**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Aprovada em 12 de agosto de 2024

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Leonardi

Faculdade de Educação - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando

Faculdade de Educação - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Agueda Bernardete Bittencourt

Faculdade de Educação - UNICAMP

Rio de Janeiro

2024

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho à minha avó Beatriz (em memória).

## AGRADECIMENTOS

À minha família que mesmo sem entender muito bem o que faço, sempre me apoiou e buscou se fazer presente. Destaco minha mãe, tia Cida, meu irmão e minha madrinha.

Aos amigos que entenderam as ausências e desespero, mas sempre foram pacientes e presentes. Uma menção especial a Diego Salgado e Natan Perrou, presentes que a graduação em pedagogia na UERJ me deu e Daiane Brito, por nosso encontro e trocas no mestrado.

À CAPES pela bolsa durante dois anos de mestrado.

À minha orientadora Paula Leonardi pela orientação respeitosa, pelo incentivo e pelas boas trocas de sempre.

Ao grupo de estudos GEHERRIO e as reuniões e discussões que tivemos ao longo desses anos. Destaco duas pessoas que de colegas passaram a amigos nas angústias e alegrias, Tati Reis e Leonardo Neves.

Ao meu namorado Denis (Nico), companheiro que cruzou meu caminho já no final desse percurso. Em situação parecida, juntos compartilhamos inquietações, silêncios, ansiedade, mas foi um ponto de paz, leveza, amor e vontade de que tudo desse certo.

Dentro de mil anos não ficará nada  
do que foi escrito neste século.  
Serão lidas frases soltas, impressões  
de mulheres perdidas,  
fragmentos de crianças imóveis,  
teus olhos lentos e verdes  
simplesmente não existirão.  
Será como a Antologia Grega,  
ainda mais distante,  
como uma praia no inverno,  
para outro assombro e outra indiferença. *Roberto Bolaño*

## RESUMO

ARANTES, Beatriz Ferreira. *O Caminho da Misericórdia para o Brasil: uma construção pela via da memória e da história da educação*. 2024. 123 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A presente pesquisa reconstitui o caminho que levou a congregação italiana das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia (FdM) a se inserirem na área da educação no Brasil. Para tanto, analisa a origem e trajetória da congregação – com centralidade na figura de sua fundadora, Madre Josefa Rossello – o processo de expansão com imigração e fundação de colégios católicos na Argentina (1837-1875) e sua chegada e estabelecimento no Brasil, com a fundação do Colégio Nossa Senhora da Misericórdia (CNSM) no bairro do Andaraí (1926-1948). Utilizamos como fontes: biografias sobre Madre Rossello, um livro de cartas da religiosa para as Irmãs na América e periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN). O trabalho se concentrou na busca por acessar aspectos do passado de maneira indireta, a partir de indícios, completando as lacunas com o que as fontes possibilitaram (Ginzburg, 1990) de modo a construir uma certa leitura sobre este passado. A educação aparece como fio condutor do caminho percorrido pelas FdM ao Brasil e o carisma da instituição de colocar o coração a Deus, as mãos ao trabalho, formando na e para a Misericórdia deu substância às suas ações, construiu a memória da congregação e forjou a identidade das Irmãs, o que possibilitou sua inserção no jogo das relações sociais e na educação brasileira.

**Palavras-chave:** religião; memória; história da educação; congregação católica; colégios católicos.

## ABSTRACT

ARANTES, Beatriz Ferreira. *The Way of Mercy for Brazil: a construction through memory and history of education* 123 f. Dissertation (Master's in Education) - Faculty of Education, Rio de Janeiro State University, Rio de Janeiro, 2024.

This research retraces the path that led the Italian congregation of the Daughters of Our Lady of Mercy (FdM) to enter the field of education in Brazil. To this end, it analyzes the origin and trajectory of the congregation - focusing on the figure of its foundress, Mother Josefa Rossello - the process of expansion through immigration and the founding of Catholic schools in Argentina (1837-1875) and its arrival and establishment in Brazil, with the founding of Colégio Nossa Senhora da Misericórdia (CNSM) in the Andaraí district (1926-1948). We used as sources: biographies on Mother Rossello, a book of letters from the nun to the Sisters in America and periodicals from the Digital Library of the National Library (BN). The work focused on trying to access aspects of the past indirectly, based on clues, filling in the gaps with what the sources made possible (Ginzburg, 1990) in order to construct a certain reading of this past. Education appears to be the guiding thread of the path taken by the FdM to Brazil and the institution's charism of putting the heart to God, the hands to work, forming in and for Mercy gave substance to its actions, built the memory of the congregation and forged the identity of the Sisters, which enabled their insertion into the game of social relations and Brazilian education.

**Keywords:** religion; memory; history of education; catholic congregation; catholic schools.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - "A Comenda", primeira casa das FdM (interior).....	42
Figura 2 - Madre Maria Josefa Rossello.....	44
Figura 3 - Madre Rossello com meninas resgatadas da África .....	48
Figura 4 - Carta de Madre Rossello para Pio IX .....	55
Figura 5 - Ilustração das FdM embarcando para Buenos Aires .....	56
Figura 6 - Madre Rossello na Casa-mãe em Savona.....	60
Figura 7 - FdM dirigem idênticos estabelecimentos nos EUA, Itália e Argentina.....	78
Figura 8 - Notícia da inauguração de 2 departamentos do Orphanato Osorio .....	81
Figura 9 - Administração e Vigilância das FdM .....	82
Figura 10 - Venda de Cães São Bernardo - Rua Barão de Mesquita, 689 .....	86
Figura 11 - A prosperidade das Irmãs da Misericórdia .....	87
Figura 12 - Festa do Collegio de N. S. da Misericórdia .....	91
Figura 13 - Cerimônia de 1ª Comunhão no CNSM 1932.....	92
Figura 14 - Anúncio de abertura de matrículas CNSM.....	94
Figura 15 - CNSM "conhecido das famílias católicas desta cidade e de todo Brasil" .....	96
Figura 16 - CNSM: estabelecimento de instrução que serve aos bairros da Tijuca e Andaraí .....	98
Figura 17 - Crédito para subvenção anual do CNSM.....	99
Figura 18 - Srta M. Angela de Oliveira Macieira - Filha de alto funcionário do Banco da Província.....	101
Figura 19 - Augusta filha de despachante aduaneiro.....	102
Figura 20 - Senhorinha Maria Eleny Salles: fino elemento da sociedade carioca .....	103
Figura 21 - Festa em benefício do CNSM.....	105
Figura 22 - Evento para angariar fundos para construção da capela do CNSM.....	107
Figura 23 - CNSM destina fundos para as vítimas de torpedeamentos na 2ª guerra.....	108
Figura 24 - Agrupamento de Colégios Católicos no desfile da Semana da Pátria 1943 .....	110
Figura 25 - Participação de aluna do CNSM no 24º aniversário do 6º Batalhão da Polícia Militar .....	111
Figura 26 - Rua Madre Rossello em processo de pavimentação 1963 .....	112
Tabela 1 - Cartas de Madre Rossello para Irmã Placídia e Irmã Eufêmia (1876-1878).....	61
Tabela 2 - Cartas para a Vigária, Irmã Domitilla Coli .....	65

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	
1	<b>“CORAÇÃO A DEUS, MÃOS AO TRABALHO” : ORIGEM, TRAJETÓRIA E EXPANSÃO DE UMA RELIGIOSA DA MISERICÓRDIA</b> .....	27
1.1	Um diálogo sobre as fontes para a construção de uma História das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia .....	32
1.2	Biografias, Hagiografias e Correspondências: uma discussão sobre fontes históricas no trabalho em História da Educação .....	34
1.3	A morte de Jerônima Benedita e o nascimento de Madre Rossello: História de um coração grande .....	41
1.4	As Filhas da Misericórdia nos primórdios da “Era das Congregações” .....	55
1.5	As Cartas de Santa Madre Josefa Rossello .....	61
2	<b>“OS CAMINHOS DE DEUS” : AS FILHAS DA MISERICÓRDIA NA EDUCAÇÃO NO RIO DE JANEIRO</b> .....	73
2.1	Antecedentes .....	73
2.2	Quando os caminhos de Deus encontram as demandas brasileiras: as Filhas da Misericórdia no Rio de Janeiro .....	79
2.3	Um lugar próprio: o estabelecimento das FdM no Rio de Janeiro .....	87
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	116
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	119

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende reconstituir o caminho que levou a congregação das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia (FdM) a se inserirem na área da educação no Brasil. A congregação surgiu em 1837 com a fundação do Instituto da Misericórdia em Savona, província da região da Ligúria, na Itália. Se expandiu pela península itálica durante seus primeiros anos de existência, com obras nas áreas da educação e saúde. Em 1875, em meio ao movimento de imigração de congregações católicas para a América devido ao avanço do processo de secularização na Europa, enviou as primeiras Irmãs missionárias para a Argentina e por lá fundaram casas, cuidaram de doentes e instalaram colégios. Mais tarde, em 1926, chegaram ao Brasil para administrar o Orfanato Osório, instituição criada para a educação e condução de meninas órfãs filhas de militares. Dois anos depois adquiriram um imóvel próprio e fundaram o Colégio Nossa Senhora da Misericórdia (CNSM) no bairro do Andaraí. Descrito dessa maneira, o caminho parece simples e linear. Entretanto, reconstruí-lo, a partir de uma leitura possível, se mostrou um processo complexo e repleto de lacunas.

O encontro dos meus caminhos com os caminhos da misericórdia se deu ainda durante a graduação em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro quando atuei como bolsista de Iniciação Científica<sup>1</sup> no projeto *Escolas e Santuários: distribuição no espaço/tempo e práticas educativas da Igreja Católica na cidade do Rio de Janeiro*. Com o projeto mapeamos, investigamos e discutimos as marcas físicas e simbólicas da Igreja Católica na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo com a fundação de colégios. Essa presença na cultura brasileira como evidência de uma política de construção de memória e patrimônio da instituição na cidade.

Ao andarmos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro não é incomum o encontro com marcas que evidenciam a presença da Igreja Católica em nossa cultura. Muitas são as igrejas, santuários, casas de acolhimento, hospitais e escolas católicas instaladas na cidade. Com uma vida cada vez mais corrida, em nossos itinerários, a percepção sobre essas marcas, muitas vezes, nos foge, ou, de alguma forma, são tão naturalizadas que não paramos para refletir sobre elas. Examiná-las, estranhar o que nos é tão familiar (Velho, 1978) com um olhar atento e

---

<sup>1</sup> Edital PIBIC-UERJ 2018-2020.

investigador, no momento presente, nos direciona ao movimento de pensar como essa presença e marcas foram construídas ao longo do tempo.

Guiada pela ideia de estranhar o que me era familiar, escolhi como objeto de pesquisa de graduação o CNSM, visto que o colégio sempre marcara o caminho que fazia andando da minha casa a casa da minha avó<sup>2</sup>. O CNSM se situa na rua Barão de Mesquita, número 689, no limite entre a Tijuca e o Andaraí, foi o primeiro colégio fundado pelas FdM no Brasil e faz parte de uma rede maior chamada Reducar (Rede Educação Rossello). Possui filiais em Osasco, Campinas e Vargem Grande Paulista.

O que veio a se tornar a Rede de Educação Rossello, começou na cidade do Rio de Janeiro, em 1926, com o envio de religiosas da congregação para atuarem como auxiliares na administração de um orfanato de meninas órfãs. Em 1928, quando adquiriram um imóvel próprio enveredaram para a educação com o intuito de formar meninas nas modalidades internato, externato e semi-internato<sup>3</sup>. Durante o século XX, a congregação expandiu sua presença missionária para os estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Maranhão, Piauí, Goiás e Tocantins. Com o carisma de “formar-se e formar na Misericórdia e para a Misericórdia”<sup>4</sup> as FdM tiveram a educação como motor de expansão.<sup>5</sup>

Durante a graduação, situamos a instalação do CNSM no Rio de Janeiro na conjuntura da perda de espaços físicos e simbólicos na Europa que promoveu a entrada de um grande contingente de religiosos de congregações católicas no Brasil entre os fins do século XIX e início do século XX (Leonardi, 2010). Para o mestrado, queríamos investigar os motivos que levaram as FdM a instalarem seu colégio no Andaraí. O entendimento que tinha à época era de que a investigação sobre a forma como conseguiram o terreno para a instalação do colégio, ou dos motivos que as levaram a optar pelo bairro do Andaraí para instalá-lo, daria indícios da existência de um projeto levado a cabo por algumas congregações, por orientação da hierarquia

---

<sup>2</sup> Na ocasião, confrontei a memória produzida pela instituição com a maneira como os sujeitos, que não frequentavam o colégio, mas que passavam por ele diariamente, o enxergavam no bairro e na cidade. A pesquisa se desenvolveu no momento das restrições de trânsito pela cidade devido à Pandemia do Coronavírus. Dessa forma, os procedimentos metodológicos utilizados para acessar a construção de memória feita por parte da instituição se concentraram na análise de seu site que traz informações sobre sua história, missão, ações etc. Já o acesso à forma como os passantes viam o colégio foi feito através de entrevistas remotas com moradores dos bairros do Andaraí, Tijuca e Grajaú.

<sup>3</sup> Ver: <https://www.familiarosselliana.com.br/reducuar>

<sup>4</sup> Ver: <https://www.figliensmisericordia.net/cnt/carisma/>

<sup>5</sup> As FdM no Brasil pertenceram a Província Religiosa de Buenos Aires até 1965, quando é constituída a Província Religiosa aqui. A casa provincial brasileira fica na rua Dionísio de Camargo, nº 109, em Osasco-SP. Informação presente em: <https://www.figliensmisericordia.net/cnt/brasile>

da Igreja Católica, para a ocupação de outras áreas da cidade que não as consideradas mais nobres, ainda no início do século XX<sup>6</sup>.

Como durante a pesquisa na graduação, devido ao contexto pandêmico, não foi possível o acesso ao CNSM, a primeira ação empreendida posteriormente, já em um momento de arrefecimento da pandemia, consistiu no contato com o colégio. O plano era conhecer o colégio por dentro, as religiosas pertencentes à congregação, além de buscar fontes que pudessem trazer respostas às questões que vinham sendo elaboradas e que contribuíssem para o desenvolvimento da pesquisa.

O primeiro contato se deu com a diretora pedagógica leiga, Daniele Andrade. O colégio possui uma diretora pedagógica, não religiosa, e uma diretora executiva, essa sim, uma irmã da congregação, Irmã Mary Luce Rufino. O contato com a diretora pedagógica iniciou-se via *WhatsApp*, por onde foi combinada a primeira visita à instituição, no dia 5 de março de 2022. Nesse primeiro contato, já havia deixado claro o desejo de encontro e diálogo com as religiosas da instituição, a partir da realização de entrevistas, se possível. A resposta não foi muito animadora, sobretudo devido à idade avançada das seis religiosas que residem no colégio<sup>7</sup>.

Na impossibilidade de diálogo com as religiosas, a busca foi por acessar alguma documentação que desse informações sobre a chegada da congregação ao Rio de Janeiro, seu estabelecimento e como foram parar ali no bairro. Em nossa reunião, Daniele contou que o terreno tinha sido doado por uma família de sobrenome Teixeira Soares e que esses dados poderiam ser encontrados no site do colégio, na área institucional “Nossos Espaços”<sup>8</sup>

Com a informação de que uma família moradora do bairro, dona da grande casa onde o colégio foi instalado, havia se desfeito do lugar em proveito da congregação, meu movimento passou a ser o de olhar para a congregação propriamente dita, como chegaram ao Brasil, mais precisamente ao Rio de Janeiro, e quais foram as condições e contextos que propiciaram seu

---

<sup>6</sup> À época, chamava a atenção o fato de o CNSM ter sido fundado em um bairro que ainda hoje guarda características de um passado operário – o Andaraí – visto que a percepção construída ao longo das pesquisas realizadas no projeto, a partir do uso das fontes disponíveis, organização de dados dos colégios católicos e sua distribuição na cidade do Rio de Janeiro articulada à leitura do livro *Evolução Urbana no Rio de Janeiro* do geógrafo Maurício Abreu (2013), era de que a fundação das instituições católicas acompanhou o movimento da elite econômica urbana carioca. Ou seja, a grande maioria dos colégios católicos foram instalados nas Zona Sul e Central da cidade.

<sup>7</sup> Na primeira menção à vontade de contato com as religiosas da instituição, a diretora ficou duas semanas sem responder minhas mensagens. Somente quando enviei nova mensagem dizendo que poderíamos conversar só nós duas pois gostaria que ela me falasse um pouco sobre a história do colégio, o contato foi restabelecido.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://reducar.com.br/rio-de-janeiro/institucional/nossos-espacos/>

estabelecimento na área da educação na cidade. Quais foram as alianças firmadas pelas congregações com o poder público, religiosos daqui e outros setores da sociedade como militares. Quais as Redes de Sociabilidade (Sirinelli, 2003) construídas por elas? O que tinham a oferecer e quais foram as demandas brasileiras para que fossem requisitadas?

Quando solicitei livros, arquivos ou materiais similares que pudessem servir como fontes de pesquisa, a postura da diretora Daniele chamou bastante atenção, todo o material disponibilizado trazia como figura central Madre Rossello. A história da congregação se confundia com a própria história da fundadora. Fui levada à biblioteca da escola, apresentada à bibliotecária Laís, que na procura por material que me servisse, entregou para consulta três livros. Dois deles tinham como figura central Madre Maria Josefa Rossello, a fundadora do Instituto da Misericórdia, o terceiro trazia o Processo Formativo das FdM. Os livros não poderiam sair da escola, eu teria de consulta-los em visitas periódicas, com horário marcado, à biblioteca. Quando nos despedimos nesse primeiro dia, Daniele me presenteou com um outro pequeno livro também sobre a vida de Madre Rossello.

Os livros indicados foram: 1. *Projeto Formativo – Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia*; 2. *Vem e nos faremos santas: a vida de Maria Josefa Rossello*; 3. *Cartas de Santa Maria Josefa Rossello* e; 4. *Santa Madre Josefa Rossello “coração a Deus, mãos ao trabalho”*. O 2º e 4º livros dessa lista são os únicos que constam as editoras na publicação. *Vem e nos faremos santas* foi lançado pela editora Loyola em 1975. O “*coração a Deus, mãos ao trabalho*” foi lançado pela Editrice Velar na Itália em 2010 e traduzido para o português pela Irmã Maria Juliana Campos, pertencente às FdM, em 2011.<sup>9</sup>

O 1º livro traz o Projeto Formativo aprovado em 9 de agosto de 1995 pela Madre Geral das FdM com o consenso de seu conselho. Os capítulos versam sobre a “personalidade carismática da Filha de Nossa Senhora da Misericórdia”; “A formação na e para a Misericórdia”, “Pastoral da vocação à vida consagrada” e os “Itinerários Formativos”. A partir dessa fonte conhecemos a Missão Apostólica da congregação, voltada aos pobres, doentes e em situação de vulnerabilidade e indicações de como se dá a construção da identidade de uma Filha da Misericórdia, traduzida pelas ações de caridade e das “mãos ao trabalho”. O 2º livro consiste em uma reimpressão da primeira biografia escrita sobre Madre Rossello, fundadora da congregação. Esta biografia foi escrita pelo padre Francesco Martinengo no ano de 1885, cinco

---

<sup>9</sup> Os livros sem editora trazem somente o nome da congregação e o endereço do CNSM em Osasco, mas não encontramos dados que indiquem a existência de uma gráfica das FdM.

anos passados da morte de Rossello. O ano de 1975 escolhido para a reimpressão da biografia de Madre Rossello é simbólico, pois esse ano foi considerado Ano Santo<sup>10</sup> pelo Papa Paulo VI.

O 3º livro chamou especial atenção por conter em sua segunda parte um conjunto de cartas escritas por Madre Rossello endereçadas às Irmãs da América. A partir dessa fonte, foi possível tomar conhecimento de que as FdM chegaram à América ainda no final do século XIX, em 1875, em Buenos Aires. O convite para que fossem enviadas religiosas da congregação para Buenos Aires, aconteceu ainda em 1867, pelo arcebispo local Mariano José de Escalada. O arcebispo teria pedido ao bispo de Savona que enviasse religiosas para auxiliar na epidemia de cólera que assolava a cidade, mas a viagem não aconteceu por falta de recursos<sup>11</sup>. Somente em 1875, depois de novo convite, do arcebispo sucessor de Escalada, Federico Aneiros, é que foi possível o envio de irmãs para a localidade, não somente para o cuidado com enfermos, mas para atividades relacionadas à educação. O conjunto das cartas destinadas às irmãs da América acabou por revelar a intensidade das relações entre a Casa Mãe da congregação, localizada em Savona, e as Irmãs na América. O livro possui 158 cartas. Na introdução dele é dito que estas são todas as cartas que se conhece e dessas, 62 cartas são dirigidas às irmãs na América.

O 4º livro trata-se de uma breve biografia sobre Madre Josefa. É uma tradução feita pela Irmã Maria Juliana Campos, pertencente às FdM. Lançado na Itália em 2010, na ocasião dos 130 anos de falecimento da fundadora da congregação e no Brasil no ano seguinte, na comemoração dos 200 anos do nascimento da Madre Superiora, o pequeno livro se pretende uma breve biografia de Madre Rossello. Escrito a partir da reunião de textos de Monsenhor Vittorio Peri, o livro fala da infância, juventude e precoce vontade da religiosa de dedicar-se a vida religiosa. Fala dos percalços pelos quais passou a Madre construindo uma narrativa de aproximação de Rossello com religiosas que viraram santas mais tarde, o caso de Catarina de Sena e Teresa D'Ávila. O livro conta como foram os primeiros anos do Instituto da Misericórdia, a abertura das primeiras casas na Itália, a expansão em seu número, a caridade

---

<sup>10</sup> “O Ano Santo, que na linguagem canônica se chama Jubileu, consistia na tradição bíblica do Antigo Testamento, num ano de vida pública especial, assinalado pela abstenção do trabalho normal, pelo restabelecimento da repartição originária da propriedade de terras, pela remissão das dívidas em aberto e pela libertação dos escravos hebreus. Na história da Igreja, como é sabido, o Jubileu foi instituído pelo Papa Bonifácio VIII, no ano de 1300, mas com finalidades unicamente espirituais; e consistia numa peregrinação penitencial aos túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo” (REDAÇÃO, A. Ano Santo de 1975. *Theologica*, v. 10, n. 2, p. 143-146, 1975).

<sup>11</sup> O conhecimento de que estavam na América já no século XIX se deu no encontro com o livro das cartas e também em passagens escritas na biografia escrita pelo padre Martinengo.

das Irmãs e a dimensão do trabalho e ação como partes constitutivas da obra da Misericórdia. Aborda a expansão das FdM para a América até a morte de Madre Rossello.

As primeiras fontes disponíveis me indicaram que a congregação estava presente na Argentina já no fim do século XIX e que essa presença se deu a partir de convites para auxiliar em tarefas como saúde, educação e assistência social, o que reorientou os objetivos da pesquisa. Assim, meu objetivo deixou de ser investigar os motivos da instalação da congregação e do CNSM no bairro do Andaraí e passou a ser realizar um trabalho de reconstituição do caminho que levou as FdM a se inserirem na educação brasileira, contar uma história de como elas chegaram ao Brasil e como foram recebidas aqui e se inseriram na educação brasileira.

Esta pesquisa situa-se no campo da História da Educação e visa contribuir para o debate entre História, Religião e Educação. Entendendo a história como uma análise crítica do passado, sempre realizada a partir de reflexões do presente (Bloch, 2002). Nessa perspectiva, busco me colocar como reconstrutora, leitora e intérprete de um passado que ecoa no presente. Um passado que deixa rastros, vestígios e sinais no hoje. O trabalho, aqui, se concentra na busca por construir um conhecimento do passado, uma leitura deste passado, de maneira indireta, a partir de indícios e rastros do que aconteceu, buscando completar as lacunas que se apresentam com o que nossas fontes disponíveis possibilitam (Ginzburg, 1990).

O tempo nesse trabalho não será tão demarcado, embora olhemos para o início da vida de Madre Rossello, a expansão do instituto e sua chegada e estabelecimento no Brasil refletindo sobre os contextos históricos desses eventos. Escolhemos não demarcar o tempo porque entendemos o caminho que buscamos reconstituir como lacunar e sinuoso. Porém, cabe destacar que colocamos o marco inicial de nossa narrativa no nascimento de Rossello, em 1811, e seu fim em 1948, quando indicamos o estabelecimento das Irmãs no Brasil a partir da percepção de sua composição na fotografia do bairro onde instaram o colégio.

Nossa pesquisa, depois do encontro com as fontes, investiu em um levantamento bibliográfico em revistas brasileiras na área de História da Educação. Revistas de estudos da Religião e da História também foram consultadas, pelo entendimento de que a produção de trabalhos sobre congregações e ordens religiosas também são, em grande parte, desenvolvidos nessas áreas, ou na interface das mesmas.

Entendemos que a investigação da produção sobre Congregações Católicas e sua relação com a educação brasileira nos auxilia não só a situar a pesquisa proposta no rol dos trabalhos

sobre a temática, mas também na constatação de determinadas lacunas nos estudos realizados até o momento. Usando as palavras-chave “Congregação Católica” com as variações “Congregações Católicas e Educação” e “Congregações Católicas e Rio de Janeiro” para ampliarmos nossa busca encontramos estudos nas revistas: *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas)<sup>12</sup>; *Revista História da Educação* (UFRGS)<sup>13</sup>; *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE-UEM)<sup>14</sup>; *Cadernos de História da Educação* (UFU)<sup>15</sup>; e *Revista de Estudos da Religião*<sup>16</sup> (PUC-SP)<sup>17</sup>.

O exame dos textos encontrados no levantamento bibliográfico realizado nas revistas evidenciou certa escassez de estudos com centralidade nas congregações católicas. Geralmente,

---

<sup>12</sup> CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. Gênese de uma escola católica e estratégias femininas no Maranhão novecentista. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 155, p. 178-198, 2015.

<sup>13</sup> BASTOS, Maria Helena Camara. Da educação das meninas por Fénelon (1852). *História da Educação*, v. 16, n. 36, p. 147-188, 2012.; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Entre jornais, revistas e livros: a educação jesuítica no Ceará nas décadas de 1920 e 1930 e a memória histórica da Companhia de Jesus. *Revista História da Educação*, v. 16, n. 37, p. 153-165, 2012.; PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. UMA SÓLIDA INSTRUÇÃO FUNDAMENTAL PARA FORMAR CIDADÃOS: HISTÓRIA DAS ORIENTAÇÕES SOBRE PRÁTICAS CURRICULARES DE UMA “ESCOLA EXEMPLAR” EM CAMPO GRANDE-MT, AO FINAL DA DÉCADA DE 1930. *Revista História da Educação*, v. 14, n. 31, p. 11-35, 2010.

<sup>14</sup> LEONARDI, Paula. Congregações católicas e educação: o caso da Sagrada Família de Bordeaux. *Rev. Bras. Hist. Educ.*, p. 103-129, 2011.; PINHEIRO, Ana Regina; BITTENCOURT, Agueda Bernardete. Políticas católicas: educação, arte e religião. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 15, n. 2, p. 159-167, 2015.

<sup>15</sup> VIEGA, Juliana Goretti Aparecida Braga; DE OLIVEIRA GALVÃO, Ana Maria. As escolas isoladas nas décadas iniciais do século XX: o estudo de uma instituição. *Cadernos de História da Educação*, v. 11, n. 2, 2012.; DE SOUZA, Edilson Fernandes; LIRA, Maria Helena Câmara. AS PRÁTICAS CORPORAIS FEMININAS NA ESCOLA CONFSSIONAL SANTA GERTRUDES NO SÉCULO XX. *Cadernos de Historia da Educacao*, v. 11, n. 2, 2012.; LEONARDI, Paula. Construção da memória em congregações católicas: práticas e imagens agentes. *Cadernos de História da Educação*, v. 12, n. 1, 2013.; FURTADO, Alessandra Cristina. HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR CATÓLICA: O COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA DE RIBEIRÃO PRETO NO CENÁRIO DO INTERIOR PAULISTA (1918-1944). *Cadernos de História da Educação*, v. 14, n. 2, 2015.; OTTO, Claricia; KANTOVITZ, Geane. Memórias das Irmãs Catequistas acerca de suas práticas docentes (Santa Catarina, Brasil, 1930-1960). *Cadernos de História da Educação*, v. 15, n. 3, p. 980-1005, 2016.; ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. Maçonaria e Educação-Poucos mas bons. *Cadernos de História da Educação*, v. 17, n. 2, p. 439-459, 2018.; BRESSANIN, Cesar Evangelista Fernandes; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. História e Educação: as instituições escolares dominicanas-anastasianas em Goiás. *Cadernos de História da Educação*, v. 20, 2021.; CALLOU, Maria Lucirene Sousa; ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Entre a educação, a saúde e a religião: Antônio de Almeida Lustosa e os cuidados educativos com a saúde da criança e da família paraense (1935)”. *Cadernos de História da Educação*, v. 21, 2022.

<sup>16</sup> LEONARDI, Paula. Vestígios de um lugar próprio: Religiosas Francesas no Brasil. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 11, n. 1, p. 55-73, 2011.; DE BRITO, Angela Xavier. Os meandros dos processos de conversão. Trajetórias de dois judeus convertidos ao catolicismo no século XIX. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 14, n. 2, p. 172-212, 2014., BOMBONATTO, Vera Ivanise. Afonso Soares, o editor. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 16, n. 1, p. 159-162, 2016.; MARIN, Jéri Roberto; FONSECA, André Dionei. A Santa Sé e as divisões eclesiais da região amazônica (1860-1930). *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 21, n. 1, p. 13-32, 2021.

<sup>17</sup> Também foram realizadas buscas em outras cinco revistas com temáticas de História, Religião, Cultura e Política: *Lua Nova – Revista de Cultura e Política*; *Revista de História da Sociedade e da Cultura*; *Revista Religião e Sociedade* (ISER); *Politeia História e Sociedade* (UESB); e *Plura Revista de Estudos de Religião*. Nestas, não foram encontrados registros com as palavras-chave escolhidas.

o que se observa é uma relação entre o estudo dessas congregações e os colégios fundados por elas.

Três artigos chamam especial atenção: *Gênese de uma escola católica e estratégias femininas no Maranhão* novecentista de Maria Aparecida Custodio, *Congregações Católicas e Educação: o caso da Sagrada Família de Bourdeaux* de Paula Leonardi e *Dossiê Políticas Católicas: educação, arte e religião*, dossiê de apresentação de pesquisas empíricas e debates realizados no I Colóquio Internacional: Congregações Católicas, Educação e Estado Nacional, de autoria de Ana Regina Pinheiro e Agueda Bittencourt.

Custodio (2015) em seu artigo buscou a partir de fontes primárias compreender “os contextos de criação, organização e crescimento da Escola Santa Teresinha, a instituição particular mais antiga da cidade de Imperatriz (MA) (p. 180). Com a pesquisa, a autora buscou “contribuir com a incipiente historiografia de congregações religiosas femininas nascidas no Brasil” (p. 180). Já nos chama a atenção a pouca produção ou a produção sobre congregações imigradas para o Brasil que não esteja relacionada ao estudo de colégios ou práticas educativas ou concernentes aos currículos de escolas católicas, que dirá a produção sobre congregações que nasceram aqui.

O artigo de Paula Leonardi (2011) muito nos interessa porque se aproxima da proposta que buscamos nesta pesquisa. A pesquisa da autora se voltou para a análise das circunstâncias da vinda das Irmãs da congregação da Sagrada Família de Bourdeaux para o Brasil, não a partir do olhar para os colégios fundados pela congregação, mas pelas ações empreendidas no país traçando um percurso de sua chegada até a instalação de um colégio em 1933.

O Dossiê Políticas Católicas: educação, arte e religião apresenta textos referentes a pesquisas e debates ocorridos na ocasião do I Colóquio Internacional: Congregações católicas, Educação e Estado Nacional, é interessante porque mobiliza discussões sobre a relação entre Igreja Católica e Estado Nacional, debate que permeia nosso objeto de pesquisa e envolve a área da História da Educação a qual visamos contribuir.

Ampliamos o raio de busca de nosso levantamento na consulta a plataforma *Google Acadêmico* e na *Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (BDTD-UERJ)*.<sup>18</sup> Na busca no *Google Acadêmico* optou-se pela procura do nome da

---

<sup>18</sup> A busca na plataforma Google Acadêmico é bastante difícil, porque mesmo que coloquemos as palavras-chave escolhidas entre aspas para o refino da procura, o número de trabalhos não relacionados com elas é enorme. Nesse caso selecionamos o trabalho de Monreal por seu título que chama especial atenção para a presença de

congregação em espanhol, visto que passamos a ter a informação de que o primeiro lugar onde a congregação chegou foi a Argentina. As palavras utilizadas foram “Hijas de Nuestra Señora de la Misericordia.” A partir dessa busca um resultado chamou especial atenção. O capítulo do livro *Lecturas Sociales Religiosas en América Latina: memorias y contextos*<sup>19</sup>, intitulado *Mujeres Consagradas en el Cono Sur en la segunda mitad del Siglo XIX: inmigrantes sin fronteras*. Escrito por Susana Monreal (2020), o texto aborda a grande imigração de congregações italianas e francesas para a América a partir da segunda metade do século XIX, ressaltando a maior quantidade de congregações femininas em comparação às masculinas realizando este percurso.

No capítulo de Monreal é possível tomar conhecimento não só da chegada das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia a Buenos Aires, na Argentina, em 1875, como também seu estabelecimento no Uruguai, no ano de 1889. A autora conta a história dessa chegada ao Uruguai que, de forma similar à chegada no Brasil descrita no site oficial do Instituto, aconteceu em circunstâncias que nomeou “curiosas”.

Em Janeiro de 1889, duas religiosas acompanhadas de duas alunas se trasladaram a Montevideu para tomar banhos para a saúde e receberam a recomendação da superiora de não voltarem sem antes fundarem uma casa em Montevideu. Durante esta viagem de verão, o bispo de Montevideu, Monsenhor Inocencio Yéregui, insistiu no convite para fundarem um colégio na cidade. Uma vez resolvida a fundação, a princípio se planejou a instalação da congregação em Pocitos, próximo à Capela de Nossa Senhora da Misericórdia e mais tarde com o apoio da Asociación de Enseñanza Católica para Niñas, a fundação de um colégio em Paso del Molino. (Monreal, 2020, p. 74)<sup>20</sup>

Ainda no capítulo, é contado que no começo do século XX, a congregação fundou também colégios em Santiago e Valparaíso, no Chile. A informação de que as religiosas foram fundando colégios na Argentina, Uruguai, Chile e mais tarde no Brasil nos traz indícios da forma como essas congregações católicas, mesmo as menores e com poucos recursos, buscaram sobreviver frente à perda de espaços em seus países de origem. Quando nos referimos ao caso italiano, houve uma perda de terras devido a Unificação Italiana e a consequente secularização das terras da Igreja Católica (Weyrauch, 2009). A busca por expansão com a vinda e

---

coingregações católica no Cone Sul, que compreendem Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, Quanto à Biblioteca de Teses e Dissertações da UERJ foram encontrados dez registros na busca por “Congregação Católica” e selecionamos o trabalho de Giuslane Francisca da Silva pois os objetivos da autora se associam aos propostos neste trabalho.

<sup>19</sup> O livro foi organizado por Ana Lourdes Suárez, Brenda Carranza, Mariana Facciola e Lorena Fernández Fastuca. Produzido pelo Instituto de Investigaciones da Facultad de Ciencias Sociales da Ciudad Autónoma de Buenos Aires. O livro foi publicado em 2020.

<sup>20</sup> Trata-se de uma tradução realizada pela autora desta dissertação.

espraiamento de congregações católicas pela América foi, antes de tudo, uma questão territorial, de reconfiguração geopolítica da Igreja, mas também se tratou de uma questão simbólica.

Para as congregações de menor porte, como o caso das FdM, a fundação de colégios foi primordial para que se inserissem no projeto da Igreja Católica, mas, tal iniciativa parece ter contado, sobretudo, para sua própria sobrevivência enquanto Instituto e essa sobrevivência parece ter sido possível por conta das alianças estabelecidas pelas religiosas não só quando eram chamadas para irem para os países que necessitavam de seus serviços, mas a partir do momento que chegavam e conforme iam se estabelecendo.

O trabalho selecionado na Biblioteca de Teses e Dissertações da UERJ trata-se da tese de Giuslane Francisca da Silva, defendida no ano de 2021. Com o título “Evangélizar, negociar e educar: estratégias de consagração de uma congregação católica francesa na educação”, o trabalho da autora visou mapear e refletir sobre os processos de estabelecimento das Irmãs Azuis na América Latina, nos países Brasil, Argentina e Paraguai entre 1904 e 1939. Silva aborda o incentivo por parte da Igreja Católica para a entrada de congregações católicas na América Latina associada ao processo de *romanização*. Esta entrada enquanto estratégia política da Igreja. Se utiliza do caso das Irmãs Azuis, congregação francesa fundada por Emilie de Villeneuve. Além de fontes como Regulamentos e Constituições da congregação, Silva também utiliza cartas enviadas por Madre Emilie para missionárias da congregação que estavam na África. Como também nos utilizaremos de cartas enviadas pela superiora da congregação escolhida para a pesquisa, o trabalho de Silva auxilia no trato com esse tipo de material e para o entendimento acerca do funcionamento de congregações católicas e da maneira constroem memória.

Não tivemos acesso a fontes como Regras e Constituições das FdM<sup>21</sup>, então buscamos a partir das fontes disponíveis que estavam publicizadas no site da congregação e em conjunto com as cartas de Madre Rossello, rastrear traços desses documentos. Também foi possível trabalhar com a primeira biografia escrita por Padre Martinengo em 1885, disponível no site oficial das FdM<sup>22</sup>. O livro se encontra no idioma italiano e realizamos traduções de partes dele usando a ferramenta DeepL<sup>23</sup>. A maior dificuldade foi transcrever grandes fragmentos do texto

---

<sup>21</sup> Foi interessante observar a escolha da congregação de publicizar uma grande quantidade de arquivos em seu site, mas manterem as Regras e Constituições fechadas na área de documentos, com possibilidade de acesso somente com o uso de senha.

<sup>22</sup> Ver: <https://www.figliensmisericordia.net/cnt/docs/>

<sup>23</sup> Site de tradução de variados idiomas. Pode ser usado com o link: <https://www.deepl.com/pt-BR/translator>

pois ele só está disponível em imagem, não sendo possível selecionar partes para colocar na ferramenta de tradução.

Para analisar a presença e o estabelecimento da congregação no Brasil, nos utilizaremos de alguns dados que, infelizmente, não têm autor, mas que constam no site do Instituto como “Dados Históricos”<sup>24</sup> sobre a chegada das irmãs ao Brasil. As irmãs Frederica Veglio e Trinidad Quingley teriam vindo a bordo de um navio norte-americano “Legon”<sup>25</sup> que ia de Buenos Aires com destino aos Estados Unidos, mas que realizando uma parada no porto do Rio de Janeiro, por força do destino, perderam o embarque e por aqui ficaram. O contratempo foi tomado por elas como sinal divino para que constituíssem uma obra pelas terras brasileiras. Ainda de acordo com o site, é dito que a superiora de Buenos Aires acolheu o que seria o “plano do Senhor” e em 24 de maio de 1926 enviou ao Rio de Janeiro as primeiras missionárias da Misericórdia.<sup>26</sup>

Escolhemos investigar a chegada e estabelecimento das FdM ao Brasil com a utilização de periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN). Buscamos entender a chegada e o estabelecimento das Irmãs através dos anúncios e discursos produzidos em periódicos. Na página da Hemeroteca Digital foi selecionado inicialmente o período de 1920-29, o local Rio de Janeiro e a busca se deu por todos os periódicos disponíveis. As palavras-chave inseridas foram “Nossa Senhora da Misericórdia”.<sup>27</sup> Ademais, também empreendemos buscas sobre o endereço do colégio no Rio de Janeiro, o sobrenome “Teixeira Soares” família que cedeu o terreno para as FdM e combinações de “Colégio Nossa Senhora da Misericórdia”.<sup>28</sup>

Buscamos observar os periódicos como veículos não só de informação, mas de formação. Como instituições educativas (Santos, 2011), produtoras de espaços sociais e culturais (Oliveira, 2019). O exame das décadas de 1930-39 e 1940-49 utilizando as mesmas

---

<sup>24</sup> Também podem ser encontrados no site da diocese da congregação em Osasco: <https://diocesedeosasco.com.br/congregacoes/filhas-de-nossa-senhora-da-misericordia-fdm/>

<sup>25</sup> Foi empreendida busca pelo nome do navio norte-americano Legon, como está posto no site da Diocese de Osasco, acreditamos que a grafia correta seria Legion, ou American Legion, nome de navio transatlântico estadunidense que fazia transporte de cargas e passageiros no início do século XX.

<sup>26</sup> Ver em: <https://www.figliensmisericordia.net/cnt/brasil/>

<sup>27</sup> Utilizamos Misericórdia sem acento para ampliar nossa busca. Com essas palavras-chave foram encontradas 19 ocorrências: (6) O Paiz; (3) Correio da Manhã ; (3) Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil ; (1) Jornal do Brasil; (1) Gazeta de Notícias; (1) Imparcial ; (1) Para todos ; (1) Revista Brasileira de Ensino; (1) A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista e; (1) Revista Vida Doméstica

<sup>28</sup> Usamos também Collegio Nossa Senhora da Misericórdia, Educandario da Misericórdia, Ginasio da Misericórdia e Escola da Misericórdia. Apresentaremos os dados no capítulo II.

palavras-chave<sup>29</sup> também foi realizado para construirmos a história do estabelecimento das Irmãs. Examinaremos, sobretudo, a divulgação dos serviços prestados pelas Irmãs, sua presença no cenário educacional brasileiro e as relações estabelecidas com o poder público e a sociedade civil brasileira. Os periódicos em que aparecem mais registros com nossas escolhas de palavras-chave foram: A Cruz: órgão da Paróquia de S. João Baptista que não poupava elogios aos trabalhos desenvolvidos pelas Irmãs da Misericórdia; A Vida Doméstica (RJ), revista voltada para mulheres que apresentava as alunas do CNSM como modelos femininos para a sociedade carioca; Jornal do Brasil, onde é possível constatar a existência de reivindicações das Irmãs à subvenção da Prefeitura em benefício do colégio; Correio da Manhã (RJ) e Diário da Noite (RJ) responsáveis por divulgar eventos organizados pela sociedade civil e religiosos em benefício das FdM; Jornal dos Sports (RJ) que divulga a ação das Irmãs de doarem uma quantia que receberam para a construção da capela de sua instituição em prol das vítimas dos bombardeios da 2ª Guerra Mundial, as colocando como contribuidoras sociais brasileiras; e o Diário de Notícias (RJ) que as insere na fotografia dos bairros Andaraí e Tijuca, participando de evento da Polícia Militar com a presença de figuras relevantes dos bairros.

Dividimos este trabalho em dois capítulos. No Capítulo I intitulado “*Coração a Deus, Mãos ao Trabalho*”: *origem, trajetória e expansão de uma religiosa da Misericórdia* fizemos uma breve discussão sobre o surgimento das congregações católicas em um momento de feminização da Igreja Católica (Langlois, 1984) que inaugurou novas formas de relação com a religião, os espaços e a sociedade (Rigolo Filho, 2022). Apresentamos a origem, trajetória e expansão das FdM, ou seja, sua história, que se confunde com a própria história de sua fundadora. Como fontes utilizamos cinco biografias<sup>30</sup> sobre Madre Rossello para tratarmos de

---

<sup>29</sup> Fizemos algumas combinações visto que a grafia em periódicos se alterou ao longo dos anos.

<sup>30</sup> 1. Vem e nos faremos santas: a vida de Maria Josefa Rossello, fundadora das Filhas da Misericórdia – Congregação das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia – Província do Brasil, Osasco, SP, 1975. Editora Loyola. Livro acessado no Colégio Nossa Senhora da Misericórdia (CNSM).

2. Vita opere e virtù della Madre Sr. M. Giuseppa Rossello. F. Martinengo. PdM. Edizione 1885. A biografia está disponível para download no site oficial do Instituto da Misericórdia no idioma original, italiano. Foram realizadas traduções da biografia utilizando o site de traduções Deepl (<https://www.deepl.com/pt-BR/translator>).

3. Santa Maria Giuseppa Rossello. Andrea Oddone S. J. Edizione 1949. A biografia está disponível para download no site oficial do Instituto da Misericórdia no idioma original, italiano. Foram realizadas traduções da biografia utilizando o site de traduções Deepl (<https://www.deepl.com/pt-BR/translator>).

4. Santa Maria Josefa Rossello “coração a Deus, mãos ao trabalho”. Vittorio Peri. 2011. Editrice Velar . A breve biografia foi dada pela diretora pedagógica do Colégio Nossa Senhora da Misericórdia no primeiro contato. É uma tradução feita pela Irmã Maria Juliana Campos, pertencente à FdM. Impressa em maio de 2011. A obra também está disponível para download no site da congregação, em seu idioma original, lançada em 2010, na ocasião da passagem dos 130 anos do falecimento de Madre Rossello.

5. História de um Coração Grande: vida de Santa Maria Josefa Rossello. Trata-se de um livro direcionado para crianças. Uma breve biografia ilustrada de Madre Rossello. Não possui ficha catalográfica, só trazendo a assinatura da Congregação das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia, com sede em Osasco-SP, em uma rua que leva o

suas origens, a fundação do Instituto da Misericórdia, e da produção de memória e identidade de uma religiosa da Misericórdia. Trabalhamos a expansão das religiosas para a América utilizando o livro de cartas trocadas entre Madre Rossello e as Irmãs na América, entendendo que a rede de informação e comunicação estabelecida nos dá pistas do cotidiano no novo continente, os empreendimentos realizados, as demandas locais, a fundação de escolas, as orientações da Casa-mãe, as relações que estabeleceram e as possíveis aberturas que tiveram para que fosse possível expandir sua obra para o Brasil.

No Capítulo II *Os Caminhos de Deus: as Filhas da Misericórdia na Educação no Rio de Janeiro* discutimos os antecedentes que oportunizaram a entrada de congregações católicas no Brasil e as rupturas e continuidades nas relações entre Igreja Católica, Estado Brasileiro e Sociedade Civil; abordamos a chegada das FdM no Brasil a partir dos periódicos brasileiros, sua chegada para o atendimento de meninas órfãs, a fundação de um colégio próprio e a construção de uma imagem positiva de suas obras e de sua inserção no cenário educacional brasileiro a partir das matérias de jornais.

O caminho percorrido pelas FdM teve como principal fio condutor a educação, a sua e a do público que atenderam. Essa educação não se resume a esfera formal, mas substancia-se, sobretudo, no carisma – idealizado por Madre Rossello – de colocar o coração à Deus, as mãos ao trabalho, formando na e para a Misericórdia. O carisma das Irmãs foi guia de suas ações, construtor de uma memória coletiva (Halbwachs, 1990) da congregação, elemento forjador de sua identidade, foi ele que as inseriu no jogo das relações sociais e na educação brasileira.

---

nome da fundadora da congregação: Rua Madre Rossello, 111. O livro pode ser encontrado na biblioteca do CNSM o que evidencia a intencionalidade de transmissão da história da fundadora e da congregação para os alunos desde muito cedo.

Na leitura das biografias utilizadas é possível perceber que a escrita por Padre Martinengo em 1885, cinco anos após a morte de Madre Rossello, serviu de base para as biografias seguintes. O que mudou, devido ao ano de publicação das subsequentes, foi a apresentação de mais fatos, como a beatificação (1938) e a canonização (1949) da religiosa, dado que não teve o primeiro biógrafo de Rossello.

## 1. “CORACÃO A DEUS, MÃOS AO TRABALHO”<sup>31</sup> : ORIGEM, TRAJETÓRIA E EXPANSÃO DE UMA RELIGIOSA DA MISERICÓRDIA

Se estas jovens desejam saber qual é o espírito do nosso Instituto, pode dizer-lhes que, como o nome que leva é de misericórdia, tais devem ser suas obras. Por conseguinte, as jovens ignorantes e extraviadas, os pobres enfermos dos hospitais, os leprosos, os empestados, os encarcerados, as mulheres arrependidas, os pobres abandonados e famintos, devem ser nossos amigos mais queridos e por eles devemos empregar toda nossa vida (Processo formativo<sup>32</sup>, 1995, p. 23)

A devoção à Nossa Senhora da Misericórdia originou-se com o próprio nascimento do Instituto e nossa fundadora que desde menina possuía essa devoção que é típica da cidade de Savona. A Madre da Misericórdia apareceu em Savona em 1536 (Irmã Maria Antonietta Lucisano, 2024)<sup>33</sup>

O primeiro trecho acima foi escrito por Madre Josefa Rossello<sup>34</sup>, fundadora da congregação católica das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia (FdM). Trata-se do objetivo apostólico da congregação. Nele fica evidente a missão do Instituto da Misericórdia fundado em 1837, em Savona, na Itália. Uma missão voltada à educação de jovens, ao atendimento dos mais pobres, enfermos e pessoas em situação de alguma vulnerabilidade. Já o segundo trecho consiste de uma fala da Irmã Maria Antonietta Lucisano pertencente à congregação em entrevista para um documentário sobre a vida de Madre Rossello, no ano de 2024.

---

<sup>31</sup> O título deste capítulo faz referência a uma das biografias utilizadas para pesquisa. Traduzida para o português no ano de seu lançamento em 2011, reúne textos de Monsenhor Vittorio Peri sobre a origem e trajetória da Santa Madre Josefa Rossello. “Coração a Deus, mãos ao trabalho” é um lema bastante associado à figura de Madre Rossello devido à sua origem, filha de um oleiro, fabricante de peças de barro e cerâmica, dizia que ela mesma era obra nas mãos do Senhor. Para ela, seríamos feitos de barro e o Senhor, oleiro, moldando a fé dos indivíduos.

<sup>32</sup> Utilizamos Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia como referência do texto pois ele foi extraído do livro Processo Formativo, uma das fontes utilizadas para esta pesquisa, mas que não trazia referência de tradução, escrita ou edição do texto. Isso é bastante comum nos livros que tivemos acesso e será discutido mais detidamente ao longo do texto.

<sup>33</sup> A fala da Irmã da Misericórdia foi dita para o documentário *Perché il Mondo viva nella misericordia* sobre Madre Rossello na ocasião da comemoração da segunda aparição de Nossa Senhora da Misericórdia, em 8 de abril de 1536. Com entrevistas realizadas por Emanuela Castello e filmagem e montagem de Luigi Canu. Foi traduzido para a utilização nesta pesquisa e encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iaiWNBOBh-Y>. O vídeo se passa na Casa-mãe da congregação, chamada de o 2º santuário da Misericórdia. Madre Rossello agiu na construção desse santuário que hoje tem uma parte sua funcionando como museu. Por ser bem no centro de Savona a ideia era que os fiéis aparecessem no santuário no dia da segunda aparição de Nossa Senhora da Misericórdia na cidade, 8 de abril. O dia da primeira aparição da Madonna foi 18 de março de 1536. Nesse dia, todos os anos a cidade sobe em peregrinação da Catedral até o 1º santuário da Misericórdia. A ideia de Madre Josefa era que na impossibilidade de estarem presentes nesse dia para realizarem a longa caminhada, os fiéis tivessem a alternativa de comemorarem a segunda aparição, no 2º santuário, bem no centro.

<sup>34</sup> Utilizaremos a grafia Josefa, nome da fundadora da congregação traduzido, mas em alguns momentos o nome aparecerá com a grafia Giuseppa como aparece nas fontes que estão no italiano original.

A missão apostólica da congregação nos instiga a investigar o modo de ser de uma freira da Misericórdia, o processo de constituição da identidade de uma Irmã das FdM, necessariamente reconstruído ao longo de sua vida religiosa. Para tanto, se faz necessário conhecermos um pouco da história daquela que, mais tarde, ficou conhecida como Santa Maria Josefa Rossello.

Em muitos momentos, perceberemos que a história da congregação se confunde com a história da própria fundadora, o que fica evidente com a declaração da Irmã Maria Antonietta Lucisano sobre a devoção da congregação à Nossa Senhora da Misericórdia e em outros elementos que aparecem no Projeto Formativo da congregação. No Projeto é possível acessar o carisma da congregação que tem como elementos centrais a figura de Maria, Madre Rossello e da própria religiosa que se forma, sendo guiada pela máxima do se formar na e para a Misericórdia (Projeto Formativo, 1995). O carisma se exprime na ideia do trabalho para a extensão do reino de Deus em todos os ministérios da misericórdia assumidos pelo Instituto (<https://www.figliensmisericordia.net/cnt/carisma/>).

A associação quase imediata da história da congregação à de Rossello diz respeito à forma como se dá a construção de memória pela Igreja Católica, no geral, e pelas congregações católicas, em particular. O debate sobre construção de memória pelas congregações católicas passa por outras duas discussões. A primeira se refere a relação que congregações católicas passaram a desenvolver com o tempo e os espaços. A segunda, incide na forma como elas buscaram produzir memória sobre si, não só para dentro dos muros de seus institutos, formando religiosos e religiosas, mas também para seus fiéis. Uma memória sobre si, para si e para os outros. Uma produção de memória intimamente relacionada a um exercício de evangelizar-educar, interno e externo (Leonardi, 2013).

Para traçarmos a trajetória da fundadora e da congregação das FdM, partiremos, inicialmente, da discussão sobre as peculiaridades das congregações católicas, sobretudo as femininas. Com seu surgimento, inaugurou-se um novo jeito desses grupos se relacionarem com a religião, os espaços e a sociedade. De acordo com Giancarlo Rocca (apud Rigolo Filho 2022)<sup>35</sup> (2016) esse novo modelo que surgia, não se tratou de um novo modo de vida religiosa, mas configurou-se como uma “adequação das organizações religiosas às condições

---

<sup>35</sup> As referências de Rigolo Filho encontram-se no capítulo escrito pelo autor no livro *Organizações religiosas católicas: espaços e tempo*. Ver: LEONARDI, Paula; ARDUINI, Guilherme ; BITTENCOURT, Águeda B. . *Organizações religiosas católicas: espaços e tempos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduerj/Faperj, 2022. 329p.

impostas pelas modernas sociedades e a seus costumes” (p. 129). Era, assim, uma nova relação com o tempo e o espaço. Aqui entendemos esse espaço como aquele que é habitado (Ricoeur, 2007). Um espaço preenchido tanto pela memória, pela historicidade do tempo histórico e pela presença do sujeito, ainda que o catolicismo trabalhe a sua manutenção voltando-se inteiramente para o passado através de uma perspectiva de se situar fora do tempo (Leonardi, 2008).

As congregações que surgiam no século XIX, por estarem inseridas na sociedade urbana, colocavam-se em diálogo com o tempo a partir dos espaços que ocupavam e pelos quais buscavam transitar para garantir sua manutenção e expansão. A forma mais utilizada para realizar esses movimentos foi a educação. A expansão das congregações se deu através de missões, via imigração, sobretudo para a América Latina, na busca por espaços físicos e simbólicos perdidos em seus países de origem por conta da secularização e laicização que varreram a Europa após a Revolução Francesa. A questão da imigração será discutida mais detidamente ao longo deste trabalho, mas antes disso é interessante que entendamos o que diferenciava as antigas ordens religiosas – que não deixaram de existir com o surgimento das congregações – e as congregações católicas que antes eram conhecidas como organizações oficiosas (Rigolo Filho, 2022).

O estilo de vida religiosa denominado congregacional é uma construção social de um movimento do século XIX, resultante de uma série de embates entre as organizações leigas e a Santa Sé no período entre a Revolução Francesa e a promulgação do Código de Direito Canônico (CDC), em 1917. Até meados do século XIX, apenas membros das Ordens religiosas, masculinas e femininas, eram reconhecidos como religiosos, dado estarem vinculados à instituição pelos votos solenes e públicos. Por meio da Constituição *Circa Pastoralis*, Pio V reformou e regulamentou a vida religiosa, impondo, em 1566, a clausura a todas as organizações femininas. Não obstante a isso, inúmeros grupos religiosos, chamados também de beatários, beguinários ou, ainda, recolhimentos, continuaram existindo à periferia. Esses grupos insistiam em viver a vida consagrada de maneira oficiosa, fato tolerado pelo clero e pelo governo, na maioria das vezes, em virtude da inexistência de conventos para acolher aspirantes [...] Com o advento do Estado laico e liberal, os governos do século XIX deixaram de reconhecer os organismos religiosos, dificultaram a sua existência e, em alguns casos, impuseram a laicidade aos seus membros, considerados ociosos e improdutivos. De outro lado, passaram a promover grupos envolvidos em práticas sociais do seu interesse, especialmente aqueles engajados com a educação e com a promoção social (p. 129-130).

Esses grupos surgiram, então, em um momento bastante paradoxal, visto que sua emergência se deu em meio ao crescente anticlericalismo, próprio dos governos laicos. Se diferenciaram das antigas ordens na apresentação de uma vida consagrada baseada em suas práticas que não tinham a contemplação e o apartamento social como elementos centrais de sua identidade.

Outro ponto que diferenciava os dois grupos era os votos que professavam. As antigas ordens professavam votos solenes e públicos, já as organizações oficiosas, quando passaram a ser reconhecidas como congregações, professavam votos simples<sup>36</sup>. As religiosas pertencentes às congregações eram reconhecidas como Irmãs de Caridade, ou simplesmente Irmãs, nomenclatura que mais tarde, segundo Rigolo Filho (2022), se tornou corrente para se referir tanto às religiosas de congregação quanto às enclausuradas.

O contexto histórico em que se difundiu os ideais da Revolução Francesa e os ideais liberais que passaram a pulular com a vitória da burguesia, proporcionou um enfraquecimento do clero secular ao mesmo tempo que o surgimento de congregações foi crescendo. Por estarem inseridas nas sociedades urbanas, possuírem “regras mais modernas, mais abertas ao mundo” (Leonardi, 2013, p. 300), as congregações assumiram um papel importante no projeto da Igreja Católica na retomada do prestígio social, penetração cultural e poder político que sempre teve e que se viu perdendo com o advento da modernidade.

No cenário de mudanças do século XIX e do início do século XX, as congregações com superiora ou superior geral entraram nas lutas pela reconquista de espaços pela Igreja. Esse período foi um momento significativo de virada nas ações dessa instituição, para fazer frente a mudanças sociais, políticas e econômicas decorrentes do avanço da industrialização e da secularização. Como forma específica de organização no interior da Igreja (Leonardi, 2013, p. 296).

O que nos interessa nesta dissertação são as congregações religiosas femininas, mais especificamente a congregação das FdM, por isso é importante que compreendamos o processo que Langlois (1984) chamou de *A feminização da Igreja Católica*. O autor francês que voltou suas atenções e pesquisas para o catolicismo feminino viu o papel fundamental que o surgimento de congregações católicas com superiora geral teve nesse processo, sendo o século XIX um momento chave para essa virada. Esse processo de feminização foi marcado pelo ingresso de grande contingente de mulheres para a vida religiosa e a busca de um novo lugar social da mulher na hierarquia da Igreja Católica.

Ainda assim, cabe destacar que existiam diferenças dentro das próprias congregações. Existiam congregações femininas e masculinas e, assim como acontecia com as ordens, as diferenças entre homens e mulheres religiosos dizia respeito às diferentes regras e posições de poder que um gênero e outro possuíam dentro da hierarquia católica. A hierarquia era rígida também dentro das próprias congregações de mulheres em que a dinâmica das

---

<sup>36</sup> Em 1900 isso muda a partir da Constituição *Conditiae a Christo* que equipara os votos simples aos votos solenes e públicos.

instituições com superiora geral funcionava com a possibilidade de abertura de casas em várias localidades do globo, o que aconteceu sobretudo com as congregações francesas e italianas, mas sempre subordinadas à Casa Mãe que tinha o poder de decidir, na figura da superiora geral, a compra de prédios, a abertura de colégios, hospitais e demais empreendimentos (Langlois, 1984 apud Leonardi, 2011).

De acordo com Serrano (2008 apud Guariza, 2018) a busca por um novo modelo de vida religiosa, marca do século XIX, refletiu mudanças que ocorreram no século anterior, quando a monarquia dos Bourbon engendrou uma reforma nas ordens religiosas depois da expulsão dos jesuítas das colônias da América. As tensões entre Igreja Católica e Estado foram intensificadas no período, levando a Igreja à adoção de uma política de enfrentamento do problema que ficou conhecida como ultramontanismo. O ultramontanismo encarnava uma ideologia, mas tratou-se de uma política de reação da Igreja Católica ao mundo que passou a se delinear no século XVI. Um mundo marcado por novas relações sociais e de produção capitalistas, novos arranjos políticos, alianças e propostas culturais que ameaçaram o monopólio de difusão e produção do conhecimento que até então era da Igreja (Manoel, 2013).

Foram necessárias estratégias e instrumentos de combate. Dentro desses mecanismos entram as congregações de “vida ativa”. Foram assim denominadas devido à sua atuação a partir de empreendimentos nos setores da educação, saúde e assistência social. Dessa maneira se inseriram na luta por reconquista dos espaços físicos e simbólicos perdidos pela Igreja Católica. Contudo, ainda que essas religiosas fundassem casas, fossem superiores de congregação e tivessem, a partir de suas práticas, participação na vida pública e social, as figuras religiosas masculinas se faziam bastante presentes no cotidiano das congregações femininas. Os sacerdotes, padres, bispos e arcebispos aparecem na teia de relações dessas congregações como aqueles que conduzem, controlam e orientam religiosas. Veremos com a apresentação da história de Santa Madre Rossello as marcas dessa hierarquia e as tensões e alianças que emergiram das relações entre religiosas mulheres e homens.

### 1.1. Um diálogo sobre as fontes para a construção de uma História das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia

Que Madre é a vossa! Que santa! Olhai-a, invocai-a e imitai-a (Peri, 2011, p. 5)<sup>37</sup>

Esta breve biografia nasce para reavivar a memória daqueles inícios; delineia o perfil de uma mulher vigorosa e plena de iniciativa; para ela a contemplação passa pela ação, o compromisso com os outros conduz à comunhão com Deus.<sup>38</sup>

Para a escrita da história da Madre fundadora da congregação das FdM utilizamos cinco biografias escritas sobre ela. Além disso, trabalhamos com cartas enviadas para a América Latina, mais precisamente para a Argentina, escritas pela fundadora da congregação para tratarmos da expansão das FdM. Essas cartas nos dão a ver quem foi Madre Rossello, mas sobretudo, nos indicam as formas de controle que a Casa Mãe das FdM tinha sobre as Irmãs imigradas. A principal biografia<sup>39</sup> e que traz mais indícios acerca dos eventos da vida da religiosa e da congregação é intitulada *Vita opere e virtù della Madre Sr. M. Giuseppa Rossello* escrita pelo padre Francesco Martinengo cinco anos após a morte da religiosa. A escolha dessas biografias nos convoca a, concomitantemente à narrativa produzida, problematizar o uso desse tipo de fonte na realização de um trabalho em História da Educação.

Cabe destacar que a análise desse tipo de texto exige uma postura crítica por parte do pesquisador ou pesquisadora, visto que estamos lidando com um material produzido por religiosos de forma não só a construir modelos e imagens de uma figura também religiosa, mas com a intencionalidade de deixar uma herança para a congregação (Leonardi, 2008). Essa herança se traduziria na memória que se resgata constantemente e delineia a identidade de uma freira da Misericórdia a partir da figura de Madre Rossello, mas que, além disso, mitifica o passado e vê a necessidade de repeti-lo, de tempos em tempos, a partir de reimpressões de textos em momentos-chave da história da congregação. Fazer esse movimento significa:

<sup>37</sup> As palavras foram ditas pelo Papa Pio XII em 14 de junho de 1949, dois dias depois do pontífice proclamar santa a Madre Josefa Rossello.

<sup>38</sup> Apresentação escrita por Madre Beatriz Josefa Lassalle, madre geral da congregação.

<sup>39</sup> Na leitura das biografias utilizadas é possível perceber que a escrita por Padre Martinengo em 1885, cinco anos após a morte de Madre Rossello, serviu de base para as biografias seguintes. O que mudou, devido ao ano de publicação das subsequentes, foi a apresentação de mais fatos, como a beatificação (1938) e a canonização (1949) da religiosa, dado que não teve o primeiro biógrafo de Rossello.

Olhar as congregações por dentro, mesmo que através de textos produzidos pelas Irmãs para elas mesmas, é adentrar em um mundo com sérias censuras. Enveredar pela forma como as freiras se compreendiam, como pensavam sua instituição, suas ações e a reinventavam, é esbarrar constantemente em silêncios. No entanto, esses documentos fornecem à pesquisa muito mais do que a constatação de censuras. É possível encontrar, aí, a construção da imagem da freira e da Congregação, as inquietações e tensões com a sede [...] e sobre as relações estabelecidas com os proprietários de terras, bispos, padres, leigos e leigas. Em sua maioria, foram produzidos para uma circulação interna e não para o público externo e tinha por objetivo a edificação da Congregação, palavra que abrange os significados de construção, elevação, criação. Enfim, são documentos/monumentos que erigem imagens e representações (Leonardi, 2008, p. 26)

Para lidarmos com o que se buscou construir acerca da figura de Madre Rossello, é imprescindível que nos utilizemos de dois pontos primordiais: imagens e representações. Se compreendermos por *imagens* aquelas *agentes* que fixam memória, impressionam e fazem referência à uma virtude (Yates, 2007 apud Leonardi, 2013) e por *representação*, a forma como os sujeitos constroem intelectualmente a realidade que os envolve (Chartier, 1991), de que modo religiosos que escreveram sobre a vida e obra de Madre Rossello produziram essa imagem, tanto da Santa quanto da congregação? E que imagens e representações são essas? Estamos lidando com representações religiosas que mobilizam discursos que nunca são neutros e esse entendimento é crucial para o melhor uso das fontes disponíveis.

## 1.2. Biografias, Hagiografias e Correspondências: uma discussão sobre fontes históricas no trabalho em História da Educação

### A Biografia e a Hagiografia

“A história sem biografia seria algo como um repouso sem relaxamento, uma comida sem gosto, quase como uma história de amor sem amor” (Albjerg, 1947, p. 246). A frase foi utilizada pela historiadora Sabina Loriga no debate que estabelece no capítulo intitulado *A biografia como problema*, presente no livro de Jacques Revel, *O Jogo de Escalas* (1998) para introduzir a problemática da fronteira que separa a biografia da história, fronteira essa que, segundo a autora, é bastante imprecisa.

A redescoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao “cotidiano”, a subjetividades outras”: por exemplo, a história oral, os estudos sobre a cultura popular e a história das mulheres. O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da história, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico. Nos anos anteriores, a maioria dos historiadores pensava que as classes populares não podiam ser objeto da história a não ser em uma abordagem quantitativa: como dizia François Furet em 1963, a noção de classes subalternas evocava toda uma ideia de quantidade e de anonimato. Contudo, entre o final dos anos 70 e começo dos anos 80, a atenção pouco a pouco se deslocou da atividade econômica e política do camponês ou o operário para a sua subjetividade e seu “vivido”. (p. 225-226)

Loriga indica que existiram dois momentos-chave que implicaram no distanciamento entre a história e a biografia. O primeiro teria relação com o êxito da história filosófica em fins do século XVIII e início do século XIX e o segundo seria devido, já no século XIX, à separação entre a história social e a história política.

O trabalho com as biografias ou a escrita delas se apresentaria como um problema para a história que se pretendia científica. A biografia ao privilegiar a dimensão individual não estaria consonante com uma história que não pode prescindir de método e que para adquiri-lo deveria ater-se à generalização e a quantificação (Malatian, 2008). Contudo, como já salientado por Loriga (1998), o século XX introduziu uma nova virada na disciplina histórica com historiadores e historiadoras que passaram a se ocupar de estudos sobre o cotidiano, tendo a subjetividade como possibilidade de análise.

O alargamento do conceito de fontes históricas não é recente. Com o movimento historiográfico dos *Annales* em 1929, é inaugurada a noção de história-problema. Uma história não mais limitada à narração de fatos, mas que coloca seus objetos através de uma

problemática. A tradição dos estudos históricos desloca seu foco de uma história política para outra, mais interdisciplinar, em que se faz presente o diálogo com a psicologia, a economia e a sociologia (Burke, 1997). Nesse contexto, a relação entre o passado e o presente passa a se realizar de maneira dialética e com o auxílio de outras Ciências Sociais.

Ao longo do tempo, a Escola dos Annales passou por transformações e os autores e grandes estudos realizados foram separados por Gerações. Aqui nos interessa a que Aguirre Rojas (2000) chamou de a 4ª Geração dos Annales<sup>40</sup>. Essa geração foi marcada pelas transformações ocorridas no mundo pós 1989, com a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética. Ela retoma os modelos fundadores do movimento historiográfico dos Annales e exalta novamente o diálogo com outras ciências e a narrativa histórica. Trata-se da Nova História Cultural que vai produzir estudos sobre conceitos tais como Práticas e Representações (Bourdieu, 1996; Chartier, 1990). Para além disso, essa nova história empreende um alargamento ainda maior que o realizado pela Geração anterior no que diz respeito às fontes com as quais trabalha o historiador ou historiadora. Esse alargamento permitiu novos olhares e trabalho heurístico de materiais como biografias e correspondências.

Mas novas fontes apresentam novos problemas e suscitam novas questões. Para Schmidt (2014), a biografia tem como foco a mobilização de uma verdade acrescida de uma lição de vida. Dadas essas características, as questões que se colocam são: Pode a biografia ser fonte histórica? O que a análise biográfica traz de indícios do vivido? A vida de uma pessoa, mais precisamente uma figura religiosa, colocada em biografia, é a vida daquela pessoa com tempo e espaço suspensos? Quais elementos presentes em biografias, além da descrição cronológica da vida de uma personagem e de uma lição, esse tipo de narrativa traz?

Uma problemática que se apresenta quando utilizamos biografias como fonte refere-se ao tipo de biografia utilizada. No caso das biografias escritas sobre a fundadora das FdM, todas foram produzidas e escritas por outras figuras religiosas, geralmente masculinas e, a partir do momento que nossa personagem vira santa<sup>41</sup>, a necessidade de refletir sobre a relação entre biografias e hagiografias se coloca. Segundo Certeau (2011):

---

<sup>40</sup> Ver a discussão em: AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio et al. La escuela de los annales ayer, hoy, mañana. 1999.

<sup>41</sup> Madre Rossello foi canonizada em 12 de junho de 1949 pelo Papa Pio XII.

A hagiografia é um gênero literário, que no século XII, chamava-se também de hagiologia ou hagiológica. Como o Pe. Delehaye esclareceu em 1905, numa obra que marcou época, *Les légendes hagiographiques*, ela privilegia os atores do sagrado (os santos) e visa a edificação (uma “exemplaridade”): “Será necessário, pois, reservar este nome a todo monumento escrito inspirado pelo culto dos santos, e destinado a promovê-lo”. A retórica deste “monumento” está saturada de sentidos, mas do mesmo sentido. É um túmulo tautológico (p. 241).

Ainda de acordo com Certeau, “a vida dos santos traz à comunidade um elemento festivo” (p. 245) e “a hagiografia é, a rigor, um discurso de virtudes”. Um grande exemplo do gênero foi a *Legenda Áurea*, coletânea de biografias de santos escrita no século XIII por Jacopo de Varazze, arcebispo de Gênova. A reunião de textos tinha por finalidade difundir *exemplas*<sup>42</sup> que poderiam ser utilizados em sermões para propalar valores morais edificantes para fiéis (Vovelle, 2010). Essas colocações nos auxiliam a pensar na forma como é celebrada a vida e obra de Madre Rossello nas biografias analisadas. Uma vida de retidão, contemplação, entrega e exemplo. Uma lição não só de vida, como salientado por Schmidt acerca do gênero biográfico, mas um exemplo a ser seguido, celebrado e festejado nos momentos-chave da congregação que estão inexoravelmente atrelados aos de sua fundadora.

Guariza (2015) em um artigo sobre *A história de religiosas brasileiras: entre biografias e hagiografias* busca tratar questões do debate sobre o que entende como dois estilos literários. Entende que as biografias se diferem das hagiografias devido ao conteúdo. Nas biografias, existiria a presença dos acontecimentos e o contexto histórico se faria presente ao longo da narrativa, enquanto que nas hagiografias, a trajetória do santo biografado apareceria quase que suspensa no tempo e no espaço. Mas a divisão não seria tão simples e entenderemos isso analisando o material que tivemos à disposição.

As nossas fontes apresentam não só Madre Rossello e sua trajetória de forma cronológica, mitificando sua existência e traçando um percurso linear de sua infância até a entrada na vida religiosa. Em todas as biografias analisadas encontramos a edificação da religiosa e de sua congregação, mas Rossello é situada no tempo e no espaço. Nas narrativas emergem o contexto social, político e cultural. O contexto de Invasões Napoleônicas na Itália, a situação de perda de terras pela Igreja Católica, as epidemias que assolaram a Europa do século XIX, bem como a percepção de uma descrença na fé por parte da sociedade italiana ao longo do tempo. Obviamente que as intenções do texto e o momento em que foram escritos são elementos que devem ser levados em consideração. Os documentos possuem um discurso

---

<sup>42</sup> Seriam modelos de conduta (Vovelle, 2010).

que, como já dissemos, tem a intenção de deixar uma herança, mas, em muitos momentos, ganham contornos de denúncia. Assim, buscamos entender essas fontes – que trazem a história e a memória da vida de uma mulher religiosa que virou santa, que é exemplo para as demais religiosas e que propagandeia uma congregação católica – não descartando a dimensão hagiográfica que possuem, visto que a biografada virou santa e os textos mobilizam discursos sobre suas virtudes, mas nos referiremos aos textos como biografias, pela presença do contexto político e social nos escritos<sup>43</sup>.

A justificativa para essa escolha é a de que os trabalhos sobre a vida de religiosas de congregações católicas, sobretudo as que foram mais tarde beatificadas e santificadas, – por serem mais abertas e terem seus membros transitado e participado da vida pública, ou seja, interagido com o tempo, o espaço, combatido a modernidade, mas o fazendo por dentro, participando dela – se encaixam no gênero textual biografia. Analisar e discutir biografias de religiosas de congregações não só nos faz entender que elas inauguraram uma nova maneira de relacionar com o tempo e o espaço, mas nos coloca questões sobre a forma como constroem memória. O fazem de que maneira?

Ao escrever sobre a configuração da memória no catolicismo Hervieu-Léger (2005) aponta que a ideia de memória religiosa como a memória verdadeira aparece como um problema para as novas correntes historiográficas que pautam que o conhecimento com o qual o historiador ou historiadora lidam não são necessariamente verdadeiros, mas discursos, traços ou vestígios do que aconteceu. O ofício do pesquisador ou pesquisadora seria o de reconstituição e a memória não seria o real – o que efetivamente aconteceu – mas um dos instrumentos utilizados pelo historiador para realizar esse trabalho de reconstituição. A história não seria a memória. A memória seria a matéria-prima da história ou ainda, como diz Ricoeur (2007), a memória não seria a matriz da história, mas um dos objetos do conhecimento histórico.

A autora explicita que a crise pela qual a memória passou se relaciona intimamente com a emergência da modernidade. E se a Igreja Católica e a memória religiosa se colocam a partir de um estatuto do universal e da verdade, uma das formas de negação da modernidade por parte dessa instituição se dá por estratégias que passam pela imposição ou disputa de uma memória que auxilie a manutenção de sua presença na cultura e na política das sociedades.

---

<sup>43</sup> A escolha também se deu pelo fato de que ainda que narre a vida de uma Santa, os livros são apresentados como biografias por seus autores.

Com o advento da modernidade ocorre uma fragmentação da memória. Hervieu-Léger fala que o processo de diferenciação das instituições, próprio da modernidade, implicou no fim das sociedades de memória. Assim, passaram também a existir memórias – no plural –: a familiar, a religiosa, a de classe etc. Houve, assim, a saída do universo da tradição, próprio da Igreja Católica. Essa fragmentação à qual a autora se refere não incidiu só na memória, mas acometeu o espaço, o tempo e as instituições. A Igreja Católica passa a ter como intenção maior “a continuidade de uma descendência de fé” e o faz a partir das disputas de memória e se colocando como mediadora da cultura moderna.

Essa discussão traz à tona outra a qual já nos referimos referente à relação estabelecida pela Igreja Católica com o tempo.

No caso das sociedades diferenciadas, onde prevalecem as religiões fundadas que provocam a emergência de comunidade de fé, sendo elas mesmas consideradas como tal, a memória religiosa coletiva torna-se o desafio de uma construção indefinidamente recomeçada, como se o passado inaugurado pelo acontecimento histórico de fundação pudesse ser assumido em todos os momentos como uma totalidade de significados. Na medida em que se aceita a suposição de que todo significado da experiência presente possa estar contido, de maneira pelo menos potencial, no acontecimento fundado, o passado fica sendo aceito simbolicamente como um todo imutável e situado “fora do tempo”, isto é, fora da história. Ligado constantemente a esse passado, o grupo religioso define-se objetiva e subjetivamente como uma “descendência de fé”. Isto quer dizer que o grupo se organiza e se reproduz totalmente a partir do trabalho de memória que alimenta essa auto-definição. Na base de toda crença religiosa existe efetivamente a crença na continuidade da descendência de fé (Hervier-Léger, 2005, p. 87)

Se a Igreja Católica se coloca fora do tempo, mas busca constituir memória reivindicando a tradição para que seja possível a continuidade de uma descendência de fé, podemos indicar que as congregações católicas, que dialogam com o tempo e o espaço devido à sua adequação à modernidade, atuaram como as mediadoras da Igreja com a modernidade e da Igreja com a sociedade.

### Correspondência como fonte histórica

A escrita de cartas é prática bastante antiga. Não é possível afirmar exatamente a origem, mas, de acordo com Doréa (2012), em se tratando de Ocidente, há registros da prática desde a Antiguidade Clássica. Tal tradição se difundiu principalmente entre os filósofos gregos. O autor acrescenta que vários documentos eram também escritos em formato de carta.

As cartas, entre outros aspectos, eram usadas como instrumentos de cunho administrativo e político, por chefes de Estado. Podiam assumir a faceta de relatório burocrático, contendo informações variadas, inclusive comerciais. Quando tomavam a feição de carta aberta, dotavam de caráter público pontos de vista individuais e de grupos. Também passou a ser comum, em certa época, o uso de cartas privadas com conteúdo informativo, a ponto de reconhecer-se, particularmente nos séculos XVI a XVIII, que elas circulavam com regularidade que chegavam a funcionar como uma espécie de jornal embrionário (Doréa, 2012, p. 55).

Assim, as cartas, durante muito tempo, não só encurtaram distâncias, mas funcionaram como elemento na criação de redes de informação e comunicação diversos. Por terem, ao longo dos anos, adquirido diferentes naturezas, passaram também a possuir diferentes funções comunicativas (Bezerra, 2003). Existem as cartas românticas, circulares, encíclicas papais, para amigos, de trabalho e outras tantas. A carta é um gênero textual, um tipo de texto, uma forma de enunciar. E por esse motivo, faz parte do que Marcuschi (2010) definiu como “atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder” (p. 8).

As cartas que são de nosso interesse são aquelas escritas pela superiora geral das FdM, que compunham um serviço não só de comunicação, mas de informação entre a Casa-Mãe da congregação e as casas que fundaram na América Latina.

Analisamos 62 cartas escritas por Madre Josefa Rossello, àquelas enviadas para as Irmãs que imigraram para a América, mais precisamente para a Argentina. A partir das cartas tomamos conhecimento dos locais para onde foram enviadas Irmãs, seus nomes, posições na hierarquia da congregação, angústias, demandas e empreendimentos na área da educação e saúde, principais áreas onde atuaram na América.

As cartas originais de Madre Rossello podem ser encontradas na sede da congregação, a Casa-Mãe que ficou conhecida como o 2º santuário da Misericórdia de Savona. Obviamente não tivemos contato com as originais, mas é possível acessá-las pelo site oficial da congregação no idioma original ou na visita ao CNSM que possui um exemplar traduzido do livro contendo as cartas.

Das 62 cartas analisadas, selecionamos 23 por trazerem informações acerca das relações estabelecidas pela congregação, além de conflitos e elementos do cotidiano das religiosas. Em muitas cartas os temas e assuntos se repetem: os pedidos de oração para as Irmãs enfermas, de realização de missas, a notificação de óbitos. A seleção empreendida não é neutra e se deu pelas perguntas que fizemos às fontes trabalhadas. Como a partir das cartas

podemos acessar o passado da congregação? Qual era a atmosfera vivida pelas freiras que imigraram para a América? Como isso foi sentido pelas que ficaram na Itália? Que elementos faziam parte do cotidiano das FdM? Como era a comunicação entre a Casa-Mãe e as demais casas?

Em nosso trabalho entenderemos as cartas em sua dimensão de correspondência e a explicação para isso não está no formato que aparecem, mas na relação que estabelecem. Só foi possível acessar as cartas escritas por Madre Josefa, sem sabermos das respostas, mas a partir delas temos acesso ao que as receptoras das epístolas diziam dada a periodicidade da correspondência – três meses entre elas – e a grande quantidade. A cada carta escrita foi possível pescar algumas respostas, invertendo a imagem produzida pelas palavras, como um negativo de fotografia (Benjamin, 1987). As cartas mais do que indicações e instrumentos de controle da Casa Mãe sobre as religiosas imigradas, aqui, são vistas como retratos de um tempo e de um espaço que nos chegam por pistas (Ginzburg, 1990) de acordo com as perguntas que lançamos ao passado, com o cuidado de não tomarmos como verdade o discurso contido nelas.

O crescimento do interesse pelo estudo de cartas e seu uso enquanto fonte histórica é relativamente recente no Brasil. Aguiar (2010) indica o encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em História (Anpuh), realizado em 2009, como um momento de debate importante sobre a temática. Investigando a trajetória e legado de Jan Hus, reformador religioso da Boêmia do século XV, Aguiar usou as cartas escritas pelo intelectual tcheco para sua pesquisa, e seu trabalho nos auxilia na reflexão sobre as intenções na escrita de cartas por Rossello e como podemos, a partir delas, aproximar a remetente das cartas de seu tempo. “Trabalhar com cartas é lidar com temporalidades bem diferentes e um protocolo de escrita que segue outro ritmo” (p. 100) é o que buscamos fazer, tendo em conta que entre uma carta e outra uma série de acontecimentos se deram e não teremos acesso a eles a não ser por pequenos rastros e menções.

As cartas de Rossello podem ser estudadas a partir do debate travado por Leonardi (2008) quando aborda as formas de constituir memória de congregações católicas. A autora indica em sua tese o ato de recordar como prescrição e coloca as cartas como elementos importantes nesse processo de educar na e pela memória. A troca de cartas foi prática comum entre Casas-Mãe e demais casas de congregações e em vários momentos do discurso da superiora geral veremos não só recomendações para as Irmãs que estavam longe de seu

controle, mas a mobilização de exemplos e condutas a serem seguidas a partir da exaltação da reputação da congregação, colocando em evidencia tudo o que conquistaram e ainda deveriam conquistar. As cartas serviam, sobretudo, para marcar a hierarquia da congregação. A quem as Irmãs deviam esclarecimentos e informações e aquelas que deveriam exigir tais condutas.

Leonardi (2008) fala da existência de “textos-controle, textos-heranças”. As cartas escritas por Madre Rossello estão até hoje presentes na sede da congregação em Savona, não foram escritas para serem publicizadas, o que acabou acontecendo mais tarde. As Regras e Constituições das FdM, por outro lado, não podem ser encontradas para consulta, mas sabemos, a partir das biografias escritas sobre a religiosa, que foi um bispo carmelita – não é citado seu nome – o responsável por redigi-las. Essa presença de figuras masculinas no cotidiano do Instituto da Misericórdia é bastante presente nas cartas. Muitas vezes escapa certo descontentamento de Rossello com relação, o que faz emergir em seu discurso algumas estratégias que determinadas intervenções fossem dribladas. Essa problemática diz respeito às próprias relações estabelecidas pelas FdM. Para isso, nos resta conhecer a origem e trajetória de Rossello e de “suas filhas”.

### 1.3. A morte de Jerônima Benedita e o nascimento de Madre Rossello: História de um coração grande<sup>44</sup>

O século XIX foi marcado pela influência da Revolução Industrial britânica, em termos econômicos, e política e ideologicamente pela Revolução Francesa (Hobsbawm, 2005). Esses dois grandes processos alteraram de maneira drástica a relação dos indivíduos com o tempo, o espaço, o trabalho e a religião. O tempo de Deus é suplantado pelo tempo do relógio. O cenário político escancara a oposição entre o mundo moderno e o mundo antigo e, com isso, o colorário da Igreja é colocado em risco. “Na Europa, especialmente na França, na Itália e na Checoslováquia, o Estado ou, mais especificamente, uma corrente laica, entrou em conflito com a Igreja Católica” (Da Silva, 2021, p. 39). A Península Itálica ficou submetida ao domínio napoleônico:

[...] desde as campanhas vitoriosas de 1786 até 1814, ano do colapso do Império após a Batalha de Leipzig, quando Napoleão foi forçado a abdicar em 6 de abril de 1814 e, cinco dias depois, a assinar o tratado de Fontainebleu que definiu o seu exílio na ilha de Elba. Durante estes 18 anos, a expansão das ideias francesas pelas tropas napoleônicas levou à formação de pequenas repúblicas aliadas à França, as

<sup>44</sup> Título de uma das biografias analisadas. Encontrada no CNSM voltada ao público infantil.

chamadas *repúblicas irmãs*, que em sua característica mais geral eram norteadas pelas ideias do jacobinismo francês, podendo citar como exemplo a República Romana (1798-1799), a República Partenopea ou Napolitana (1799) e as Repúblicas Cispadana e Transpadana (1796-1797) fundidas posteriormente sob o nome de República Cisalpina (1797-1802) (Hobsbawm, 1977 apud Dos Santos Narciso, 2021).

A República Cisalpina seguia a estrutura da França republicana. Napoleão empreendeu mudanças sensíveis na cartografia italiana com as regiões de Piemonte, Gênova, os Estados Papais e a Toscana anexadas, sendo governadas diretamente de Paris (Bertonha, 2015). Em Albissola Marina, região da Ligúria, no dia 27 de maio de 1811, ainda no cenário de domínio napoleônico em uma península fragmentada e dividida, nasce Jerônima Benedita Rossello.

A pequena Benedita nasce em um momento de tensão política e social que colocou o mundo católico em ebulição<sup>45</sup>. De família humilde e numerosa, seus pais, Bartholomeu Rossello e Maria Dedone, eram oleiros, fabricavam louças em cerâmica<sup>46</sup>. Os registros apontam que a criança teria sido batizada no mesmo dia em que nasceu, o que para seus biógrafos era evidência da extrema devoção de sua família à fé católica, contudo sabemos que a prática de batizar crianças logo que nasciam era comum devido à alta taxa de mortalidade infantil da época (Ariès, 1981).

Rossello é descrita como uma criança que respeitava a autoridade, disciplinada, sensível e devota, como são descritas religiosas em quase em todas as biografias de santas. Recebeu educação escolar e foi neste espaço que entrara em contato com os primeiros ensinamentos religiosos, sobretudo sobre a vida dos santos. Além da escola – que nas biografias não fica explícito como era o ambiente – frequentava a igreja com seus pais desde muito cedo. É dito também que se divertia trabalhando com a argila, que o pai utilizava nos trabalhos que fazia, e criava pequenas bonequinhas freiras com o material. Criava também cenários para “brincar de freira”<sup>47</sup>.

De pequena a devoção de Rossello se fazia enxergar em suas pequenas ações e na vontade que tinha de participar de tudo que envolvesse a fé católica e seus rituais. É mencionado por padre Martinengo (1885) que, em dada ocasião, na impossibilidade de participar de uma procissão saída do santuário de Nossa Senhora das Mercês em Albissola,

---

<sup>45</sup> Na breve biografia escrita por Vittorio Peri esse cenário de agitação por conta do domínio de Napoleão na Itália com a prisão domiciliar do Papa Pio VII é colocada como pano de fundo da história de Madre Josefa.

<sup>46</sup> Como trabalhamos com traduções em alguns textos encontramos que os pais de Rossello trabalhavam com cerâmica, outros mencionam barro ou argila.

<sup>47</sup> A informação aparece na biografia de Padre Martinengo.

Jerônima buscara organizar a própria procissão com a presença de crianças que convidou, saindo da capelinha Mater Misericordiae<sup>48</sup>. Para ela uma procissão também deveria poder ser feita por crianças, não só por adultos.

Nas biografias sobre Rossello a educação, traduzida como a vontade de aprender e ensinar, aparece como parte constituidora de sua personalidade, sempre descrita como uma irmã que ensinava o que aprendia aos irmãos mais novos em casa, fossem conteúdos escolares, fossem orações e ensinamentos de suas idas constantes à igreja. Os discursos contidos nas biografias visam situar em sua infância uma vocação não só religiosa, mas uma vocação religiosa associada à dimensão educativa, área que seguiu quando enveredou para a vida religiosa.

Aproximadamente aos treze anos se inscreveu na Ordem Terceira de São Francisco.<sup>49</sup> E de acordo com informações contidas no site *Santos e Beatos Católicos*, nesse momento, voltou sua atenção para o cuidado e instrução de jovens de bairros populares. Alguns anos mais tarde – a data não é precisa, mas indica-se os anos próximos a 1830 – Benedita tentara ingressar no Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima. Fundado por Madre Ângela Maria Sordi na Ligúria, em 1665, se tratava de Instituto que refletia a espiritualidade de santo Inácio de Loyola, fundador dos Jesuítas. Rossello não foi aceita na ocasião por não possuir recursos suficientes para pagar o dote necessário para o ingresso.

Monsenhor Vittorio Peri ao reunir textos e escrever uma breve biografia de Madre Rossello realiza uma aproximação da figura da religiosa e sua devoção com a da jovem Catarina de Sena<sup>50</sup>. Catarina de Sena nasceu em março de 1347, também de família numerosa e com poucos recursos, ingressou muito cedo na ordem de São Domingos. Essa associação do autor não parece ao acaso. Catarina era filha de um tintureiro, Benedita de um ceramista. Para Veri (2011) “mesmo distantes no tempo e no espaço [...] mostram traços naturais e espirituais muito semelhantes: determinação, criatividade, ousadia, grande amor pela oração. E, sobretudo, uma fé de 18 quilates” (Peri, 2011, p. 11). Como vimos, as biografias de tipo religioso, ou hagiografias com algumas adaptações, trabalham com exemplos de conduta e lição de vida. Assim, essa relação evidencia a intenção de edificar a memória de Madre

---

<sup>48</sup> De acordo com padre Martinengo a capela ficava na entrada de Albissola Marina.

<sup>49</sup> Na biografia escrita por Vittorio Peri a informação é de que Benedita teria se inscrito na Ordem Terceira Franciscana aos dezesseis anos.

<sup>50</sup> Para mais informações sobre Santa Catarina de Sena consultar: BASILIO, F.; FREI, Alves. Vida de Santa Catarina de Sena. São Paulo: Paulus, 1993.

Rossello com uma escolha narrativa que antevê o futuro quando conhecemos os eventos de sua infância, como se pela semelhança de vida com Catarina de Sena, Rossello estivesse destinada a ser santa.

A construção, nada sem motivo, da narrativa que tece semelhanças entre a origem e trajetória de outras santas com Madre Rossello se dá nos mesmos moldes de outras biografias que trazem a história de religiosas e congregações católicas. Como em quase todas as biografias de santas, todas sonhavam com uma vida religiosa desde a infância e pertenciam, em sua grande maioria, a famílias pobres, quando não eram pertencentes à uma elite arruinada (Leonardi, 2008). Rossello vinha de família pobre, como já salientado, e os percalços de sua vida e recorrentes perdas aparecem em sua história, nas biografias escritas, como forjadores de uma personalidade que aceita o que Deus oferece, com resignação e serenidade.

Entre os anos de 1830 e 1837, os dados são imprecisos, Benedita perdeu seu pai e uma de suas irmãs. Um pouco depois, sua mãe também faleceu. Diante de tamanhas perdas, passou a trabalhar na casa de uma família de sobrenome Monleone. O serviço realizado por Rossello consistia nos cuidados do homem da família, que era acamado. Mais tarde, este faleceu e sua viúva, na ausência de filhos, quis adotar a funcionária que cuidara tão bem de seu marido. Porém, para que pudesse receber a herança da família, uma das condições colocada pela viúva foi a de que Benedita não escolhesse a vida religiosa.

Benedita Rossello recusou a oferta. Nas biografias, os discursos constroem a ideia de que, ao longo do desenrolar dos acontecimentos, durante toda a vida, Rossello se preparou para ser religiosa e não desistiria do que acreditava ser sua vocação e missão, nem mesmo por conta de uma herança que lhe daria uma vida confortável. Os discursos produzem a imagem de alguém com ideias bem estabelecidas e objetivos, desde sempre, muito claros. Na biografia de Peri (2011), por exemplo, na ocasião da recusa da oferta dos Monleone, há a associação de Rossello com a santa Teresa D'Ávila. Ele diz que assim como santa Teresa, para Benedita Rossello só Deus bastava, que os ganhos financeiros não eram maiores que os espirituais. Imagens de retidão, humildade e virtude são mobilizadas nas biografias e isso é feito a partir da associação de Rossello a outras santas, todas exemplos de conduta.

À primeira vista, escolher seguir uma vida religiosa em detrimento do recebimento de uma herança parece ser algo fora de propósito. Quando pensamos em vida religiosa, na maior parte das vezes, o que vem em mente é a imagem da freira enclausurada, fechada para o

mundo, em uma situação de privação de liberdade. Entretanto, em se tratando do século XIX, a reforma das ordens religiosas promoveu transformações para uma vida conventual mais pragmática, como já vimos, com as congregações de vida ativa (Guariza, 2018). Dessa maneira, pertencer a uma congregação, nesse momento, garantia algum grau de autonomia e independência, além da participação “em uma vida pública com uma liberdade de ação que poucas mulheres leigas são suscetíveis de conhecer”. (Rogers, 2007 apud Leonardi, 2008). O que queremos dizer é que, muitas vezes, a escolha pela vida religiosa nesse momento não só envolvia uma crença em vocação ou devoção, mas era uma maneira de adquirir certa liberdade na sociedade.

O fato é que não foi ainda nesse momento que Rossello conseguira entrar efetivamente para a vida religiosa. Isso irá acontecer depois da epidemia de cólera na Itália em 1835 que, de acordo com Peri, a cidade de Savona – local de nascimento de Rossello – fora a única a não registrar mortes pela doença. Tal feito foi associado à devoção da população à Nossa Senhora da Misericórdia e às ações do bispo Monsenhor Agostino De Mari.

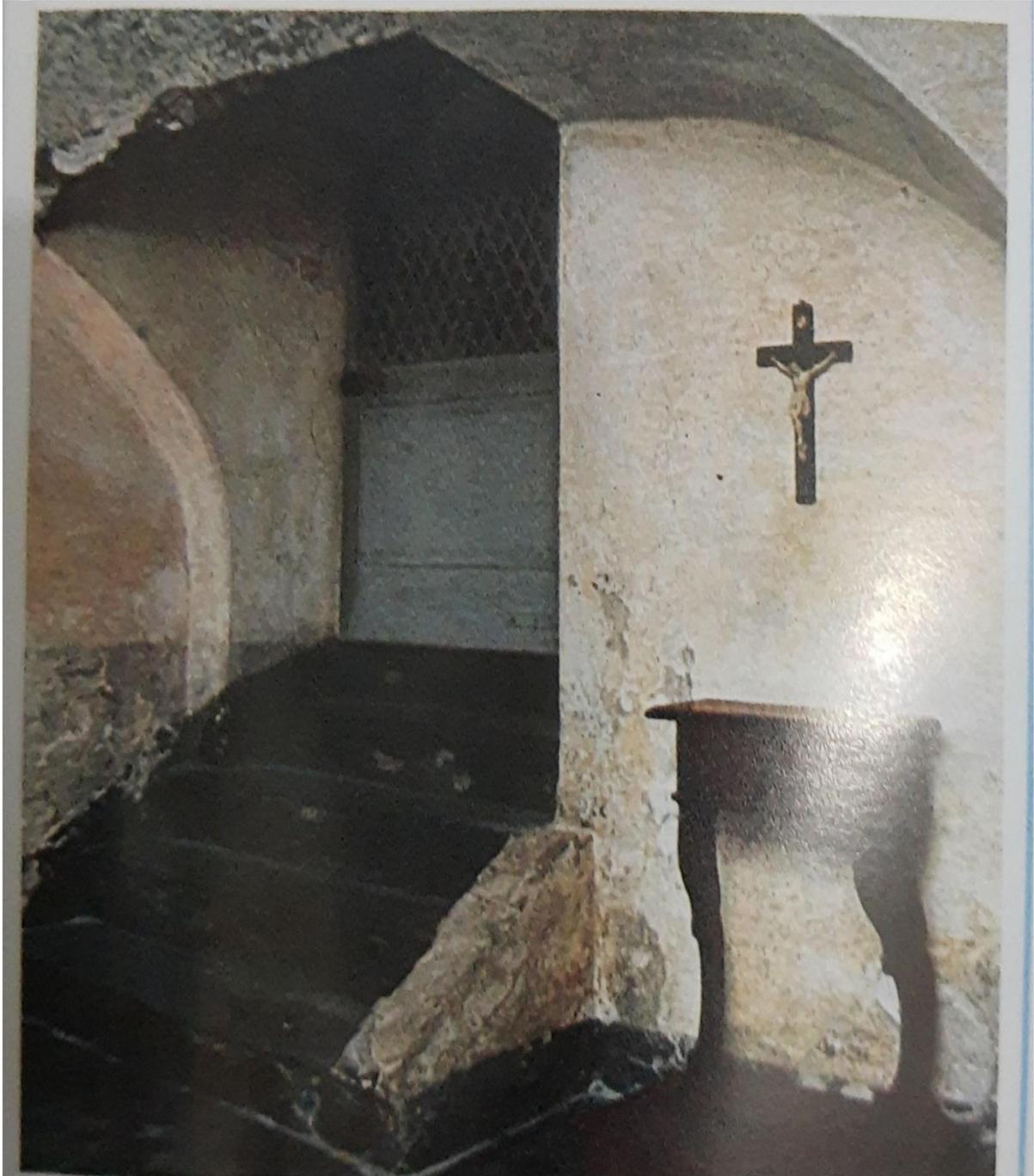
A cidade é quase toda preservada da epidemia e o Município, pela graça recebida, oferece no santuário uma lâmpada votiva com a seguinte inscrição: *Morbo exitiali ubique saeviente Savona tertio in columis. Deiparae servidores, MDCCCXXXV* (Savona incólume da fatal doença que em toda parte assolava, à Mãe de Deus, que pela terceira vez a salvou, 1835) (Peri, 2011, p. 14)

O bispo De Mari é descrito por Martinengo (1885) como o “bispo dos pobres e o bispo dos senhores”, de família ilustre da aristocracia de Gênova. De Mari via com preocupação a educação na região:

[...] aborrecido por um casual encontro pela rua com algumas meninas descomedidas que abertamente ridicularizaram o seu convite a um comportamento diferente, decide que necessita fazer mais pela educação das jovens. Pensa em uma nova obra para confiar a alguma mulher corajosa e fala com os colaboradores (Peri, 2011, p. 16)

Foi sob as ordens de De Mari que, em 10 de agosto de 1837, Rossello recebeu uma casa modesta, antigo abrigo de peregrinos, chamada *A Comenda*. A casa serviu como local de início do que veio a ser o Instituto da Misericórdia, fundado por ela e mais três mulheres, Ângela e Domingas Pescio e Paulina Barla. Ângela Pescio, por ser a mais velha, assumiu inicialmente o compromisso de guiar a comunidade recém criada. Na Figura 1 temos o interior da Comenda.

Figura 1 - "A Comenda", primeira casa das FdM (interior)



Fonte: Peri (2011)

O Instituto da Misericórdia surgiu com poucos recursos, com obras voltadas para o atendimento à população mais pobre, às crianças abandonadas e, sobretudo, à educação de meninas. É dito que o Instituto começou com “um crucifixo, algumas cadeiras, uma mesa, quatro camas pobres e um saco de batatas” (Peri, 2011, p. 17). A pobreza e a precariedade como marca do início de fundações de congregações e a abertura de suas casas é comum na

história de várias congregações católicas (Leonardi, 2008). Vemos que muda a congregação, mas a história – o que as deveria constituir – continua a mesma, com os mesmos elementos indicativos de santidade e sucesso na missão.

Em 22 de outubro, em uma sala da Comenda, aconteceu a primeira vestição e cada Irmã assumiu diante do bispo um nome e hábito novos. Benedita, por sua devoção à Virgem Maria e a São José, escolheu o nome Maria Josefa e junto às três Irmãs elegeram para a congregação o nome Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia. As palavras do bispo na ocasião foram “Multiplicai-vos e fazei-vos santas [...] daqui há dois anos, com os santos votos, voltarei para esposar-vos a Jesus” (Peri, 2011, p. 18), mas mesmo sem os votos, poucos dias depois, as FdM começaram suas ações com aulas gratuitas para crianças pobres e pagas para àquelas que tinham posses. Vemos assim, que o Instituto ainda que nasça de forma modesta e com o objetivo de amparar as camadas em maior vulnerabilidade social também acolhia meninas que pudessem pagar pelos serviços, o que provavelmente auxiliava na manutenção da Casa-mãe, recém aberta, e na própria continuidade do projeto da congregação.

Em agosto de 1839, passados os dois anos mencionados pelo bispo De Mari, as primeiras FdM professaram formalmente os votos religiosos. A cerimônia dessa vez não aconteceu na sala da Comenda, mas na capela do arcebispado. No momento eram sete as religiosas. E, mais tarde, ainda nesse ano, a irmã de Madre Josefa, Ana Maria, se uniu as FdM. Ao falar sobre a entrada de mulheres na vida religiosa, Rogers (2007, apud Leonardi, 2008) elenca alguns motivos para o fenômeno. Dentre eles estão o conhecimento pessoal com outras freiras, o encontro com membros da família que já estavam em alguma organização religiosa e o desejo de conhecer uma vida melhor que a que tinham em casa e na sociedade. Assim, ter uma irmã pertencente à uma congregação religiosa que passou pelas perdas semelhantes, parece ter sido o motivo que levou Ana Maria a se juntar às FdM.

A Comenda ficou pequena para as congregadas. As biografias apresentam o interesse das Irmãs por um imóvel mais apropriado para o Instituto. Ao lado da Comenda, tinha uma casa de propriedade de Francesca Balbi, de Brignole<sup>51</sup>, que as Irmãs viam como ideal para o Instituto, a escola e sua vontade de expansão. Tal mulher, de acordo com Peri (2011), conhecia a benevolência do bispo De Mari com as FdM e por isso resolveu alugar a propriedade para as Irmãs e depois, inclusive, vendeu-a para elas. Não sabemos quem foi

---

<sup>51</sup> Parte do município de Rezzoaglio, no vale do Aveto. Faz parte da região da Ligúria.

Francesca Balbi, mas podemos inferir que fosse alguém com condição financeira que permitiria essa oferta, possuidora de imóvel próprio, disponível para negociação, com relações com o bispo da cidade e provavelmente católica. A partir dessa relação e da transação realizada, no verão de 1840, as FdM se mudaram para a nova sede. Nela, por voto unânime, Madre Rossello se tornou a nova superiora geral da congregação, cargo que ocupou por 40 anos até o dia de sua morte. Na Figura 2, Madre Rossello em seus primeiros anos de Instituto.

Figura 2 - Madre Maria Josefa Rossello



Fonte: [https://www.figliensmisericordia.net/cnt/wp-content/uploads/2017/10/madre\\_rossello\\_07.jpg](https://www.figliensmisericordia.net/cnt/wp-content/uploads/2017/10/madre_rossello_07.jpg) (Acesso 12 mar. 2024).

Em 1840, a nova sede é a única casa que as FdM possuem. No átrio da Casa-mãe foram colocadas duas imagens: a da Virgem Maria e de São José. O uso dessas imagens é crucial para compreendermos a constituição da identidade de uma FdM. De acordo com Almeida (1999 apud Leonardi, 2013) as “representações em imagens que absorvemos no cotidiano fazem parte de uma educação cultural, estética, política e de memória, [...] as congregações católicas, como forma específica de organização no interior da Igreja, [...] também eram produtoras de memória e de imagens” (p. 296). A utilização da imagem de Maria e São José não são aleatórias. Leonardi (2013) retomando os estudos de Yates (2007) expõe o conceito de *Imagens Agentes* traduzidas como “aquelas que impressionam, marcam, se fixam na memória e têm a finalidade de lembrar o indivíduo seja de um texto, de uma frase ou de uma virtude “(p. 302).

Ter as imagens da Virgem Maria e São José logo na entrada do Instituto favoreceria não só a memória das Irmãs da Misericórdia com relação às suas virtudes, mas seria uma espécie de carta de apresentação da congregação para quem ali entrasse. A forma como gostariam de ser vistas, pelas dimensões da pureza, humildade, entrega a Deus e a própria misericórdia. O dicionário Michaelis traz alguns significados para o vocábulo “misericórdia”, o utilizamos, aqui, com o significado de “ato por meio do qual se beneficia alguém; caridade”<sup>52</sup>. Acreditamos ser o melhor uso devido à missão da congregação e pela dimensão da ação social própria das congregações católicas.

A morte do bispo De Mari também se deu no mesmo ano, 1840, e o acontecimento é colocado nas biografias como um momento delicado para as FdM pela perda da autoridade protetora. De acordo com Martinengo (1885) o medo do fim do Instituto era uma realidade. Para o primeiro biógrafo de Rossello, as religiosas temiam o fim, já aqueles que governavam a diocese, o aguardavam. A colocação do padre autor evidencia que havia um desencontro entre a diocese de Savona e as FdM, talvez isso se explique pelo fato de Monsenhor De Mari ter deixado em ato testamentário uma propriedade agrícola em benefício das Irmãs, dado mencionado por Peri ao se referir à morte do bispo. A questão é que, por não terem personalidade jurídica civil, algo que já tinha sido requerido por De Mari, as FdM não podiam receber a herança deixada. Esse reconhecimento veio um ano mais tarde, em 12 de junho de 1841, pelo rei da Sardenha, Carlos Alberto.

---

<sup>52</sup> Ver: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/miseric%C3%B3rdia/>

Em 1842 a chega um novo bispo, Alessandro Ottaviano Riccardi, que, de acordo com as fontes, era tão admirador e benfeitor do Instituto tanto quanto De Mari. Com o reconhecimento civil e o apoio de Riccardi, o Instituto da Misericórdia iniciou um processo de expansão. As Irmãs receberam um convite para trabalhar no Hospital de Varazze e abrir uma escola gratuita para meninas pobres na região.

Nos textos reunidos por Peri é dito que Madre Josefa acompanhou as quatro religiosas enviadas para Varazze e ficou com elas por alguns meses para que as ajudasse na adaptação ao ambiente hospitalar e para “suavizar a antipatia de um médico muito hostil à presença delas” (Peri, 2011, p. 20). A presença de Rossello nesse momento pode ser explicada por alguns motivos. Com a expansão de congregações católicas, nesse momento ainda dentro da própria Itália, mas mais tarde para fora dela, era temor das superiores de congregação a distância física que impedia o controle de religiosas, o exame de suas condutas e o desempenho de funções e ações de acordo com os interesses do Instituto. Esse controle não se dava somente com a presença da superiora geral. Na realidade, nesse momento de início do Instituto era natural que a própria madre superiora quisesse estar presente. Mais tarde, veremos com a ida das FdM para a Argentina que em momentos de imigração era primordial que uma religiosa mais velha, leia-se mais experiente e com “mais juízo”<sup>53</sup>, guiasse as mais novas nas viagens.

Quando foi para Varazze, Madre Rossello também se encontrou com um padre Carmelita a quem o bispo De Mari havia pedido para escrever as Regras da congregação. Embora a congregação tenha sido fundada por mulheres e o bispo confiasse nelas para educar as meninas da região, os homens religiosos eram vistos como aqueles que pensavam, produziam textos, escreviam a história, os exemplos e orientações. As Irmãs “executavam as ações ordenadas por eles, eram apresentadas como suas mãos e braços, artesãs” (Leonardi, 2008). Contudo, é interessante observar que mesmo tendo um homem sido o responsável pela escrita das Regras das FdM, sua superiora geral, madre fundadora, fazia questão de examinar de perto a confecção do texto.

Embora o momento fosse de expansão, as biografias apontam que, na prática, o movimento se refletiu mais na ocupação de lugares e recebimento de convites para trabalhar, do que na prosperidade financeira do Instituto. Recorrentemente, aparecem menções à fome

---

<sup>53</sup> A ideia de que uma religiosa mais velha seria alguém de mais juízo é trazida em uma das cartas escritas por Rossello para as Irmãs na América.

que as Irmãs passavam, aos momentos de dificuldade e sacrifícios de Rossello. Não são incomuns as referências à fragilidade da saúde da superiora geral das FdM. Essa fragilidade levou a um período de convalescência de Rossello na casa episcopal de Noli, de frente para o mar, para recobrar sua força e vitalidade. O período de recuperação foi de 1843 a 1845 quando a religiosa voltou à Savona e foi aprovada a Regra do Instituto. Esse reconhecimento canônico deu novo impulso às FdM, que em 1846 já contavam com 40 Irmãs. O número expressivo fez com que a Casa-mãe, a Balbi-Brignole, ficasse pequena. Assim, as Irmãs adquiriram um imóvel contíguo (Peri, 2011).

Ainda em 1846, em meio a fase de expansão do Instituto, Ana Maria, irmã de Rossello faleceu. Tal acontecimento é colocado nos discursos para aumentar ainda mais a ideia de provações e sacrifícios pelos quais passa Madre Josefa, com uma vida marcada por recorrentes perdas. Em 1854, uma nova epidemia de cólera assola a região da Ligúria e, dessa vez, as FdM são colocadas como àquelas que ficaram na linha de frente do cuidado com os enfermos. Vimos que a área da educação foi a primeira à qual se dedicaram às FdM, mas, com o passar do tempo, quando as necessidades da população compreendiam as áreas da saúde e assistência social, não foram poucas as vezes que recorreram às religiosas do Instituto.

A assistência social apareceu como parte da identidade da congregação em um novo empreendimento realizado pelo Instituto da Misericórdia quando do contato de Rossello com Nicolò Olivieri, um sacerdote genovês. O religioso era engajado na missão de resgate de crianças e adolescentes de navios negreiros. Em 1855, Rossello recebeu de Olivieri três meninas negras para educá-las e alimentá-las. Martinengo (1885) acrescenta que para Rossello o resgate não era o suficiente, era necessário instruir as meninas. Peri (2011) cita as palavras da Madre ao se dirigir a Olivieri: “Quando não souberdes onde colocar essas pobres meninas negras, trazei-as a mim. Se tiverdes algumas doentes e defeituosas, que nos outros institutos são recusadas, lembra que eu estou sempre disposta a recebê-las” (p. 26). Na Figura 3 podemos ver Rossello com duas das meninas resgatadas dessas missões.

Figura 3 - Madre Rossello com meninas resgatadas da África



Fonte: [https://www.figliensmisericordia.net/cnt/wp-content/uploads/2017/10/madre\\_rossello\\_03.jpg](https://www.figliensmisericordia.net/cnt/wp-content/uploads/2017/10/madre_rossello_03.jpg) (Acesso em 14 de mar. De 2024)

Esse movimento da congregação se voltar para o resgate de meninas na África, de acordo com as biografias, fez Madre Rossello aceitar no Instituto Josefa Ranzini, uma mulher já comprometida com o resgate de meninas que seriam escravizadas. Ranzini não era uma Irmã religiosa e seu trânsito no mundo “na condição de vida secular e coligando-se ao Instituto por meio de vínculos espirituais formou as Associadas Leigas do Apostolado da Misericórdia (Alam)<sup>54</sup>, reconhecida pela Igreja em 1982” (Peri, 2011, p. 26). Aqui cabe

---

<sup>54</sup> As Associadas Leigas no Apostolado da Misericórdia (ALAM) exprimem este carisma com a formal promessa (aprovada pela Igreja em 1995) de testemunhar e difundir a misericórdia no próprio ambiente de vida e de trabalho. Têm ainda Os Sacerdotes da Misericórdia (SdM), nascidos na pequena Casa de Clérigos, fundada por Rossello em

destacarmos que muitas congregações, como já salientado, nasceram de organizações oficiosas e as associações leigas entram na rede de relações das congregações como um braço importante na condução de seus empreendimentos. A questão é que não era incomum a presença de leigas atuando ao lado de congregações católicas.

O engajamento das FdM na missão de resgate de escravizadas as alertou para a necessidade de olhar outras meninas em situação de vulnerabilidade e, conseqüentemente, agiram na expansão do Instituto. Nas biografias aparece nesse momento a questão financeira como entrave, mas, ao mesmo tempo a “Providência” como dribladora de problemas dessa monta. Os discursos trazem afirmações como “quem tem fé não se lamenta do vento contrário, mas espera que mude e, sobretudo, orienta suas velas”, “ela descobre uma necessidade e concebe a obra para provê-la”, “considera os meios para resolver os problemas e as dificuldades, discerne as pessoas e a parte que se destina a cada uma”, “esta é Madre Rossello: uma mulher positiva, decidida, rica em fé [...] sabe que nada é impossível a quem crê, como ensina o Evangelho e como aprendeu do exemplo de sua dulcíssima Mãe de Misericórdia” (Peri, 2011, p. 27). A ideia é de que podem ser os problemas imensos e por assim serem, imensa é também a sabedoria, prudência e paciência de Madre Rossello para resolvê-los. Os discursos constroem uma imagem de mulher forte, destinada ao sucesso em suas obras não só por destino, mas por persistência, pelas “mãos ao trabalho”.

Na ânsia por expansão, em 1859, Rossello tomou conhecimento da venda de um palácio na periferia de Savona. A biografia de Martinengo (1885) traz a informação de que o bispo Riccardi não foi favorável à compra. Mesmo com a falta de apoio, a superiora das FdM resolveu seguir seu coração. Sua devoção a São José apareceu como a maior motivação para a resolução de comprar o espaço. A adoração de Rossello a São José é central nos discursos construídos sobre ela. O santo aparece como uma espécie de conselheiro. A festa de celebração do Instituto da Misericórdia, chamada de “Festa dos Corações” era celebrada no dia de São José, 19 de março. O dia de São José era, assim, o dia de comunhão das superiores das casas da Misericórdia.

De acordo com Augras (2005), o culto de São José remonta ao século V, no Oriente, tão antigo quanto o culto de Maria. A imagem de São José foi construída com a centralidade nos

---

12 de abril de 1869 em resposta às dificuldades religiosas e sociais da época, desde 1982 fazem parte da Família segundo o seguinte estatuto: são sacerdotes diocesanos que se inspiram no carisma. Há ainda Os Colaboradores Leigos Agentes da Misericórdia (CLAMI) que são jovens, adultos, famílias, grupos eclesiais que se associam à Família Rosselliana para participarem do carisma (Peri, 2011).

valores de humildade e em sua profissão de carpinteiro. O pai de Rossello também trabalhava com as mãos, era oleiro, e a religiosa tinha como lema “coração a Deus, mãos ao trabalho”. Podemos compreender a escolha do padroeiro por Rossello a partir do entendimento de que para ela a vida religiosa e a aproximação com Deus se davam pela ação no mundo, pela dimensão do trabalho. A escolha associa-se, também, à forma como congregações católicas dialogaram com a modernidade a partir de um novo modo de ser freira. Um modo em que suas práticas e ações eram elementos centrais da identidade dessas religiosas.

O Instituto da Misericórdia recebeu o reconhecimento como obra pia no ano de 1862 o que trouxe para as Irmãs professoras “obrigação de regularizar títulos escolares e, para o Instituto, a prestação de contas financeira” (Peri, 2011, p. 30). Cabe abrir, aqui, um parêntese sobre a criação em abril de 1869 da Casa de Clérigos por iniciativa de Madre Josefa. A casa tinha como intuito acolher rapazes pobres possuidores de vocação para o sacerdócio. Foi aberto um pequeno seminário que foi fechado mais tarde por falta de recursos, mas que formou três alunos sacerdotes. A gradativa ampliação de suas obras, mesmo que algumas não fossem levadas adiante, levou as religiosas da Misericórdia a buscarem ampliar suas relações.

O Papa na ocasião era Pio IX (1846-1878), o pontífice que, a partir da encíclica *Quanta Cura* (1864), condenou o que acreditava serem os erros da modernidade. O santo padre relacionava-se estreitamente com o ultramontanismo caracterizado “pela aversão ao mundo moderno, centralismo da doutrina católica e a forte tendência de superestimar a Idade Média, saudando-a como o grande modelo de perfeição da humanidade” (Manoel, 2004 apud Batista, 2011). Esse apreço pela Idade Média fez com que a grande marca do ultramontanismo fosse, sobretudo, o combate ao liberalismo e o racionalismo, ideologias da modernidade. As congregações católicas, nesse contexto, foram um dos instrumentos da Igreja Católica no combate a modernidade e ao liberalismo.

A escolha por introduzir a figura do Papa Pio IX em nossa história se dá pela relação que o pontífice estabeleceu com as FdM de acordo com as biografias analisadas. O contato, de acordo com Peri (2011), se deu na ocasião do Concílio Vaticano I.

O Concílio Vaticano I teve seu início em 8 de dezembro de 1869, na Basílica de São Pedro, sob a presidência de Pio IX. A Assembleia Conciliar propunha-se, além da condenação dos erros modernos, a definição da doutrina católica sobre a Igreja. O que se realizou, nas três sessões, foi a discussão e aprovação só da *Constitutio dogmatica prima Ecclesia Christi*, sobre a infalibilidade e o primado do bispo de Roma. As discussões e a aprovação desta última constituição foram realizadas sob vários contrastes, que desembocaram, de maneira especial na Alemanha [...] O

estouro da guerra franco-prussiana causou a suspensão do Concílio, que nunca mais foi retomado, mas, oficialmente, não foi fechado (De Souza, 1998, p. 31).

De acordo com a narrativa de Martinengo, Madre Rossello e algumas FdM – não é apresentado um número de Irmãs – visitaram Roma na ocasião, já em junho 1870, antes da suspensão do Concílio, em 20 de outubro. O padre biógrafo situa Madre Rossello na audiência geral do Concílio e afirma que ela teria sido acolhida por Pio IX, que se dirigiu a ela com as palavras: “Eis a Misericórdia!” (Martinengo, 1885, p. 220). Já mencionamos a cautela que devemos ter com relação às fontes, não tomando como verdade o conteúdo delas, mas o fato é que os discursos das biografias buscaram construir uma relação de proximidade entre Rossello e o Pio IX, colocando o pontífice na rede de relações estabelecidas pela religiosa. Assim, inferimos que o fizeram para trazer legitimidade às ações do Instituto, principalmente depois de seu reconhecimento como obra pia. Sabemos que a política de Pio IX tinha a aquiescência do Instituto da Misericórdia, resta-nos saber como às FdM se colocaram como instrumento de combate à modernidade fora de seu país de origem.

#### 1.4. As Filhas da Misericórdia nos primórdios da “Era das Congregações”<sup>55</sup>

Já mencionei o desejo ardente que buscava em Madre Rossello boas obras, nunca saciadas, de usar suas Filhas além das montanhas e além do mar, nos países mais bárbaros e distantes, para a salvação dos povos infieis. Ela as teria enviado de bom grado ao Japão e à China, se a Providência lhe tivesse aberto o caminho. Em vez disso, ela as mandou através dos mares na direção oposta (Martinengo, 1885, p. 232).<sup>56</sup>

Na verdade é para invejá-las aí na América onde podem fazer tanto bem, enquanto nestes lugares a religião está sendo cada vez mais perseguida. Proíbem ensinar o catecismo nas escolas e em Gênova tiraram Nossa Senhora das Portas da cidade (Cartas de Santa Maria Josefa Rossello, 11 de janeiro de 1878, p. 139)

O primeiro trecho acima foi escrito por padre Martinengo na biografia sobre Madre Rossello no momento em que o autor introduz o encontro dos caminhos das FdM com a Argentina, mais precisamente Buenos Aires. O segundo trecho foi escrito pela própria Madre Josefa em carta à Vigária Maria Domitilla Coli, que participou da 4ª expedição das FdM para a América, em 14 de outubro de 1877. Escrito em 1878, com as Irmãs já estabelecidas na

<sup>55</sup> Águeda Bittencourt se refere ao período entre fins do século XIX e meados do século XX em que congregações católicas, sobretudo italianas e francesas, imigraram para o Brasil como “A Era das Congregações”. O processo se intensifica no século XX.

<sup>56</sup> “Gia sopra ho toccato dell’ardente Desiderio che frugava dentro la Madre Rossello d’opere buone non mai sazia, di adoperar ele sue Figlie oltre monti e oltre mare ne’ paesi più barbari e lontani, alla salute dei popoli infedeli. L’avrebbe mandate volentieri fino al Giappone e alla Cina, se la Provvidenza glie n’avesse aperta la via. Invece le chiamava al di là dei mari sì, ma in contraria direzioni. (Original em italiano).

região, a passagem destaca o temor da superiora geral da congregação com relação à situação do catolicismo na Itália.

Escolhemos os dois trechos para iniciar essa seção porque um deles traz os desejos e anseios de Madre Rossello na expansão das FdM com a ida para a Argentina e o outro apresenta a visão que tinha do cenário político italiano. Essa visão a fazia, de alguma maneira, invejar as Irmãs imigradas. Os dois trechos nos instigam a pensar nas motivações da imigração da congregação para a América dentro do contexto de tensões e disputas que marcaram a Europa e a América Latina no século XIX.

Em 1867, Martinengo (1885) aponta que surgiu para as FdM um convite para que Madre Rossello enviase religiosas que pudessem auxiliar na epidemia de cólera que assolava a cidade de Buenos Aires. Esse convite teria partido do arcebispo da cidade, Mariano José de Escalada. O arcebispo argentino teria pedido ao bispo de Savona, na ocasião Monsenhor Riccardi, que enviase religiosas e pela reputação da congregação na atuação com a cólera em Savona era quase certo que seriam as FdM as enviadas. Acontece que a viagem não aconteceu porque no intervalo entre o primeiro contato e o desenrolar da negociação, para o desânimo e desolação de Escalada, o novo Governador da República Argentina, “Guglielmo Castro [...] como bom liberal, não quis saber de compromissos assumidos no governo anterior e recusa às freiras qualquer subsídio”<sup>57</sup> (Martinengo, 1885, p. 234). O arranjo anteriormente foi realizado entre Madre Rossello, monsenhor Escalada, Dom Alfonso Alzina e o Cônsul Gazzolo.

Desde o ano de 1867, quando a cólera grassava em Buenos Aires, e era grande o medo e a fuga do povo e o abandono dos moribundos e mortos nas casas e ruas da cidade, o Governador daquela República, Dom Adolfo Alzina, tinha combinado com o Arcebispo Escalada trazer da Europa cerca de sessenta Irmãs para cuidar dos pobres doentes em casa. As primeiras negociações com a França fracassaram e um dia o Arcebispo desabafou o seu descontentamento com aquele belo cavalheiro e cristão, o Comendador Giambattista Gazzolo, então Presidente da Universidade e dos Estudos de Buenos Aires, agora Cônsul em Savona da República Argentina, que várias vezes, no decurso das suas expedições, tinha tido ocasião de visitar Savona e conhecer as suas instituições, sugeriu a Escalada que tentasse o bispo desta cidade, se ele podia e queria concordar com as Irmãs da Misericórdia<sup>58</sup> (Martinengo, 1885, p. 232-233).

<sup>57</sup> Guglielmo Castro, costui da buon liberale, non volea sapere degl'impegni presi dal governo anteriore, e ricusava alle suore ogni sussidio. (Original em Italiano)

<sup>58</sup> Fin dall'anno 1867, imperversando a Buenos Aires il colera, e grande essendo lo spavento e la fuga delle genti, e l'abbandono dei morenti e dei morti per le case e le vie della città, il Governatore di quella Reppublica, Don Adolfo Alzina, s'era inteso coll'o Arcivescovo Monsignor Escalada di far venire d'Europa una sessantina di Suore per l'assistenza dei poveri infermi a domicilio. Fallite le prime trattative colla Francia, a sfogandosene un dì l'Arcivescovo con quel fior di galantuomo e di cristiano che è il Commendatore Giambattista Gazzolo, Presidente

As negociações fracassaram, mas o Cônsul Gazzolo aparecerá mais tarde no caminho das FdM. Por ora, destacamos que as congregações católicas imigraram tendo algumas motivações e isso se dava mediante convites. O argumento central era que estavam orientadas por uma política de expansão da Igreja Católica que, como já salientamos, se viu perdendo patrimônio e espaços simbólicos nas sociedades devido aos processos de secularização e laicização na Europa e visava recuperá-los expandindo-se para fora do continente europeu. Mas, para além desse grande projeto, as congregações aproveitaram, muitas vezes, esses convites que chegavam e que vinham de autoridades políticas e elites eclesiásticas da América para agirem na manutenção de seus institutos. Bittencourt (2017) fala sobre o processo de imigração das congregações católicas e o que motivava os convites para atuarem no Brasil, mas podemos estender a análise para a América Latina de forma geral, local de grande imigração de congregações católicas nos fins do século XIX e início do século XX:

Quando examinadas as escolhas de congregações [...] é possível compreender que algumas foram chamadas especificamente para cuidar de santuários, outras para gerenciar editoras, outras ainda para oferecer atendimento a crianças, jovens e “pessoas com deficiências”, e para servir em hospitais ou fundar colégios. Boa parte dos convites especificava os serviços a serem prestados e seus destinos. Aparece, nas narrativas históricas [...] a busca por pessoal especializado, seja pelo domínio da língua – no caso do atendimento aos imigrantes poloneses, italianos, alemães e libaneses –, para tornar possível a evangelização, a educação ou assistência à saúde, seja pelo domínio de saberes específicos, como é o caso das enfermeiras, professores, dos editores e dos responsáveis por santuários (Bittencourt, 2017, p. 42)

O fato é que esses convites foram motivadores do trânsito de religiosas pela América. Em 1870, no mês de dezembro, um fato novo aconteceu, de acordo com Martinengo (1885).

[...] o arcebispo de Buenos Aires escreveu ao bispo de Savona<sup>59</sup> e este, por sua vez, transmitiu o conteúdo à Madre: era um acontecimento novo. A senhora Pascualina Amat havia morrido em Buenos Aires, deixando um rico legado ao arcebispo, para que, a seu bel prazer, pudesse investí-lo em uma instituição de caridade. O arcebispo havia pensado em atribuí-lo, como subsídio, às Filhas da Misericórdia, para que se estabelecessem naquela cidade e pudessem realizar o trabalho que lhes foi oferecido e que o Governo se recusou a promover. Por enquanto ele estava apenas anunciando o caso; o resto seria tratado pessoalmente pelo bispo de Savona, em Roma, onde ambos se encontrariam por ocasião do Concílio Vaticano (Martinengo, 1885, p. 238).

---

allora dell'Università e degli studi di Buenos Aires, ora Console a Savona della Republica Argentina, questi che più volte nel corso delle sue navigazioni aveva avuto occasione di toccar Savona e conoscerne le istituzioni, suggerì a Escalada di tentare il Vescovo di questa città, se mai potesse e volesse concerdergli le Suore della Misericordia. (Original em Italiano)

<sup>59</sup> Desde 1867 o bispo de Savona deixa de ser Monsenhor Riccardi e passa a ser Monsenhor Juan Bautista Cerutti (Martinengo, 1885).

Já mencionamos a presença de Madre Rossello em Roma na ocasião do Concílio Vaticano I. No evento, teve a oportunidade de encontrar o bispo Escalada e organizar a ida das FdM para sua diocese. Acontece que arcebispo faleceu pouco tempo depois, ainda em sua estadia em Roma e o acordo ficou suspenso por um tempo. Foi somente em 1875, depois de novo convite, do arcebispo sucessor de Escalada, Federico Aneiros, que foi possível imigrarem para a América<sup>60</sup>.

E aqui aparece novamente Gazzolo. Juan Bautista Gazzolo era o reitor da Universidade de Buenos Aires e ocupou o cargo de Cônsul da República Argentina em Savona por alguns anos. Conhecedor do trabalho das FdM, tinha o interesse de que fossem para a América. “No final de janeiro de 1875, recebeu um envelope com o selo do arcebispo e contendo três cartas, uma para ele, outra para o bispo de Savona e a terceira para a Madre Geral das Filhas da Misericórdia” (Martinengo, 1885, p. 240). A carta do arcebispo Aneiros retomava o contato e buscava dar prosseguimento às negociações que começaram em 1867.

A função que desempenhariam não seria somente o cuidado com enfermos, mas atividades relacionadas à educação (Martinengo, 1885). A demanda que se tinha por seus serviços não promoveria uma mudança na missão da congregação, nem nos trabalhos que já faziam na Itália. As Irmãs partiriam na companhia do Cônsul Gazzolo e dos primeiros missionários Salesianos de Dom Bosco. O Cônsul, inclusive, com o aval de Madre Rossello e Dom Bosco, atuou como professor de língua espanhola para os religiosos que partiriam em viagem. Antes de partirem, por sugestão de Dom Bosco, foram ao Vaticano as religiosas e os religiosos, suplicar a benção do Papa Pio IX para o empreendimento. Na Figura 4 apresentamos a súplica de Madre Rossello ao santo padre que fora lida pela superiora da casa das FdM em Roma.

Ao meio-dia, hora marcada, Gazzolo, vestido a rigor, acompanhado pelos sacerdotes salesianos, seguido pelas Irmãs, dirigiu-se ao Vaticano. Sacerdotes e Irmãs foram colocados em duas salas separadas, Gazzolo, como cavalheiro que é, fez a dupla apresentação, de um e de outro. Quando estes últimos foram apresentados, a superiora de Via Longara, prostrada aos pés do Santo Padre, leu com voz trémula mas clara a súplica de Madre Rossello, expressa desta forma: (Martinengo, 1885, p. 238-239)

---

<sup>60</sup> Madre Josefa em correspondência com o Arcebispo Federico Aneiros acordou o envio de 15 FdM. Em resposta à religiosa, no dia 25 de junho de 1875, Aneiros aceitou a oferta e enviou o dinheiro para as despesas da viagem.

Figura 4 - Carta de Madre Rossello para Pio IX

*Beatissimo Padre,*

La sottoscritta Superiora Generale delle Figlie della Misericordia, prostrata ai piedi di V. S. osa implorare sopra di sé e di tutta la sua religiosa famiglia l'apostolica benedizione.

Quindici delle sue figlie stanno per salpare alla volta di Buenos Aires per fondare colà una nuova casa; e quantunque il degno Pastore di quella città già ne attenda con desiderio l'arrivo, ed abbia lor preparato assai felicemente il terreno quantunque abbiano pel lungo viaggio la miglior compagnia che possano desiderare, quella, cioè, dell'Ill. Sig. Cav. Gazzolo Console Argentino in Savona, nondimeno il pensiero della lunga separazione non è per esse, come non è per me, senza dolore e senza apprensione.

L'animo nostro però sarà grandemente confortato, o Beatissimo Padre, e il dolor nostro si convertirà in allegrezza quando sapremo che la paterna vostra mano si è alzata pietosa a benedire questa nostra spedizione, poiché per noi la benedizione vostra è benedizione di Dio.

Firmata Suor MARIA GIUSEPPA  
*della Misericordia*

Fonte: Martinengo (1885)

Na carta, Rossello informa a viagem que as Irmãs farão, para onde vão, quem as acompanhará, sua apreensão e finaliza acrescentando que a benção do Papa é equivalente à benção de Deus. Martinengo acrescenta as palavras que teria dito o pontífice na ocasião da leitura da suplica de Rossello. A passagem nos dá pistas da inserção dos projetos de imigração associados ao aval das grandes autoridades eclesiásticas, nesse caso, o Papa.

Você dirá ao arcebispo de Buenos Aires para usá-las no cuidado de enfermos em casa; mas que as dedique à educação de meninas, porque mesmo na América, se quisermos fazer um pouco de bem, devemos começar cultivando a juventude (Martinengo, 1885, p. 239).

Na Figura 5 temos uma ilustração de uma das biografias analisadas que retrata a viagem realizada pelas FdM. Embarcaram de Gênova para Buenos Aires, na 1ª expedição para a

América, 15 Irmãs juntamente com o já mencionado Cônsul Gazzolo e os primeiros missionários salesianos de Dom Bosco, no dia 14 de novembro de 1875. E qual foi o cenário encontrado pelas Irmãs da Misericórdia?

Figura 5 - Ilustração das FdM embarcando para Buenos Aires



Fonte: Congregação das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia. Livro História de um coração grande. s/d..

A configuração político-geográfica da Argentina era bastante complexa no momento de chegada das FdM ao país. De acordo com Izecksohn (2017, p. 366) “a concepção de uma nação argentina permaneceu uma ficção geográfica ao longo dos oitocentos, já que boa parte da governança se dava no nível dos estados provinciais”. A Argentina possuía um território fragmentado após o processo de independência conquistada em 1816.

Uma transformação significativa neste panorama ocorreu após a batalha de Pavón (17 de setembro de 1861), quando um grupo unitário, sob a liderança do portenho

Bartolomeu Mitre, assumiu o poder, reafirmando a ascendência de Buenos Aires sobre o território nacional. A vitória do grupo unitário, capitaneado pelo partido Liberal, acelerou o processo de institucionalização o qual, segundo Ariel de la Fuente, foi impulsionado nas províncias por uma união heterogênea de fatores e pessoas, composta por grupos de oficiais dependentes do governo nacional, pelo crescimento de juizados nacionais, pelo desenvolvimento de obras de infraestrutura e pela sustentação financeira das províncias, cada vez mais dependentes do auxílio do governo central para sua manutenção (Idem, p. 366)

Izecksohn acrescenta que a Guerra do Paraguai (1864-1870), travada entre Paraguai e a Tríplice Aliança – composta por Argentina, Brasil e Uruguai – foi um elemento chave para a consolidação do poder de Buenos Aires sobre as províncias. As FdM chegaram, assim, direto na localidade de onde o poder emanava. Mas qual foi o lugar que a Igreja Católica assumiu na nova configuração argentina?

Segundo De Sousa (2009) a independência da Argentina não significou uma cisão entre Igreja Católica e Estado. Na realidade, no país, o poder temporal não deixou de contemplar as reivindicações católicas. No Congresso de Tucumán, ocorrido logo após a independência argentina, a oficialização do catolicismo foi colocada e reafirmada com as primeiras leis aprovadas pelo Congresso Nacional argentino em 1853. Embora tenha havido, em 1822, o confisco de bens de mercedários e franciscanos a partir da reforma empreendida pelo 1º presidente da Argentina, Bernardino Rivadavia, a autora destaca que:

O Estado se comprometia a sustentar o culto católico e administrar catedrais. São traços que se assemelham ao caso brasileiro mesmo que as elites políticas argentinas tenham dado o apoio necessário para a expansão da estrutura da igreja. Parecia-lhes que a coesão cultural propiciada pelo catolicismo constituía um bem fundamental para a construção da identidade nacional argentina em uma conjuntura de intensas disputas entre unitários e federalistas, isto é, entre setores sociais ligados à economia portuária e aqueles representantes da agricultura e à criação de gado (Sousa, 2009, p. 54)

Existia uma elite política que apoiava a expansão da Igreja Católica na Argentina. E se um dos projetos da Igreja era a expansão via imigração de congregações católicas, tal apoio coloca as FdM, recém chegadas a Buenos Aires, em situação, de certa forma, confortável. Esse amparo não vinha somente de membros da elite, partiu também de autoridades religiosas locais, como veremos agora com as cartas de Madre Rossello na rede de comunicação e informação que estabeleceu com as FdM que imigraram para Buenos Aires.

### 1.5. As Cartas de Santa Madre Josefa Rossello

As FdM chegaram à enseada de Buenos Aires um mês depois de sua partida de Gênova, aos 14 dias do mês de dezembro de 1875, a bordo do navio Savoye, sob a responsabilidade

de Irmã M. Claudia Terratti, escolhida como a primeira superiora da comunidade na localidade. As Irmãs foram recebidas por Monsenhor Ceccarelli, pároco de S. Nicolás de los Arroyos (Martinengo, 1885), cidade Argentina, localizada na província de Buenos Aires.

Da capital, não demorou muito para que as irmãs se espalhassem por outras cidades da República Argentina. O primeiro a vê-las foi Monsenhor Ceccarelli, que tinha ido recebê-las no vapor, e que ficou tão encantado com elas que não descansou enquanto os padres salesianos, que ele tinha atraído desde o início à sua paróquia de San Nicolas de los Arroyos para a fundação de um internato, não se juntaram às Filhas da Misericórdia<sup>61</sup> (Martinengo, 1885, p. 250-251).

Com a imigração das 15 Irmãs para a Argentina, começou a obra missionária das FdM. Esse marco está presente em todas as biografias analisadas. Martinengo (1885) diz que graças ao “excelente Monsenhor Ceccarelli” (p. 251), as FdM já em 1876, em S. Nicolás de los Arroyos, assumiram um hospital, em agosto, e um educandário, em dezembro. O educandário tinha a mesma função e características da casa da Providência em Savona, o de educar e civilizar órfãos e meninas abandonadas.

Tinham outros hospitais e escolas em S. Jose de Flores, Mercedes, S. Lorenzo de Rosario... Em suma, ser conhecidas e desejadas era para as Irmãs a mesma coisa, tal era a edificação que davam de si mesmas nos diferentes ministérios a que eram chamadas<sup>62</sup> (Martinengo, 1885, p. 251)

As Irmãs chegaram em Buenos Aires e foram se espalhando pela cidade, fundando colégios em S. Nicolás de los Arroyos, em Mercedes, San Lorenzo e Rosário<sup>63</sup>. O colégio de S. Nicolás de los Arroyos, diferentemente do educandário, era direcionado a filhas de famílias abastadas. Martinengo coloca esse colégio como uma necessidade local que, sendo atendida, logo em sua inauguração já contava com 30 alunas. A expansão levou à necessidade de mais Irmãs para dar continuidade ao projeto. Essa demanda pelo envio de mais religiosas é bastante presente nas cartas, bem como a necessidade de um maior controle de Madre Rossello por saber como as Irmãs estavam se saindo na América. O que conquistavam, com

---

<sup>61</sup> Dalla capitale non tardarono le suore a spargersi in altre città della Republica Argentina. Primo a vederle fu quel Monsignor Ceccarelli, che s'era recato a riceverle sul vaporino, il quale ne fu talmente incantato, che non si diè pace, finché ai sacerdoti salesiani, che fin da principio aveva attirati alla sua parrocchia di S. Nicolás de los Arroyos per la fondazione d'un Convitto, non riuscì ad aggiungere le Figlie della Misericordia.

<sup>62</sup> Apresso ebbero (ed hanno tuttavìa) altri ospedali e scuole a S. Giuseppe de' Fiori, a Mercedes, a S. Lorenzo del Rosario... Insomma l'esser conosciute e desiderate, era per le Suore la stessa cosa, tanta era l'edificazione che davano di sé ne' diversi ministeri a cui erano chiamate. (Original em Italiano)

<sup>63</sup> A Congregação também fundou um colégio em Paso de Molino, bairro de Montevideú, no Uruguai, em 1889 a convite do bispo de Montevideú, Inocencio Yéregui (Monreal, 2020). Além desse que existe até os dias de hoje, a congregação também fundou colégios em Santiago e Val Paraíso, no Chile, Monreal (2020) indica que essas fundações aconteceram no início do século XX. Na consulta online pode-se encontrar facilmente o sites dos colégios em Montevideú, Santiago e Val Paraíso, em funcionamento até hoje.

quem falavam, quanto gastavam, quanto mandariam para ajudar o Instituto. Viver longe dos olhos da superiora alterou a experiência congregacional das FdM?

Por não termos acesso a diários, crônicas e demais escritos de caráter mais pessoal que versem sobre a experiência das primeiras Irmãs que chegaram na América, o conhecimento que tivemos dessa e das demais experiências de Irmãs imigradas foi indireto (Ginzburg, 1991), através da dinâmica da troca de cartas entre a Casa-mãe e as casas que, aos poucos, foram fundadas na Argentina.

As cartas tinham uma regularidade de três meses e perceberemos que esse intervalo podia ser menor devido a momentos de tensão, a aflições por falta de informações, ou quando Rossello sentia a necessidade de exercer um maior controle sobre as imigradas. A Figura 5 traz a imagem de Rossello sentada à escrivaninha onde escreveu as cartas que endereçou às Irmãs da América.

Figura 6 - Madre Rossello na Casa-mãe em Savona



Fonte: [https://www.figliensmisericordia.net/cnt/wp-content/uploads/2017/10/madre\\_rossello\\_02.jpg](https://www.figliensmisericordia.net/cnt/wp-content/uploads/2017/10/madre_rossello_02.jpg) (Acesso em: 15 de mar. 2024)

A correspondência entre Rossello e as Irmãs da América começou em 1876. Dividimos as cartas por ano, destinatárias e temas para que fosse possível a compreensão dos elementos que compunham as relações estabelecidas entre a Casa-mãe e as casas na Argentina. Veremos que as cartas, em sua maioria, eram enviadas para a superiora da comunidade na Argentina, e ela tinha a incumbência de informar as demais Irmãs sobre os conteúdos das cartas. A Tabela 1 traz, esquematicamente, as cartas endereçadas à Irmã Placídia, de Legino, que estava junto com as primeiras Irmãs enviadas à América e à Irmã Eufêmia Carrara de Gênova, que foi superiora da comunidade da América a partir de 1877. Eufêmia substituiu a Irmã M. Claudia Terratti de Siena, primeira superiora na América.

Tabela 1 - Cartas de Madre Rossello para Irmã Placídia e Irmã Eufêmia (1876-1878)

Ano	Destinatário	Tema
1876 <sup>64</sup>	Irmã Placídia	Seguir as Regras Prudência Discrição sobre os assuntos da Casa Experiência para guiar as mais jovens Impossibilidade de envio de professora de francês D. Filomeno da Coronata (Casa dela Pentite) Can. Leopoldo Ponzone
1878		
1877 <sup>65</sup>	Irmã Eufêmia	4ª e 5ª expedições para a América Doentes e Óbitos D. Fonticelli, Ghiagliazza, de Benedetti, Galleano, D. Espinosa, Sr. Marcos de Pont “Lugares Grátis” Cartas privadas Baú da América Colégio S. Nicolàs de Arroyos e no bairro Flores Hospital S. José de Flores Frágil situação financeira Decadência italiana Morte de Pio IX e do rei “Humildade”, “sacrifício”, “caridade”, “obediência”, “perfeição”, “virtude” Pedidos de envio de dinheiro para o Instituto Irmãs de Flores e Arroyos Vestições Recebimento de passagens Epidemia de Febre Amarela Atraso nas expedições por falta de Irmã mais velha para conduzir as mais novas Não enviar Irmãs desacompanhadas à casa de doentes Envio de professoras de francês Manter boas relações com o cônsul Exaltação das Irmãs do Horto Envio de lã, fitas, linhas para distribuir pelas casas na América Pedido de cartas frequentes Exigência de abertura de hospital Pouca proteção da congregação na Itália Prosperidade do Colégio de S. Nicolàs Sobrinhas em Montevidéu
1878 <sup>66</sup>		

<sup>64</sup> As duas cartas de 1876 tem data 24 de maio e 24 de agosto. A de 1878 é do dia 7 de fevereiro.

<sup>65</sup> Em 1877 temos quatro cartas para Eufêmia nos dias 29 de agosto, 10 de outubro, 23 de novembro e 11 de dezembro.

<sup>66</sup> Em 1878 temos dez cartas endereçadas à Eufêmia nos dias 12 de janeiro, 26 de fevereiro, duas 10 de maio, 10 de junho, 4 de setembro, 12 de outubro, 11 de novembro, 23 de novembro e 10 de dezembro.

		Pedido para mais lugares vagos para envio de Irmãs Dados das postulantes
--	--	--

Fonte: A autora (2024).

Irmã Placídia não foi superiora das FdM na América, mas por ter participado da 1ª expedição, Madre Rossello parecia vê-la como alguém de extrema confiança para conduzir as Irmãs na Argentina e para agir como seus olhos no continente distante.

Placídia recebeu três cartas das 23 selecionadas para a nossa pesquisa. Na 1ª carta, no dia 24 de maio de 1876, Madre Rossello alerta sobre a necessidade de as Irmãs na América seguirem as Regras do Instituto e que Irmã Placídia zelasse para que isso acontecesse. Apelava para a experiência da Irmã na fiscalização da conduta das religiosas e para que fossem discretas sobre os assuntos do Instituto. Rossello deixa clara sua felicidade com as relações estabelecidas pelas Irmãs em Buenos Aires, mas que os pormenores e funcionamento do Instituto somente dizia respeito a elas. As Irmãs, mesmo tendo a prática de confessarem seus pecados regularmente, de acordo com Rossello, deveriam falar somente o básico de seus pecados ao confessor, nada referente ao Instituto.

Permaneço na presença de Deus, considerai-O na pessoa do doente a quem assistes, como dizem as nossas santas Regras, e recomendai-vos, além disso, ao Senhor para que Ele vos assista, aumente e valorize o vosso trabalho e dele retire a Sua glória, o bem do vosso próximo e da vossa alma, correspondendo bem ao objetivo do nosso Instituto. Tende o cuidado de ter a maior prudência ao falar com qualquer pessoa, mesmo com o vosso confessor, para não dar a conhecer os fatos da casa; contai-lhe apenas os vossos pecados e ficai bem claro que sereis agradados (Cartas de Santa Madre Josefa Rossello, s/d, p. 194).

Essas recomendações sugerem que Madre Rossello se utilizou das cartas não só para controlar as religiosas na América, mas como forma de instruí-las, educá-las de longe nos valores da misericórdia e no que acreditava ser a postura correta frente ao processo de expansão e no que entendia serem os interesses do Instituto. Rossello evidencia saber que era importante agradar as pessoas com as quais as Irmãs se relacionavam na América, mas era preciso agradar com cautela. As Regras da congregação eram sempre citadas quando pedia prudência às Irmãs. A hierarquia da congregação também fica evidente nas cartas. Madre Rossello enviava cartas para as superiores, muitas vezes, com informes a todas as Irmãs. Em carta à Placídia diz “nossas notícias serão dadas a você por sua superiora a quem eu as escrevi e isso para evitar a repetição” (p. 194). Pelas cartas, também é possível acessar a informação de que Rossello recebia cartas privadas de várias Irmãs, mas escolhia respondê-las, na maioria das vezes, por intermédio das superiores o que marcava a hierarquia da congregação.

Em nova carta para Placídia, Rossello retoma mais uma vez, as Regras das FdM.

Se lermos com frequência as nossas Regras Sagradas, há um capítulo em que lemos que estamos satisfeitos por termos feito tudo o que podíamos aos olhos do Senhor e que não nos preocupamos nem com elogios nem com louvores. Tenham o cuidado de ratificar as vossas intenções, para que o amor-próprio não estrague as vossas obras (p. 197).

Como já salientado, não tivemos acesso às Regras do Instituto, mas a partir das cartas temos rastros do que compõe o documento e que ele servia de guia de conduta das Irmãs. Leonardi (2008) salienta que muitas Regras e Constituições de congregações católicas tiveram partes aproveitadas quando uma nova congregação se formava. A autora cita um trecho das Regras da Sagrada Família de Bourdeaux:

Em 8 de janeiro do ano de 1820, uma jovem pertencente a uma das primeiras famílias de Bourdeaux, e que foi colocada sob a direção do novo padre, lhe participou o desejo que ela tinha de se doar inteiramente a Jesus Cristo. Duas outras lhe testemunharam, pouco depois, as mesmas intenções; e quando foi suficientemente provada sua vocação que se encontrava, para cada uma delas, acompanhada de algumas circunstâncias extraordinárias, ele lhes perguntou qual seria o gênero de vida pelo qual elas se sentiam atraídas; ele lhes propôs, uma após a outra, as diferentes comunidades da cidade; mas elas não se decidiram por nenhuma e sustentavam que Deus as chamava; alguma coisa não podiam se dar razão, embora sentissem bem que isto devia ser uma vida de perfeição (Sainte Famille de Bourdeaux<sup>67</sup>, 1851 apud Leonardi, 2008, p. 39).

Era comum nas Regras de congregações passagens indicativas do abandono de si e a entrega total a Deus. Em muitos momentos das cartas de Madre Rossello encontramos as palavras “perfeição”, “virtude”, “vocação”, “abandono” compondo os conselhos dados pela superiora às Irmãs. Isso nos leva a relacionar as regras dessas duas congregações e, o fazendo, é possível entender alguns elementos que comporiam as Regras das FdM, compreendendo a existência das dimensões educativas e formativas dessas correspondências para além do controle e comunicação.

Além desse escape das Regras, Madre Rossello acabava por sempre tentar aproximar as Irmãs imigradas, a partir das cartas, da Casa-Mãe, em Savona. Isso acontecia quando se despedia nas missivas. No final das cartas, Rossello costumava enviar seus cumprimentos, os das Irmãs da Itália, do bispo de Savona, de Filomeno de la Coronata e de Leopoldo Ponzzone, o primeiro, frei capuchinho, o segundo, diretor espiritual e reitor do seminário diocesano de Savona. Esses cumprimentos vão se repetindo nas cartas. Dizia que todos

---

<sup>67</sup> Parte traduzida das Regras Gerais da Sagrada Família de Bourdeaux presentes na tese de Paula Leonardi.

estavam felizes com o que as Irmãs vinham realizando na América e que estavam sempre ansiosos por notícias.

A correspondência com Irmã Eufêmia foi bem extensa. Eufêmia Carrara foi a superiora da comunidade na América a partir de 1877. Por ser a superiora no novo local das FdM fora da Itália, a Irmã recebeu as mais diversas instruções, sugestões, queixas e informes. As cartas para ela tinham recomendações de ajeitar tudo para a chegada de novas expedições, respostas de pedidos das Irmãs de maneira geral, como tecidos, demanda por professoras de francês e piano – provavelmente para o colégio de S. Nicolás de los Arroyos – instruções para conseguir novos lugares para fundar colégios, conselhos sobre relações para a abertura de hospitais, indicação de nomes que pudessem agilizar trâmites, como foi o caso do senhor Espinosa. Era comum, que Madre Rossello indicasse que estava no aguardo de “lugares grátis” para enviar as Irmãs e isso se explica pela falta de recursos do Instituto da Misericórdia para arcar com despesas das viagens, as tais expedições. Era necessário que houvesse convites para locais que ela não precisasse arcar com as despesas no envio de religiosas e no aluguel de espaços.

Em algum momento nas cartas, quando as Irmãs já estavam estabelecidas, Madre Rossello passou a exigir que fosse enviado dinheiro para Savona para que as religiosas professoras demandadas na América fossem enviadas para lá. O empreendimento na América passou a funcionar como financiador da Casa-Mãe da congregação e não foram raras as vezes que Rossello reclamou da situação financeira do Instituto e da necessidade de que as Irmãs da América as ajudassem financeiramente. Recorrentemente a Madre Geral falava da decadência italiana e da pouca proteção da congregação na Itália. A morte do rei e do Papa Pio IX no início de 1878 são informadas por meio de um discurso de temeroso sobre a possibilidade de piora da situação religiosa na Europa.

Outro elemento que compõe a maior parte das epístolas são as notificações de Irmãs doentes e daquelas que faleceram. Rossello, nesses casos, pedia orações para as enfermas e que fossem realizadas missas para as que partiram. É comum, que tomemos conhecimento de Irmãs doentes ou falecidas na América a partir das respostas de Rossello às cartas. Nelas, Rossello lamenta a passagem das Irmãs, diz palavras de consolo, que as Irmãs a sufraguem<sup>68</sup> e aceitem a morte como a chegada do momento de descansar ao lado do Senhor. Pelas cartas,

---

<sup>68</sup> O verbo sufragar aparece recorrentemente nas missivas. Significa, nesse caso, pedir para que fossem rezadas missas em favor da alma de alguém que faleceu.

sabemos de uma Irmã chamada Maria Otávia, que estaria doente e depois teria falecido. A Irmã fez parte da 3ª expedição das FdM para América em 31 de outubro de 1876. Em uma das cartas para Irmã Eufêmia, superiora da congregação, depois do retorno da Irmã Claudia à Itália, Rossello lamenta o estado de saúde de Otávia e, em outra carta, lamenta sua morte. Por uma confusão nas correspondências, em uma terceira carta Rossello escreve que se confundiu achando que a Irmã havia falecido, o que, mais tarde, se mostrou inverídico.

Pela lentidão com que a comunicação se dá a partir de cartas, era bastante comum que acontecessem falhas. Essa demora, por vezes, não se relacionava à forma como eram enviadas e ao tempo que levavam para chegar de um lugar a outro. Rossello algumas vezes se queixou da vontade de que as Irmãs escrevessem mais cartas, assim, a demora acontecia porque, às vezes, as Irmãs simplesmente não escreviam. A falta de comunicação parecia incomodar a Madre Geral das FdM que, inicialmente, dizia sentir falta de estar sempre em contato com suas “filhas”. Mais tarde, essa aflição se fez sentir nas cartas para Domitilla<sup>69</sup>, Vigária que participou da 4ª expedição das Irmãs para a América, em 14 de outubro de 1877. Na Tabela 2 temos as cartas enviadas para Domitilla e os principais temas que apareceram nelas. Todas foram enviadas no ano de 1878.

Tabela 2 - Cartas para a Vigária, Irmã Domitilla Coli

<b>Data</b>	<b>Tema</b>
11 de Janeiro	Privilégio de estar na América Itália e religião atacadas “Sacrifício”, “obediência”, “humildade”
27 de Março	Boas notícias S. Nicolàs Invasão de ladrões na Casa-Mãe Miséria na Itália Irmãs da Itália distantes do Bispo Vigiar com Eufêmia todas as Irmãs da América Frear a língua, guiar condutas
28 de Maio	Falta de informações sobre o cotidiano na América Observância das Regras e votos Relatório de comportamento das Irmãs Carta a ser lida por todas as Irmãs juntas
25 de Junho	Informação sobre finanças Não abrir colégios se for para prejuízo do Instituto Pouca comunicação pela superiora Eufêmia
28 de Julho	4ª expedição: 14 de setembro Pouca instrução das ingressantes e despesas para enviá-las

<sup>69</sup> Domitilla vestiu o hábito em 18 de maio de 1859. Seu nome era Carlotta Coli. Quando vestiu o hábito adotou o nome Domitilla. Professou votos pela primeira vez em 29 de agosto de 1860. Em 14 de outubro de 1877 chegou à América na qualidade de Vigária. Retornou à Itália e viveu em uma casa de repouso de Stella S. Martino, morreu em Savona em 9 de março de 1924.

	<p>“Receio que ali se viva à americana” (p. 157)  Obediência  Exemplo das Irmãs do Horto  Cuidado com fofocas e mexericos  Conselhos só de D. Fonticelli</p>
26 de Outubro	<p>Notícias sobre a saúde geral das Irmãs do Instituto  Vestição de 18 postulantes e profissão de 19 noviças  “Que se lembrem que o centro delas é Savona” (p. 164)  Pedido de dados completos das postulantes para registro</p>

Fonte: A autora (2024)

Uma coisa, porém, me entristece e a observo em todas as cartas que recebo da América, isto é, que não me dão informações que desejaria a respeito de finanças. É o que disse à Eufêmia e que acho seja um dever. Desejaria que todas as superiores dessem os detalhes da receita e das despesas e procurassem fazer a maior economia possível para ajudar o Instituto que muito necessita disso [...] de quase todas as cartas que recebo obtenho poucas informações, não me dizem quase outra coisa senão que há a necessidade de boas professoras e sabem o que deixaram aqui. Instruída não entrou nenhuma, como podemos então enviá-lhas (sic)? O Instituto fez e está fazendo sacrifícios para instruí-las e enviá-las, mas o impossível não se pode fazer e, por outro lado, é necessário tempo para formá-las e aqui também precisamos muito delas. Sabia e recebia alguma coisa mais quando estava Claudia do que agora que não está. Esforce-se, pois, para ajudar a superiora a incitá-la tanto a dar-me as informações acima citadas como a ajudar o Instituto, fazendo toda a economia possível. Se não puderem abrir colégios e iniciar escolas senão para terem mais prejuízos do que vantagens, como em S. Nicolás, é melhor não fazê-lo [...] Portanto, aprecio mais ter menor do que maior número de casas e caminhar de acordo com nossas forças. (Cartas de Santa Maria Josefa Rossello, p. 155).

Nessa passagem podemos ter ideia do teor das cartas enviadas por Rossello à Domitilla. Madre Josefa diversas vezes mostrou seu descontentamento com relação à falta de comunicação entre a Casa-Mãe e as Irmãs da América, culpava Eufêmia, a superiora geral da comunidade na América e apontava ser dever e obrigação mantê-la informada sobre o que se passava. Se os discursos nas biografias falam do sucesso nos empreendimentos das Irmãs da Misericórdia, as cartas de Madre Rossello apontam que a questão é, no mínimo, controversa. A busca por abrir uma via alternativa de comunicação com a vigária da congregação na América evidencia a tentativa de retomada de um controle que Rossello sentia, paulatinamente, perder sobre as Irmãs imigradas. O discurso da religiosa muitas vezes adquire um tom áspero e as reivindicações indicam que o Instituto passava por dificuldades. As dificuldades, segundo Rossello, eram diversas: professoras pouco instruídas para enviar para a América, as demandas das casas na Itália que deixavam de ser atendidas por conta dos empreendimentos na Argentina, a abertura de escolas que não traziam retorno para o Instituto.

Para Madre Josefa, estar na América era um privilégio para as FdM, principalmente em um momento que sentia a religião ser atacada na Europa. Assim, as Irmãs imigradas tinham que ter como centrais princípios como “sacrifício”, “humildade” e “obediência” para que fossem merecedoras do bem que receberam. Domitilla deveria vigiar juntamente com Irmã Eufêmia as Irmãs da América, garantindo a observância das Regras do Instituto e dos votos que professaram. Deveriam agir de maneira discreta e as mais altas hierarquicamente na congregação deveriam realizar relatórios sobre o comportamento das Irmãs garantindo que não vivessem na América, como temia Madre Rossello, à moda americana. A superiora e a vigária deveriam conduzir as religiosas, educá-las pelo exemplo.

Quero ver se não me obedecem também. Se a superiora não puder fazê-lo, diga-lhe que dê o encargo a você, mas é necessário pouco tempo quando se quer. Estou desgostosa com isso. As Irmãs do Horto agem de maneira muito diferente e eu o sei (Cartas de Santa Maria Josefa Rossello, p. 157).

Em uma carta do dia 28 de julho de 1878, a Madre Geral escreve em tom bastante duro reclamando das ações de Eufêmia e dizendo à Domitilla que caso à superiora não quisesse dar as informações que ela precisava, que o fizesse a própria Domitilla. Cria, de certa forma, um abalo na hierarquia da congregação, tamanho é seu descontentamento e sensação de perda de controle. Em seguida, acrescenta o modelo da congregação das Irmãs do Horto<sup>70</sup>, de forma a indicar a conduta que as Irmãs deveriam ter, novamente apresentando um exemplo a ser seguido.

Madre Rossello estava sempre recomendando às Irmãs o cuidado com mexericos e as alertando dos perigos de falarem demais. Além disso, buscava em cartas, indicar a importância de zelar pela reputação das Irmãs mais novas, que não deveriam frequentar à casa de enfermos, prática comum das religiosas, desacompanhadas. Era bem comum que a religiosa associasse a idade à experiência e a presença de Irmãs mais velhas à segurança. Dessa forma acreditava controlar não só a imagem que tinham das Irmãs na América, mas a

---

<sup>70</sup> Trata-se das religiosas do Instituto das Filhas de Maria Santíssima do Horto, fundada por S. Antônio Maria Gianelli. Embora tenha sido fundada por um homem, é uma congregação feminina. Assim como o Instituto da Misericórdia, foi fundado na região da Ligúria, na Itália. Fundado em 1829, suas obras começaram voltadas também para o atendimento de meninas órfãs. Suas principais obras se concentram nas áreas da instrução e educação. No Brasil se instalaram em Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul. Os trabalhos efetivamente assumidos de acordo com o Banco de Dados FOCUS Unicamp estão nas áreas da educação básica, atendimento em asilos e em centros de assistência social. De acordo com o site do Instituto (<https://fmhclarapodesta.org/pt/institucionales/a5e-regin-argentina-bolivia.html>), na Argentina possuem 13 escolas, 3 asilos para idosos e 2 hospitais. S. Antônio Maria Gianelli era filho de camponeses pobres. <https://franciscanos.org.br/vidacrista/calendario/santo-antonio-maria-gianelli/#gsc.tab=0>

do Instituto como um todo. Lembrava às Irmãs, com isso, que o centro do Instituto de todas é Savona.

Já no fim do ano de 1878, as estratégias de controle de Madre Josefa começaram a passar por uma iniciativa de cadastramento das Irmãs da Misericórdia. Em suas últimas cartas, por várias vezes, pediu os dados completos das postulantes na América, para que soubesse suas origens, locais de nascimento, dados da família, de forma que fosse possível conhecer, uma a uma, àquelas que estavam ingressando no Instituto. Ao longo do tempo e ao longo das cartas, vamos percebendo não só um pouco do cotidiano da congregação – a necessidade de lã, tecidos etc, o envio de material para que fossem confeccionados os hábitos das religiosas, suas doenças, mortes, seus pedidos por professoras, a necessidade de instruí-las, o envio de dinheiro, a relação com figuras como D. Fonticelli, diretor da comunidade na América – mas principalmente como o Instituto cresceu sem ainda estar efetivamente preparado para as todas as demandas da América. Entretanto, tal fato não pareceu ser impeditivo para o seu espraiamento para outras localidades da América.

Madre Rossello morreu como superiora geral das FdM em 7 de dezembro de 1880<sup>71</sup>, ocupou o cargo por 40 longos anos e não presenciou a expansão de seu instituto para o Brasil. Antes de se expandirem para o Brasil, as FdM passaram por Uruguai (1889), Chile (início do século XX) e Estados Unidos (1919). Não abordaremos neste trabalho como se deu o processo de expansão para essas localidades, mas cabe situá-los na política de incentivo da Igreja Católica à imigração de congregações estrangeiras para as recém criadas repúblicas na América. A imigração de congregações para a América ganhou contornos de política com o Concílio Plenário para a América Latina (1899), evento que reuniu bispos latino-americanos e sobre o qual falaremos mais detidamente no Capítulo II.

No próximo capítulo, cruzaremos os caminhos das FdM com o Brasil e sua inserção no cenário educacional brasileiro, tendo como elemento amalgamador, assim como na Argentina, uma elite política e autoridades eclesiásticas favoráveis à presença de congregações católicas para atuarem na educação em uma República recém criada.

---

<sup>71</sup> No dia 19 de março de 1936, Pio XI, proclamou a virtude heróica da Irmã Maria Josefa Rossello. A beatificação foi iniciada em Roma, em 23 de julho de 1924. Foi beatificada em 6 de novembro de 1938, após devida investigação e reconhecimento de dois milagres realizados em duas de suas freiras no Instituto: Irmã Maria dello Spirito Santo e Irmã Paolina Dameri. No dia 12 de junho de 1949, Pio XII proclamou santa Madre Rossello. Neste caso, os milagres relativos às curas prodigiosas de Teresa Rocchi em De Negri e Pietro Molinari constituíram a prova. (Disponível em: <https://www.figliensmisericordia.net/cnt/biografia/>)

## 2. “OS CAMINHOS DE DEUS”<sup>72</sup>: AS FILHAS DA MISERICÓRDIA NA EDUCAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

Para entendermos a chegada e o estabelecimento das FdM no Brasil, bem como sua inserção na educação brasileira, faremos um movimento de retorno no tempo, abordando a presença da Igreja Católica na cultura e sociedade brasileiras e as relações da instituição com o Estado brasileiro. Enfocaremos o período da Primeira República (1889-1930), adentrando os anos 1940, compreendendo que a partir de 1890 iniciara-se um processo de imigração de congregações católicas, sobretudo femininas, que se estendeu por 80 anos, tendo as décadas 1920, 1950 e 1960 como as mais expressivas (Bittencourt, 2015)<sup>73</sup>.

### 2.1. Antecedentes

A Igreja Católica é uma instituição milenar com atuação de séculos no país. Participou ativamente do processo de ocupação do território brasileiro, envolveu-se em projetos que articulavam a dimensão educativa à civilização, além de concorrer na formação de uma elite política brasileira (Faria Filho e Vidal, 2007). Juntamente com os aparatos público e civil participou ativamente das disputas de produção e condução de projetos de educação no Brasil (Gondra; Schueler, 2008)

Antes da Proclamação da República (1889) podemos indicar a existência no Brasil de formas “múltiplas, variadas, modestas, suntuosas, gratuitas, caras, tradicionais, modernas, laicas, religiosas, formais e informais” de educação (Limeira, 2014, p. 22). Nesse período, algumas congregações católicas já marcavam presença no Brasil fundando colégios, sobretudo no ensino secundário (Moura, 2000)<sup>74</sup>. Mas foi na virada do século XIX para o XX que a Igreja

---

<sup>72</sup> No site oficial da congregação, a narrativa produzida para se referir à chegada das FdM ao Brasil tem como título “Os caminhos de Deus”. Ver em: <https://www.figliensmiser cordia.net/cnt/brasile/>

<sup>73</sup> Mesmo sabendo que as décadas 1950 e 1960 são bastante expressivas na imigração de congregações, escolhemos encerrar nossa análise na década de 1940, por entendermos que nela as FdM estavam estabelecidas no Brasil.

<sup>74</sup> Podemos citar o caso das Irmãs do Puríssimo Coração de Maria que dirigiram a Escola São João da Boa Vista no Rio de Janeiro em 1849 e em Pelotas em 1856, além das Irmãs de São Vicente de Paulo que em 1854 fundaram em Botafogo o Colégio da Imaculada Conceição (Moura, 2000).

Católica passou a atuar utilizando as congregações como uma de suas frentes (Decca, 2004) na disputa pela posição de mediadora cultural no Brasil. O ultramontanismo foi a política que guiou essa disputa. A partir dessa política, a formação de um novo clero brasileiro passou a ser exigência – o investimento em sua profissionalização – iniciativa que trouxe transformações para a imagem e identidade da Igreja Brasileira no período seguinte. Para a Santa Sé, era preciso recatolizar o mundo, combatendo o pensamento moderno, sobretudo seu principal elemento, o liberalismo (Manoel, 2013).

Proclamada no ano do centenário da Revolução Francesa, a República brasileira foi marcada por uma ampla circulação de ideias importadas da Europa. José Murilo de Carvalho (2019), indica que essas ideias, muitas das vezes, eram mal absorvidas. Se a Proclamação da República teve como combustível as experiências da Revolução Francesa e da Revolução Americana, com o liberalismo e o federalismo como pontos centrais, os ideais propalados pelas experiências revolucionárias e as acomodações políticas, depois de consolidados os processos, foram lidos e adaptados pela elite política e cultural brasileira e pelas autoridades eclesiais à moda brasileira. A laicidade como um elemento central dessa nova república também foi desenvolvida como projeto à brasileira.

Já nos fins do Império, o crescimento do movimento republicano colocou na ordem do dia a questão da laicidade do Estado (Cunha, 2017). E ainda que a Constituição de 1891 – a constituição do novo regime – trouxesse a laicidade como um de seus elementos centrais, o cenário político de separação da Igreja Católica do Estado brasileiro foi complexo. Grupos se uniram em prol dessa laicidade.

Considerando as elites políticas incapazes e corruptas, grupos crescentes de militares encontraram no Positivismo uma doutrina justificadora de suas demandas políticas. Com efeito, a filosofia de Comte desempenhou o papel de ideologia orientadora da luta dos militares, principalmente do Exército, na conquista de uma função dirigente no Estado e na sociedade. Forneceu, também, a base do entendimento do que seria a regeneração moral da sociedade, cujos valores decadentes deveriam ser substituídos por valores positivos, garantidos e inculcados por uma ditadura republicana. A laicidade do Estado era um componente da plataforma positivista, que reivindicava o fim do Catolicismo como religião oficial, no que convergia com a demanda de liberais, protestantes e maçons (Cunha, 2017, p. 347).

Com a Proclamação e a nova constituição republicana, o federalismo acabou por proporcionar uma maior autonomia às Províncias, cenário similar ao argentino ao qual nos referimos no capítulo anterior. Essa maior autonomia aprofundou as desigualdades regionais já

existentes desde o período imperial, o que se estendeu às dioceses<sup>75</sup>, forma através da qual o clero brasileiro estava organizado. A realidade do Império com número reduzido de dioceses se transformou no período republicano.

Entre 1890 e 1930, foram criadas 56 dioceses, 18 prelazias e 3 prefeituras apostólicas, para as quais foram designados, no mesmo período, aproximadamente 100 bispos, cabendo, respectivamente, ao conjunto dos estados nordestinos, a São Paulo e a Minas Gerais, os percentuais mais elevados no reparte de circunscrições e prelados. A literatura disponível sobre a história da Igreja Católica trata esses números como indicadores de uma expansão bem sucedida da organização eclesial, dispensando quaisquer indagações acerca dos princípios e diretrizes político-institucionais que condicionaram esse processo de ocupação territorial, das características sociais e doutrinárias dessa leva considerável de dirigentes ou a respeito dos frutos materiais e políticos da gestão empreendida por esses prelados (Miceli, 1985, p. 57).

Essa maior autonomia das províncias advinha da introdução do federalismo no Brasil que visava desconcentrar o exercício do poder. Tavares Bastos indicou em seu livro publicado em 1870, intitulado *A Província: estudo sobre a descentralização no Brasil*, que um dos princípios para a conquista de uma sociedade realmente liberal, com direitos preservados e moral intacta, estava na descentralização do poder, no combate a centralização política que aniquilaria as liberdades individuais com o exercício autoritário do poder (Bastos, 1870). Na prática, o federalismo, como dissemos, ampliou as desigualdades, porque ao se propor desconcentrar o exercício do poder, o entregou nas mãos de setores dominantes, rurais e urbanos (Carvalho, 2019).

Mas como a Igreja Católica e o clero brasileiro se inseriram nesse novo regime político? Antes da República as 12 dioceses brasileiras situavam-se em dez províncias, mais tarde, 11 capitais estaduais passaram a ser sedes de dioceses (Miceli, 1985). Esse aumento de dioceses em um momento de separação entre Igreja e Estado, acabou por colocar o clero brasileiro em uma posição paradoxal entre desamparo e liberdade.

Embora reivindicassem a união com o Estado, os bispos não escondiam a satisfação com o fim do padroado. A proteção que ele garantia à Igreja acarretava um regime de *escravidão* que a abafava, chegando até mesmo à *perseguição*, como a sofrida pelos bispos de Olinda e do Pará. Com o Decreto 119-A/1890, a República trouxe uma liberdade que a Igreja nunca tivera no período do Império. Os católicos deveriam saber aproveitar a plena liberdade de culto como indivíduos e como membros de sua instituição. A soberba demonstrada nos primeiros artigos de *O Apóstolo* não foi endossada. O pagamento dos funcionários do culto católico e o subsídio aos seminários, mesmo com prazo de vencimento, foram considerados positivos para facilitar a transição do *padroado* para o regime de separação. A faculdade de os estados manterem os futuros ministros do culto (católico ou não) foi entendida como beneficiadora do Catolicismo, pois em todas as unidades da Federação a maioria da população era de adeptos dessa religião. Os de outros cultos não passariam de uma

---

<sup>75</sup> Até a Proclamação da República, o Brasil contava com apenas 12 dioceses (Miceli, 1985).

“minoria microscópica” (Cunha, 2017, p. 394).

O clero brasileiro compreendia que a separação entre a Igreja Católica e o Estado fragilizava materialmente a instituição católica, mas se garantiam no fato de que maioria da população era católica para a continuidade do projeto religioso no Brasil republicano. O problema residia na necessidade de aproximar essa população da Igreja Católica e do Catolicismo e para isso, algumas estratégias foram pensadas.

Uma das estratégias encontradas pela Igreja Católica foi a elaboração do Concílio Plenário para a América Latina (1899). Em 1899, sob o papado de Leão XIII, reuniram-se em Roma todos os bispos latino-americanos para um projeto de organização da hierarquia da Igreja Católica em relação às novas repúblicas na América Latina. O evento deu origem às *Actas y Decretos del Concilio Plenario de America Latina*, documento com 998 artigos que normatizavam as ações da Igreja Católica na Modernidade. Nesse momento, a imigração de congregações estrangeiras para a América ganha contornos de política e se intensifica. O movimento imigratório não surgiu com o Concílio – as FdM já se encontravam na Argentina fundando estabelecimentos e engajadas na educação desde 1875 –, mas tomou um impulso maior na virada do período imperial para o republicano, sobretudo em se tratando de congregações femininas (Leonardi, 2008). O movimento começara gradativamente e, mais tarde, tomou forma de política conforme aumentou a necessidade de a Igreja Católica manter seu prestígio social e sua riqueza material. Entretanto, essa necessidade não era somente da Igreja Católica e podemos compreender tal questão olhando para a congregação que elegemos para esta pesquisa.

Madre Rossello mencionou, algumas vezes, em cartas trocadas com as Irmãs da América, o aguardo por convites que oferecessem “lugares grátis” para o envio de religiosas. Mencionamos também que esses convites vinham, na maioria das vezes, de bispos das localidades na América Latina, contudo, cabe destacar que também partiam de membros de elites locais que viam com bons olhos a presença de educadoras e cuidadoras da saúde estrangeiras, sobretudo as francesas, quando não, italianas.

Vasconcelos (2019) aponta que já nos fins do século XIX (1870-1880) era comum a presença de mulheres estrangeiras, vindas da Europa, que chegavam ao Rio de Janeiro e ofereciam serviços de educação. Geralmente, a educação dessas mulheres se dava em colégios franceses e seus serviços eram direcionados para as meninas das elites brasileiras do século XIX. Essas preceptoras, como ficaram conhecidas, viviam na casa das alunas e desempenhavam

a educação doméstica. Esse expediente, segundo à autora, era equivalente à educação formal da época e muitas foram as meninas que tiveram suas experiências educacionais em casa com o auxílio de uma preceptora estrangeira. Foi o caso de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, filha de um pioneiro da siderurgia nacional, nascida no Rio de Janeiro, mas criada no interior de Minas Gerais, que teve sua educação primária e secundária toda realizada em casa com preceptoras (Duarte, 2013). Anna Amélia aparecerá mais tarde na teia de relações estabelecidas entre as FdM e a sociedade fluminense.

Na pesquisa de Vasconcelos, não há menção a Irmãs ou freiras desempenhando esse serviço de educação para filhas das elites, mas podemos inferir que existia uma demanda por mulheres estrangeiras para educar as meninas, sobretudo, aquelas da elite da sociedade brasileira. E se as Irmãs de congregações já vinham desempenhando ações educativas em seus países de origem fosse com meninas da elite, fosse com as que estavam à margem da sociedade, não seria um disparate pensar que houve um direcionamento de religiosas para funções similares às que já faziam na Itália para a educação das meninas brasileiras.

As Irmãs pertencentes a congregações católicas estavam implicadas no jogo das relações sociais e se implicaram a partir de suas ações sociais e educativas. Além das mulheres mais pobres da sociedade, foram as religiosas as primeiras a exercerem uma profissão em um momento em que as mulheres da elite viviam para a casa e a família, no âmbito do lar (Nunes, 1997). Mas essa nem sempre foi a realidade. O advento das religiosas que estavam fora da clausura promoveu transformações importantes na vivência do Catolicismo pelas mulheres. De acordo com Nunes (1997), a reforma da Igreja Católica no Brasil implicou, também, a feminização do catolicismo por aqui. Na esteira da iniciativa de barrar a influência do laicato masculino, as mulheres foram instrumento de combate. A atuação dessas mulheres não lhes garantia subida na hierarquia da Igreja, visto que eram instrumentos. Elas passavam por uma incorporação fiscalizada e com fins bastante precisos, mas é inegável que:

As mulheres se beneficiaram de algumas iniciativas católicas dessa época, sobretudo no campo da educação, mas também com a criação das associações femininas de piedade. Dessas iniciativas, a mais carregada de efeitos para as mulheres foi a criação de uma rede formidável de escolas católicas, sob a direção de religiosas estrangeiras. O século XIX presenciou ainda um desenvolvimento bastante rápido das “escolas para meninas”, que tiveram as religiosas como elementos fundamentais (Nunes, 1997, p. 411).

Essas religiosas que aqui chegaram participaram do que Bittencourt (2015) chamou de *A Era das Congregações*. Até 1880 eram poucas as ordens católicas que aqui estavam, “7

ordens masculinas e 11 femininas” (Bittencourt, 2015, p. 35), quadro que se altera a partir de 1890, como já vimos. O aumento no contingente de mulheres de congregações é contextualmente situado.

Compreender como foi possível a ocorrência de um tempo marcado pela forte presença de congregações católicas na sociedade brasileira, justamente quando da organização do Estado republicano e da expansão do pensamento liberal, implica em relacionar os três fatores que constituem o cenário nacional e internacional da época: a expulsão dos religiosos das atividades sociais então assumidas pelos Estados em processo de laicização na Europa, especialmente na França e na Itália; o projeto católico para a América Latina, implementado a partir de Leão XIII (1878-1903); e as demandas do episcopado para realizar a reforma do catolicismo local, associadas às demandas da própria sociedade brasileira, carente de *expertises* no campo social e educacional (Idem, p. 36).

A laicização da sociedade almejada no Brasil republicano pareceu garantir espaço para a entrada de religiosos para atuarem na educação e saúde. Isso, talvez, se explique pelo fato de que o Estado republicano, ao ser construído com base em ideologias, como já dissemos, mal absorvidas, em sua fase embrionária atuou dentro de uma Ordem Liberal Antidemocrática (Carvalho, 2019). Um dos pontos centrais nesse debate é que a Constituição de 1891 não colocou a saúde e a educação como obrigações a serem promovidas pelo Estado<sup>76</sup>, um traço que pode ser visto como consonante ao liberalismo, mas que abriu espaço para que outros grupos atuassem na disputa pela promoção desses serviços. Se a Igreja Católica brasileira se torna livre em um Estado de inspiração liberal que buscava combater, foi também a partir dele e das brechas deixadas pelo poder temporal que deu a continuidade à sua presença na educação e cultura brasileiras (Leonardi, 2009).

[...] era normal que o catolicismo montasse o seu esquema de escolas particulares, umas pagas, outras gratuitas, que atenderiam em larga escala às classes ou camadas intermediárias nas quais a Igreja se apoiava. Com semelhante esquema se salvaguardaria a instrução e formação cristã da juventude, e, mais ainda, a rede de estabelecimentos privados de ensino cobriria uma lacuna imensa, dada a precariedade e a insuficiência numérica dos institutos educacionais do governo [...] as congregações religiosas, masculinas e femininas, virão encarregar-se desse serviço que para elas era também obra da Igreja. É impressionante, comparando-se com as outras tarefas, o número de institutos religiosos que se fixam ou são criados no Brasil para atender ao mercado das escolas e colégios. Será por meio deles que o catolicismo prestará serviços preciosos à classe média e alta, sem esquecer de atender, também, às camadas desfavorecidas, ao mesmo tempo que se beneficiará dos favores e do prestígio, como também das vocações que, em grande parte, sairão das camadas intermediárias (Lustosa, 1997 apud Moura, 2000).

---

<sup>76</sup> A Primeira República foi marcada pelas reformas Benjamin Constant (1890), o Código Eptácio Pessoa (1901), a Reforma Rivadávia Corrêa (1911), a Reforma Carlos Maximiliano (1915) e a Reforma Rocha Vaz (1925). As reformas legislaram sobre o ensino superior e regulamentaram o ensino primário e secundário no Distrito Federal, mas não garantiram a formação de um sistema brasileiro de ensino, sendo boa parte das escolas, à época, mantidas pela iniciativa privada (Lopes, 2006).

O esquema do catolicismo não se resumiu à esfera educacional e foi no século XX, sob pontificado de Pio X (1903-1914), que a Igreja Católica redesenhou seu projeto de retomada da centralidade na cultura tomando como estratégia a Ação Católica (Manoel, 2013). A estratégia tinha como finalidade atrair o laicato para o interior da Igreja e o catolicismo para fora dos muros dela.

Isso significava fazer com que o catolicismo saísse das sacristias e fosse para as ruas, para a linha de frente da batalha contra os inimigos da fé, conforme queria, no Brasil D. Sebastião Leme em sua pastoral de 1916. Não por acaso, algumas das organizações católicas receberam nomes que nos remetem ao universo militar e das lutas da Igreja Católica, como os Cruzadinhos de Cristo ou o Exército Azul de Nossa Senhora, sem nos esquecermos da Cia de Jesus, em referência à Companhia, uma das divisões de combate de um exército. No Brasil, a Ação Católica foi proposta já no tempo em que D. Sebastião Leme era Bispo de Olinda e consolidada quando Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro congregava crianças, na organização denominada Cruzadinhos; moços e adultos, nos Congregados Marianos; moças, na Pia União das Filhas de Maria; senhoras nos diversos apostolados e associações de mães (Manoel, 2013, p. 22).

O cenário está colocado para a chegada das FdM. As congregações católicas e a Ação Católica foram importantes frentes que atuaram como mediadoras culturais da Igreja Católica que romanizada encontrava-se fechada sobre si mesma. Foram essas frentes que, no contato com o mundo, se inseriram nos combates da Instituição. Resta-nos saber como as FdM se inseriram nesses combates que, em seu caso, se deu, sobretudo, pela via educacional em um contexto marcado pelos embates entre os defensores da escola pública e os católicos.

## 2.2. Quando os caminhos de Deus encontram as demandas brasileiras: as Filhas da Misericórdia no Rio de Janeiro

Era 15 de abril de 1925 e o navio norte-americano “Legon”, vindo de Buenos Aires, havia parado no porto do Rio Janeiro. As Irmãs Federica Veglio, a Vigária Geral e Trinidad Quingley viajavam para lá com o objetivo de visitar as religiosas nos Estados Unidos. Aproveitando a oportunidade de ficar algumas horas na “Cidade Maravilhosa”, as irmãs desceram do barco, mas por motivos alheios ao seu controle, perderam o embarque. Assustadas, quase aterrorizadas, perguntaram-se: o que devemos fazer? Entre tanta angústia nasce a inspiração: “se Deus permite é porque o nosso Fundador nos quer no Rio de Janeiro”. Guiadas por esta inspiração, acolheram com fé este evento, e o evento tornou-se “a semente do Instituto” no Brasil (<https://www.figliensmisericordia.net/cnt/brasil/>).

O trecho acima encontra-se no site oficial das FdM. Nele é narrada a chegada da

congregação ao Brasil. Duas Irmãs Federica Veglio e Trinidad Quingley<sup>77</sup>, estariam viajando para os Estados Unidos<sup>78</sup>, local para onde também imigraram religiosas das FdM, quando um contratempo, um atraso em uma parada pelo Rio de Janeiro, foi tomado como sinal de Deus para que realizassem sua obra, aqui, em terras brasileiras.

O relato evoca a ideia de um chamado divino. Narrativas similares podem ser encontradas quando examinamos como se deu a chegada de congregações imigrantes entre os fins do século XIX e início do século XX, como o texto a propósito da chegada ao Brasil das Irmãs do Imaculado Coração de Maria que entraram no primeiro navio que atracou em Viena, mas que desejavam ir para os Estados Unidos. Ou, ainda, das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário.

Um belo dia, portanto, da existência de nossa querida Comunidade, aquelas que dirigiam ouviram este convite divino [...] fundar ao longe casas estrangeiras. Os nomes Tucuman, Santa Fé, Pouso Alegre, são pronunciados sucessivamente, voando de boca em boca. Cada um se pergunta quem terá a coragem de afrontar o desconhecido, sobre quem recairá a escolha, a honra do exílio... (Leonardi, 2008, p. 11).

Essa semelhança evidencia a forma como as religiosas de congregações católicas buscaram construir imagens de si, de suas organizações e de suas ações, indicando que caminhos e mudanças de rota seriam obras do divino. Os caminhos trilhados não seriam seus, seriam os caminhos da providência, os caminhos de Deus. A atribuição das mudanças de rota à obra divina, embora comum na narrativa de congregações, oculta a intencionalidade de congregações em seus movimentos migratórios e ações sociais, como talvez o vislumbre de que os estados Unidos era um destino visado por elas nas primeiras duas décadas do século XX, como apontam os casos citados acima. Essas intenções podem ser traduzidas por construir patrimônio, expandir a obra da Igreja Católica e manter seus Institutos. O fato é que a congregação indica ter chegado em terras brasileiras no ano de 1925, mas foi somente em 1926<sup>79</sup> que o “plano do Senhor” foi acolhido pela então superiora de Buenos Aires, Madre

<sup>77</sup> Irmã Trinidad foi a primeira superiora do Brasil.

<sup>78</sup> As FdM imigraram para os Estados Unidos em 27 de maio de 1919. O Rev. Giovanni Battista Tomasi, da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, enviou o convite para Madre Amabile Gavina, superiora geral das FdM que destinou cinco Irmãs para a missão. Três delas são mencionadas Irmã M. Giuseppina Fortune, Irmã Marcellina Keegan e Irmã Matilda Molloy. A escolha se deu porque as Irmãs dominavam o idioma inglês. Tomasi pedira auxílio no amparo a crianças pobres. Chegaram primeiro em Springfield – MA (<https://www.figliensmisericordia.net/cnt/stati-uniti/>). As FdM fundaram a escola St. Joan of Arc em 1927, localizada no estado da Pensilvânia. Sua casa provincial fica na Rua Villa Rossello, nº 1009, em Newfield, estado de Nova Jersey.

<sup>79</sup> Nesse momento, as religiosas aqui no Brasil estavam submetidas à Província Religiosa de Buenos Aires. A Província Religiosa no Brasil só foi constituída em 8 de abril de 1965. Ver informação em: <https://www.figliensmisericordia.net/cnt/brasile/>

Graham:

[...] que enviou ao Rio de Janeiro as primeiras missionárias da misericórdia: Irmã M. Dolores Pertruzzi, na qualidade de superiora e as Irmãs M. Celestina Anzorena, M. Tarcisia Redonelli e M. Juliana de Leon<sup>80</sup>, para assumir a gestão da Fundação Osório que tratava da educação de meninas órfãs, filhas de militares (<https://www.figliensmisericordia.net/cnt/brasil/>).

O custeamento dos estudos de algumas meninas, órfãs de militares, remonta à criação do Colégio Militar no Rio de Janeiro, em 1889. Em 1907, pela ocasião das comemorações do centenário do Marechal Osório, o Marechal Mallet apresentou o projeto aos seus superiores para a criação de um estabelecimento para elas. Passou a existir o projeto, inicialmente como trabalho filantrópico, com recursos advindos de oficiais do exército e da armada. Tinham como foco “a criação de um estabelecimento de educação bem mais estruturado e exclusivamente destinado às filhas órfãs de militares de terra e mar, nos mesmos moldes das mais modernas instituições de ensino existentes na Europa” (<https://www.fosorio.g12.br/index.php?fosorio=sintesehistorica>).

A Fundação Osório foi criada pelo Decreto nº 14856, de 1º de junho de 1921, sendo o Presidente da República, Epitácio Pessoa, e o Ministro da Guerra, o Marechal Hermes da Fonseca, deixando de ser um sonho para se tornar um estabelecimento educacional. Em 24 de maio de 1926, nas valiosas propriedades de Santa Alexandrina, no Rio Comprido, adquiridas pelos nossos primeiros administradores, foi construído o Liceu e foram feitas as adaptações na casa que recebeu a primeira turma de meninas (Idem.).

Situada na Rua Paula Ramos, nº 16, a recém criada instituição ainda era conhecida como Orfanato Osório, só passando a ser chamada de Fundação em 1924 quando deixa de estar subordinada ao Patronato de Menores<sup>81</sup> e ganha autonomia institucional. As obras da Fundação Osório foram concluídas em 1926 e em 24 de maio do ano houve a cerimônia de inauguração. Destacamos o uso de “Orfanato” porque em algumas de nossas fontes sobre a chegada das FdM encontramos esse termo para se referir ao estabelecimento que recebeu as Irmãs.

---

<sup>80</sup> As Irmãs Federica Veglio e Trinidad Quingley também ficaram pelo Brasil.

<sup>81</sup> Associação organizada por juristas brasileiros em 1906 que tinha por objetivo “fundar creches e jardins de infância; proporcionar aos menores pobres recursos para o aproveitamento do ensino público primário e incutir no espírito das famílias pobres os preciosos resultados da instrução; auxiliar os juízes de órfãos no amparo e proteção aos menores material e moralmente abandonados; pleitear a proibição de vendas por menores na escola perniciosa das ruas; codificar as causas que acarretam a cessação do pátrio poder; evitar convivência dos menores de ambos os sexos, promovendo a extinção da promiscuidade nos xadrezes, criando depósitos com aposentos separados para ambos os sexos; promover a assistência dos detentos menores; tratar da reforma das prisões de menores; esforçar-se para que se realize a fiscalização de todos os asilos e institutos de assistência pública e privada (Junior, 1991, p. 23).

Buscamos compreender como se deu a chegada das Irmãs a partir da consulta à periódicos já que não nos foi franqueado o acesso aos seus arquivos. Neles, foi possível observar que além de noticiada, a chegada das FdM era celebrada. As Irmãs da Misericórdia tinham sua reputação conhecida como evidencia a Figura 7.

Figura 7 - FdM dirigem idênticos estabelecimentos nos EUA, Itália e Argentina



Fonte: Vida Doméstica (RJ), junho de 1926, edição 100.

Fundada em 1920 por Jesus Gonçalves Fidalgo, Vida Doméstica foi uma publicação mensal da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., com circulação até o ano de 1963. Voltada para o universo doméstico, a mulher e a família, a revista apresentava modelos e valores a serem incorporados por esses grupos (Santos, 2011). Obviamente que estamos nos referindo a um grupo específico de mulheres, as burguesas.

O Rio de Janeiro do início do século XX foi um local de intensa transformação nas relações sociais, sobretudo devido ao avanço dos valores burgueses (Carvalho, 2019). Nesta conjuntura, as revistas e outros tipos de publicação tiveram um papel importante na difusão de padrões de comportamento, consumo e cultura (Cardoso, 2009). No caso da revista Vida Doméstica

[...] um primeiro dado a destacar é o fato de o periódico se posicionar pela defesa da família, dos bons costumes e dos preceitos cristãos. Em todas as matérias que enfatizavam a trajetória do periódico, ressaltava-se o seu compromisso com a

moralidade e a honestidade. Argumentava-se que a *Vida Doméstica* era uma revista que poderia ser “manuseada por qualquer mocinha, sem censura prévia”, dada a lisura moral com que era produzida. Contudo, a despeito da ênfase recorrente na defesa da família, é necessário acentuar que o periódico veiculava discursos contraditórios [...] em primeiro lugar, se o periódico defendia os valores da família, também dava visibilidade à percepção de que a família se encontrava constantemente ameaçada. Em segundo, observa-se que o periódico veiculava discursos a favor dos valores tradicionais, ora fomentava os valores modernos. Em terceiro, se é possível afirmar que a revista veiculava discursos conservadores no que tange às relações de gênero, igualmente, encontram-se discursos que visavam modificar essas relações, propondo a ampliação das possibilidades de vivência das mulheres dos setores mais abastados [...] para além da maternidade e do casamento (Cardoso, 2009, p. 104).

A Figura apresenta parte de uma notícia sobre a inauguração do Orfanato Osório. A notícia completa fala das dependências do estabelecimento que tem tudo para bem acolher as filhas órfãs de militares. Recortamos a parte onde é mencionada a presença das Irmãs da Misericórdia, pois chamou a atenção a informação de que era de conhecimento brasileiro que as FdM dirigiam estabelecimentos idênticos nos Estados Unidos, Itália e Argentina. A informação em uma revista voltada para o público feminino, uma mulher que tinha a maternidade como elemento central de sua identidade e participação na construção da nação (Freire, 2008) – evidencia não só o tipo de notícia que se fazia circular para esse grupo, com o atendimento de meninas órfãs que necessitavam de amparo, mas a forma como essa mulher passou a conhecer o trabalho desenvolvido por essas Irmãs. A revista difundia modelos de conduta. E o modelo que se apresentou das FdM teria dado certo nos Estados Unidos, Itália e Argentina.

As FdM chegaram ao Brasil para dirigir um estabelecimento idealizado por militares. Não temos fontes sobre como se deu o convite para isso, mas podemos refletir ou levantar hipóteses a partir de estudos acerca da relação entre Igreja Católica e militares na Primeira República brasileira. O setor militar atuou e atua, ao longo dos anos, como uma espécie de poder desestabilizador da política brasileira (Carvalho, 2019). No início do período republicano buscou ter maior participação a partir da reivindicação de seu pertencimento ao Estado. Assim como a Igreja Católica, as forças armadas e, sobretudo, o exército brasileiro, adotou uma postura de mediador social.

No mesmo ano em que as FdM começam suas atividades no Rio de Janeiro, foi fundada a União Católica Militar (UCM), “com o propósito de reunir católicos do exército e demais forças militares (marinha, bombeiros, policiais e afins) para difundir a instrução religiosa católica, fazer amar o exército como esteio da nação e propagar em todos os recantos do país a fidelidade às leis e autoridades constituídas” (Torres, 2019, p. 277). Obviamente que os

militares não formavam um grupo coeso, em que todos eram católicos. Mas é incontestável que existia um grande número de militares católicos. A década de 1920 se destaca pujança de movimentos. Um pouco antes da criação da UCM, em 1922, foi criado por Jackson de Figueiredo, o Centro Dom Vital. A iniciativa visou inserir os intelectuais católicos nas disputas culturais e políticas brasileiras, o que se ampliou com a formação da Ação Católica no Brasil (Souza, 2004). Assim não foram poucos os grupos que atuaram nas disputas católicas no recente Brasil republicano.

Mas não foi somente a revista *Vida Doméstica* a noticiar a chegada das FdM no Orfanato Osório. O periódico *O Paiz* também o fez em 23 de maio de 1926, aproximadamente um mês após a inauguração. Nas Figura 8 e Figura 9 vemos a notícia e a menção à direção das FdM do estabelecimento.

Figura 8 - Notícia da inauguração de 2 departamentos do Orphanato Osorio

**ORPHANATO OSORIO**

*A inauguração, amanhã, da Villa Epitacio Pessoa e do Lyceu*

Em 1908 a comissão que havia sido organizada para promover as festas do centenario do general Osorio, então chefiada pelo general Luiz Mendes de Moraes, satisfazendo os desejos de um grande grupo de officiaes do exercito de crear um asylo para as orphãs dos mi-

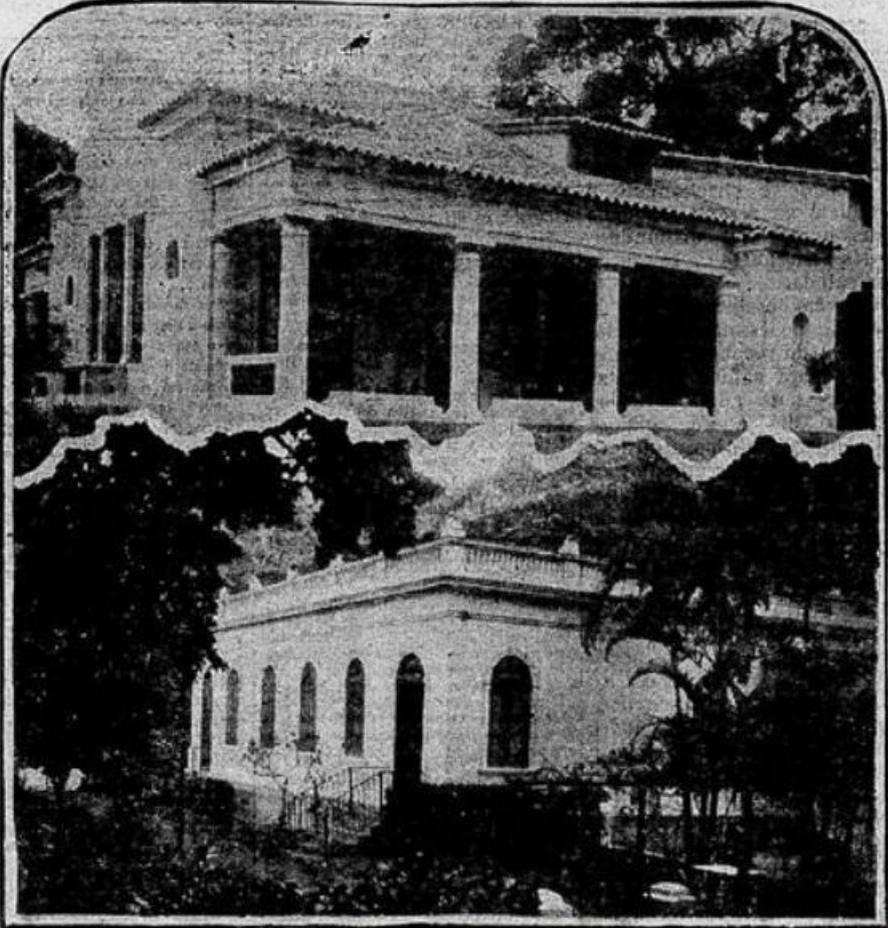
a dissolução da Sociedade, que foi decretada em assembléa geral de 14 de junho do mesmo anno.

De accordo com as obrigações assumidas pelo Governo ao termo da encampação ficou a seu cargo instalar e manter o Orphanato Osorio, e pelo Congresso Nacio-

conselho deliberativo que este e a directoria elegerem.

"Art. 4º — O primeiro conselho deliberativo será constituído pelas pessoas designadas pela primeira directoria.

"Art. 5º — Os membros do conselho deliberativo serão substituidos nos casos de vagas, faltas ou impedimentos, pela pes-



Fonte: O Paiz (RJ), 23 de maio 1926, Edição 15.190.

Figura 9 - Administração e Vigilância das FdM

Um e outra serão amanhã inaugurados. O plano do conjunto como as plantas da Avenida principal, da Capella, da Lavanderia (já em construção) e das adaptações da Villa Epitacio Pessoa são do architecto Armando de Oliveira. A administração e a vigilancia da casa das menores estão a cargo das Irmãs de Nossa Senhora da Misericordia, que dirigem identicos estabelecimentos nos Estados Unidos, na Italia e na Argentina. O ensino ficará sob a direcção da directoria.

Fonte: Idem.

Lançado por João José dos Reis Junior, o conde de São Salvador de Matozinhos, O Paiz foi um periódico diário que iniciou sua circulação nos últimos anos da Monarquia brasileira, em 1884, tendo como seu primeiro redator-chefe Rui Barbosa. Com circulação até 1930, o jornal é descrito pelo site da Biblioteca Nacional a partir das expressões “conservador”, “de grande expressão”, “governista”, “um dos maiores formadores de opinião na política e sociedade”<sup>82</sup>.

O jornal trouxe a notícia da inauguração dos dois departamentos do que ainda chamou de Orphanato Osório. A matéria é longa, conta basicamente a história da construção do estabelecimento, desde o surgimento da ideia – em ocasião da comemoração dos cem anos do General Osório com a criação da Associação Mantenedora do Orphanato Osorio – até a conquista do lugar, permeada de vaís e vens, devido ao fato de o empreendimento ter contado com auxílio de particulares e do poder público.

A menção às FdM é bastante similar à encontrada na Vida Doméstica, acrescida da função de vigilância. As religiosas atuavam nas funções de condutoras das órfãs. Sua função na Fundação Osório foi de amparo às órfãs de militares e de educação religiosa das meninas.

<sup>82</sup> Ver em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>

As FdM, como vimos, fundaram seu Instituto com uma missão voltada à população mais pobre, às crianças abandonadas e órfãs, mas, paulatinamente, suas obras voltaram-se para a educação de meninas. O direcionamento à educação se consolida, sobretudo, depois que iniciaram seu processo de expansão com a imigração para a América. Ao longo do tempo, foram adaptando sua missão<sup>83</sup> e direcionamento de ações conforme as demandas encontradas tanto na Itália quanto nos locais para onde imigraram. Davam aulas gratuitas para as crianças pobres e cobravam daquelas que podiam pagar. Abriram a casa da Providência em Savona para educar meninas abandonadas e civilizar órfãos, mas também fundaram colégios em regiões argentinas para o atendimento de famílias abastadas. Se a necessidade local era uma, elas atenderiam, se era outra, também o poderiam fazer, mas seu foco era a educação. Sua chegada ao Brasil e o atendimento a meninas órfãs pode ter sido um ponto de partida para o desenvolvimento de sua obra, que não iria se restringir à educação religiosa e condução da juventude.

A edição nº 144 do periódico *Gazeta de Notícias*, no dia 19 de junho de 1926, noticiou a cerimônia de matrícula das primeiras alunas e a nomeação do primeiro grupo de professores. Na notícia é mencionado que “Madre Trindade<sup>84</sup>, administradora da Congregação das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia” está presente na cerimônia. A *Gazeta* também nos auxilia no entendimento das funções desempenhadas pelas Irmãs no estabelecimento. Na notícia se lê que a administração da Fundação ficava a cargo da Madre Superiora das FdM e abrangia “além da instrução religiosa, a vigilância e os cuidados devidos às alumnas” (*Gazeta de Notícias*, 1926, Edição 144).

As FdM na figura de sua superiora teriam a função de administrar o Orfanato, as atribuições de instruir religiosamente, vigiar e cuidar das alunas. As religiosas ficaram no estabelecimento por cerca de dois anos, tendo se desligado da Fundação Osório (Pinheiro; Rodrigues; Santos Jorge, 2021) por desencontro de ideias com os militares que idealizaram o local. Esses autores escreveram um artigo para a ocasião da comemoração dos 100 anos da Fundação, nele mencionam que as religiosas faziam parte do corpo docente da instituição. Na ausência de fontes que explicitem exatamente se essas funções eram também desempenhadas,

---

<sup>83</sup> Embora em texto a missão tenha se mantido a mesma. A mencionamos no início do capítulo 1.

<sup>84</sup> É interessante destacarmos a presença de Madre Trindade, que provavelmente é Trinidad Quingley, uma das primeiras Irmãs a chegarem ao Brasil, ainda em 1925 na ocasião da parada no Rio de Janeiro em viagem com destino aos Estados Unidos. No site da congregação, é mencionada a chegada de três Irmãs para tocarem o projeto da administração da Fundação Osório, nenhuma delas era Trindade. O achado é interessante porque nos auxilia no encontro de vestígios fonte a fonte. O que uma não nos traz, podemos encontrar em outra. A superiora apontada no site das FdM é Irmã M. Dolores Pertruzzi.

escolhemos estabelecer um diálogo com àquelas que encontramos. As Irmãs chegaram para funções administrativas e para atuarem como modelos de conduta para a juventude órfã de militares, fazer o sempre o fizeram, educar pelo exemplo. O histórico da congregação aponta que a forma como buscaram se expandir se deu a partir da educação e pela busca, quase sempre, quando já instaladas, de fundarem estabelecimentos próprios, contando, muitas vezes, com apoio de membros da elite local e autoridades religiosas às quais buscavam ter proximidade.

Entretanto, nas cartas de Madre Rossello vimos que eram recorrentes os conselhos para que as Irmãs tivessem discrição nas relações estabelecidas nos locais para onde imigraram, que não se relacionassem abertamente com pessoas de fora da congregação e que abrissem casas para que pudessem dar continuidade à obra da Misericórdia e auxiliassem financeiramente a manutenção do Instituto. A oportunidade de um terreno onde pudessem instalar um colégio próprio parece uma boa justificativa para que o projeto dos militares da Fundação Osório e o das FdM se desencontrassem.

### 2.3. Um lugar próprio: o estabelecimento das FdM no Rio de Janeiro

No site do CNSM temos a informação de que o terreno onde o colégio foi construído na Rua Barão de Mesquita, número 689, no bairro do Andaraí era, até 1928, de propriedade da senhora Teixeira Soares, que o doou para as FdM no intuito de satisfazer um desejo de seu falecido marido que queria que a casa servisse de espaço para a educação de meninas. O lugar é descrito como amplo, situado em uma colina.

A primeira unidade da REDUCAR (Colégio Nossa Senhora da Misericórdia) foi fundada no dia 17 de fevereiro de 1928, situada na Rua Barão de Mesquita, 689, bairro da Tijuca, Rio de Janeiro. É a primeira entidade de propriedade das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia radicada no Brasil. Suas instalações estão inseridas numa colina, antiga propriedade da senhora Teixeira Soares que, satisfazendo um pedido do seu esposo já falecido, desfez-se dela para que fosse destinada a realizar um sonho de educar milhares de jovens. No início, o referido centro educativo tinha como objetivo a formação de meninas, nas modalidades de internato, externato e semi-internato. Ao longo dos anos, passou também a acolher os meninos. Posteriormente, o internato e semi-internato foram extintos. (<http://reducar.com.br/rio-de-janeiro/institucional/nossos-espacos/>)

Na tentativa de entender quem seria a família Teixeira Soares<sup>85</sup>, buscamos pelo endereço

---

<sup>85</sup> Além disso, na busca por “senhora Teixeira Soares” nos periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontramos ocorrências no Jornal do Brasil (RJ) (2); Diário Carioca (RJ) (2); O Paiz (RJ) (2); Jornal

da Rua Barão de Mesquita, 689, no período anterior 1928<sup>86</sup>. Ao usarmos endereço completo como palavra-chave, foi possível encontrar no periódico O Jornal, no ano de 1920 a notícia de sepultamento no local de uma moça chamada Juracy, filha de José de Almeida Xavier (O Jornal, 1920, edição 380). Não encontramos registros da ligação do senhor José de Almeida Xavier com a família Teixeira Soares.

Também inserimos “Senhora Teixeira Soares” e “Teixeira Soares” nos motores de busca da Hemeroteca<sup>87</sup>. Nesse movimento, encontramos algumas ocorrências<sup>88</sup> que nos permitem especular que o Senhor Teixeira Soares possa se tratar de João Teixeira Soares, engenheiro ferroviário brasileiro, responsável pelo projeto da construção da Estrada de Ferro Corcovado na cidade do Rio de Janeiro<sup>89</sup>. Especulamos que seja este Teixeira Soares devido a associação de seu nome em jornais a doações de tempos em tempos para a caridade<sup>90</sup> e pelo fato de o engenheiro ter morrido em 27 de agosto de 1927, pouco tempo antes da fundação do colégio pelas Irmãs. Não podemos afirmar com segurança que a propriedade foi do engenheiro Teixeira Soares<sup>91</sup>, mas é possível que tenha pertencido a alguém da família, que de acordo com Fernandes<sup>92</sup> é natural de Minas, mas se estabeleceu no Rio de Janeiro quando João José Soares Junior – pai de João Teixeira Soares – se tornara um próspero comerciante em São Fidelis.

Especulações à parte, nos cabe afirmar que o local onde fora construído o CNSM era amplo e que a família que o cedeu possuía uma vida financeira confortável, dada a possibilidade de doar parte de sua herança em benefício das FdM para um projeto educacional. Para termos noção da amplitude do terreno, destacamos que O Jornal (RJ) no ano de 1921, noticiou a venda de Cães da raça São Bernardo na propriedade. Para nós, isso evidencia a existência de um terreno de grandes proporções para abrigar um canil de uma raça de cachorros de grande porte

---

do Commercio (RJ) (2); O Imparcial (RJ) (1); e o Jornal do Commercio Edição da Tarde (RJ) (1). Não temos a certeza se a senhora Teixeira Soares era a mesma que possuía uma casa na Rua Barão de Mesquita, mas a mulher que encontramos com o sobrenome nas notícias foi a esposa do Dr. Teixeira Soares que fora Ministro do Tribunal de Contas da União entre 1910 e 1930. Sabemos que o marido da senhora Teixeira Soares que doou o terreno para as FdM teria morrido antes de 1928 e Pedro Teixeira Soares que atuou como ministro falecera em 1946, assim não podemos afirmar que são a mesma pessoa.

<sup>86</sup> Vimos as décadas de 1900-1909 e 1910-1919.

<sup>87</sup> Idem.

<sup>88</sup> Na busca por “Senhora Teixeira Soares” a década de 1900-1909 apresentou 3 ocorrências. A década 1910-1919 apresentou 18. Quando buscamos apenas “Teixeira Soares” encontramos entre 1900-1909 2.965 ocorrências. E na década seguinte, 5441.

<sup>89</sup> Ver: <https://revistaferrviaria.com.br/2008/07/expansao-ferrea-marca-teixeira-soares/>

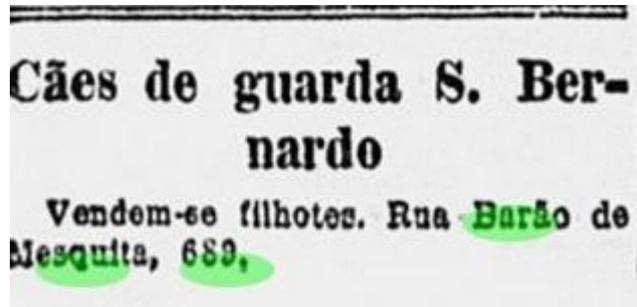
<sup>90</sup> A Gazeta Fluminense (RJ), 1905, Edição 45 e 60. Doações de 50\$000 para o Hospital de Santa Thereza.

<sup>91</sup> Encontramos um blog com algumas imagens da família Teixeira Soares

<sup>92</sup> Encontramos um blog que fala da família Teixeira Soares. Disponível em: <https://alemparaibahistoria.blogspot.com/2011/08/familia-teixeira-soares-fazenda-santa.html>

e bastante cara. Na Figura 10.

Figura 10 - Venda de Cães São Bernardo - Rua Barão de Mesquita, 689



Fonte: O Jornal (RJ), 1921, Edição 774.

A prática de ceder imóveis para a realização de um projeto educacional não era incomum. Na Itália e Argentina, as FdM conseguiam os locais para a fundação de seus colégios a partir dessas negociações. Trâmites que contaram, muitas vezes, com a intermediação de bispos locais que, próximos à população civil e às congregações, facilitavam a aquisição e o direcionamentos desses locais para a construção de colégios.

Na continuidade da construção do estabelecimento das FdM no Rio de Janeiro podemos apontar que com a aquisição de um lugar próprio foi questão de tempo o começo das atividades educacionais das religiosas. O reconhecimento das qualidades das Irmãs da Misericórdia apareceu no periódico A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista (RJ) no dia 29 de junho de 1929. Figura 11.

Figura 11 - A prosperidade das Irmãs da Misericórdia

## Irmãs da Misericórdia

E' admiravel a santa emulação que distingue as muitas e varias congregações de irmas que auxiliam vantajosamente a vida religiosa.

Entre as mais recentes, não ha negar, que a Congregação de Nossa Senhora da Misericordia, vae correspondendo aos santos ideaes de sua benemerita fundadora, Soror Maria Josepha Rossello, fallecida em odor de santidade.

Vae prosperando admiravelmente na America do Sul, nas Republicas do Prata, e em menos de tres annos, a casa aberta, nesta Capital, é das mais promissoras.

Aqui principiou tomando conta da direcção interna da Instituição Osorio, abrindo, em seguida um collegio, a rua Barão de Mesquita, é que poudo entrar em malor contacto com a familia brasileira.

O collegio, por seus methodos pedagogicos, viu logo sua matricula preenchida, de tal sorte que os logares ahi são disputados.

A casa religiosa a seu turno, tornou-se um centro de piedade, onde affluem as familias a intruir-se na doutrina e a progredir nas virtudes. Não é, pois de admirar que já se tenham manifestado diversas vocações da donzellas que desejam servir a Deus sob a tutela da Congregação de Nossa Senhora da Misericordia.

Ha pouco, na Casa Provincial, de Buenos Aires, as tres primeiras irmas, que vieram á America, celebraram o jubileu de vida religiosa.

A missa foi celebrada por Monseñhor Felipe Cortes, nuncio apostolico, com a assistencia de numerosas familias. Mas, certamente, não foi menor alegria, as boas noticias da novel fundação da Casa no Brasil e das esperançosas vocações que lá foram egualmente partilhar do justo contentamento das dedicadas primeiras irmas de Nossa Senhora da Misericordia.

Fonte: A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista (RJ), 1929, Edição 26.

O periódico A Cruz: orgão da Parochia de São João Baptista (RJ) foi um veículo

importante para o estreitamento de relações entre a Igreja Católica e a população local do Rio de Janeiro (Machado, 2023). A existência de periódicos desse tipo auxiliou o trabalho da Igreja Católica que pode, a partir deles, divulgar obras e difundir valores, apontando seu posicionamento frente às questões políticas e culturais que se colocavam e se inserindo nas disputas que envolviam tais questões. Foi o caso da revista *A Ordem*, fundada em 1921 por Jackson de Figueiredo, intelectual católico engajado na “organização do movimento leigo a fim de serem estes os novos mediadores entre a Igreja e a sociedade moderna” (Soares, 2017, 39).

Jackson de Figueiredo foi presidente do Centro Dom Vital que se propunha a ser o centro irradiador do ideário católico conservador. Perillo Gomes, cofundador da revista *A Ordem*, e um de seus redatores, teve um artigo publicado ao lado da notícia que apresentamos sobre as Irmãs da Misericórdia. Intitulado *O liberalismo brasileiro e a “questão romana”*, nele Gomes condena os males do liberalismo, denuncia um Brasil repleto liberais, inclusive entre os católicos (*A Cruz: órgão da Paróquia de S. João Baptista*, 1929, Edição 00026)<sup>93</sup>. O artigo, mais tarde, foi parte do livro escrito por Gomes, *O liberalismo*, lançado em 1933<sup>94</sup> com prefácio escrito por Tristão de Athayde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, que com a morte de Jackson de Figueiredo em 1928, o substituiu na direção do Centro Dom Vital.

A veiculação de artigos de intelectuais católicos ao lado de elogios às ações de religiosas de congregações nos faz refletir sobre as diferentes frentes de combate que católicos no Brasil, fossem leigos, ou aqueles que professavam votos, utilizaram. Se a sociedade brasileira, ou grande parte dela, foi representada nesses veículos como um conjunto de liberais, carentes de valores e moral, as Irmãs da Misericórdia eram representadas como virtuosas e inspiradoras de vocações.

A década de 1920 privilegiou a formação de um grupo engajado de intelectuais católicos, que mais tarde, na década seguinte, disputou o campo cultural e educacional brasileiro com aqueles que defendiam uma educação laica e novos métodos educacionais. Esse outro grupo também ganhou força na década de 20 (Vidal e Faria Filho, 2007).

Nos anos 1920 [...] reapareceu, com grande força, o discurso que somente com a educação era possível fazer o país avançar em direção ao desenvolvimento e a maior igualdade social, permitindo resolver todos os problemas político-sociais. Coincidiu

93

Consultar

em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&pesq=o%20liberalismo%20brasileiro%20e%20a%20%22quest%C3%A3o%20romana%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1790>

<sup>94</sup> GOMES, Perillo. *O liberalismo*. Prefácio de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), Barcelona, Imprensa Boada, 1933. Disponível para leitura em: [https://issuu.com/carlosduarte45/docs/perillo\\_gomes\\_-\\_o\\_liberalismo](https://issuu.com/carlosduarte45/docs/perillo_gomes_-_o_liberalismo).

com o aumento da propaganda de um movimento que estava, no mundo inteiro, propondo a renovação educacional: o movimento escolanovista [...] A Escola Nova propunha-se a reinventar a escola e as relações que constituía no seu interior e com as demais instituições sociais (Vidal e Faria Filho, 2007, p. 12).

O surgimento do movimento escolanovista e a difusão da ideia da resolução de problemas político-sociais pela educação incitaram o debate sobre a necessidade de um sistema nacional de educação. Nessa esteira, foram realizadas entre 1920 e 1930 várias reformas educacionais em estados brasileiros<sup>95</sup> tendo os princípios do escolanovismo como orientadores. Nessa época, houve a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE) por iniciativa da sociedade civil – professores e profissionais que tinham interesse na área educacional – que tinha como finalidade reivindicar a sistematização das políticas educacionais por parte do Estado.

A entidade reunia dois blocos: o grupo liberal-democrata (entre os quais Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Paschoal Leme), que posteriormente seria o responsável pelo Manifesto e o grupo católico (Hélder Câmara, Alceu Amoroso Lima, Jônatas Serrano, entre outros). A unidade deste grupo heterogêneo era mantida pela campanha cívico-educacional conduzida pela ABE a partir de ações que visavam a organização da nacionalidade por meio da organização da cultura (Carvalho, 1999 apud Martins, 2013, p. 5).

Como a laicidade, gratuidade e a co-educação da escola brasileira faziam parte das novas ideias circulantes, a Igreja Católica e o grupo de intelectuais católicos apareceram no cenário que se desenhou mais tarde com o Manifesto dos Pioneiros da Educação (1932)<sup>96</sup> como antagonistas do projeto.

[...] a luta pela democratização da escola era um assunto que interessava a vários setores da sociedade, entre eles a Igreja Católica. Apesar de também defenderem inovações na forma de ensinar, certos grupos católicos ligados à educação nem sempre concordavam com algumas das reformas propostas. Por exemplo, a ideia de uma escola pública laica, gratuita e na qual houvesse a co-educação entre os sexos, ou seja, onde meninos e meninas estudassem juntos na mesma sala de aula, não era bem aceita. Esses grupos defendiam que o Estado deveria manter, sim, uma rede de escolas públicas e gratuitas para a população. Mas entendiam que em tais escolas deveriam ser ensinados os preceitos cristãos-católicos sob o argumento de que a maioria da população era católica; defendiam ainda que era da família o direito de escolher onde educar os filhos: se na escola pública ou se na escola particular (Idem, p. 13).

Como vimos, a Igreja Católica durante muito tempo deteve o monopólio da educação no Brasil, assim, a criação de um sistema público de ensino de viés laico colocaria não só esse

<sup>95</sup> Vidal e Faria Filho (2007) citam as reformas em: São Paulo (1920, 1930, 1933); Minas Gerais (1927); Rio de Janeiro (1927 e 1931); Pernambuco (1928); e Ceará (1922).

<sup>96</sup> Ver: AZEVEDO, Fernando de et al. Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, v. 122, 2010.

monopólio em risco – pela concorrência entre as escolas particulares gerenciadas por religiosos e as públicas – como comprometeria o projeto maior da Igreja, de mediação cultural da sociedade, com a doutrina católica longe de uma das esferas mais importantes, a escolar.

Vimos que o federalismo adotado pela Constituição de 1891, aprofundou desigualdades e fez a república recém formada ser controlada econômica e politicamente por oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, as elites agroexportadoras. Essas elites controlavam a economia e sistema eleitoral brasileiro, com a chamada Política dos Governadores (Carvalho, 2019). Em termos políticos, as décadas de 1920 e 1930 marcaram transformações profundas nesse cenário.

Os anos de 1920 poderiam ser considerados os “anos dourados” da República Velha, um período marcado por tentativas de modernização econômica, pela urbanização, pela efervescência social, política e cultural, pela gestação de definições ideológicas. Uma década que, além de encerrar a velha República, punha um ponto final tardio no século 19 brasileiro. Nesse período, com exceção do grupo cafeicultor que se beneficiava do poder, todo o país ansiava por mudanças, e a movimentação vivida pela sociedade apontava para uma expansão do horizonte econômico e da participação política de grupos emergentes até então tolhidos pelas limitações impostas pela República Velha (Vianna, 2007, p. 27).

Outra transformação que cabe ser destacada relaciona-se ao próprio modelo agroexportador. A economia brasileira passou a dar demonstrações de que tal modelo era atrasado e anacrônico para um país desejoso de jogar as regras do capitalismo mundial. Tal constatação só ficara mais evidente com a queda vertiginosa do preço do café no mercado externo em 1928 e a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, fatores que influenciaram a instabilidade do governo do Presidente Washington Luís (Prado Junior, 2007). Ao indicar como sucessor à presidência o paulista Julio Prestes, Washington Luís atraiu o descontentamento da oligarquia de Minas Gerais que se uniu ao Rio Grande do Sul e a Paraíba, movimento que desencadeou a chamada Revolução de 1930<sup>97</sup> que alçou Getúlio Vargas à presidência do Brasil.

Foi nesse contexto que se iniciaram os trabalhos das FdM no CNSM. O contexto de efervescência das disputas educacionais<sup>98</sup>. O início das atividades é colocado no site do colégio, como já vimos, no ano de 1928, mas a realização de aulas propriamente ditas parece ter começado mais tarde. Padre Laércio Moura (2000) no livro a Educação Católica no Brasil produziu um quadro que indica o começo das atividades do colégio no ano de 1933. Entretanto,

<sup>97</sup> Sobre a Revolução de 1930 ver: Boris Fausto (1970) e Edgar De Decca (2004).

<sup>98</sup> As disputas são aprofundadas no governo Vargas pelo decreto nº 19.941 de 30 de abril de 1931 assinado pelo Ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos em que ficava facultado, nos estabelecimentos de instrução primária, secundária e normal, o ensino da religião. Ver: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=DECRETA%3A,normal%2C%20o%20ensino%20da%20religi%C3%A3o.>

temos algumas fontes que podem ser contrastadas.

O periódico *A Cruz*, em publicação datada de 4 de maio de 1930, edição 18, traz a informação de que no dia 10 de maio de 1930 foi realizada a festa pastoral do colégio na rua Barão de Mesquita, como indica a Figura 12.

Figura 12 - Festa do Collegio de N. S. da Misericordia



Fonte: *A Cruz*: Orgão da Parochia de S. João Baptista (RJ), 1930, Edição 00018

As informações contidas no pequeno anúncio, trazem, inclusive, informações de que as religiosas da misericórdia também tinham uma escola dominical para operárias. O fato de a escola estar situada em um bairro que durante o fim do século XIX e início do século XX adquiriu características operárias com concentração de fábricas – como é o caso da Fábrica Cruzeiro administrada pela Companhia América Fabril – vilas operárias e moradias populares (Santos; Leite; França, 2003) provavelmente fez com que as religiosas não só buscassem atender à uma clientela pertencente à classe média carioca, como àquelas que tinham origem mais modesta. Como não era incomum que atendessem diferentes públicos, o que já faziam em outras localidades, a informação não causou grande surpresa.

Em 1932, a revista *Vida Doméstica* apresentou uma foto que fora tirada pela ocasião da cerimônia de 1ª comunhão de um grupo de crianças realizada nas dependências do CNSM. Na Figura 13 podemos ver que o Monsenhor Rosalvo Costa Rêgo presidiu a cerimônia.

Figura 13 - Cerimônia de 1ª Comunhão no CNSM 1932



Fonte: Vida Doméstica, 1932, Edição 00176.

Monsenhor Rosalvo foi um sacerdote do clero brasileiro, vigário geral a partir de 1921 da Paróquia de São João Batista. Foi mais tarde, vigário geral da Arquidiocese do Rio de Janeiro<sup>99</sup> e com a morte do Cardeal Dom Leme, figura da qual foi bastante próximo, na década de 1940 sagrou-se diretor espiritual da Arquidiocese do Rio de Janeiro<sup>100</sup>. A proximidade de religiosos do clero brasileiro com as Irmãs pertencentes a congregações católicas nos dá a ver a forma como se relacionavam as diferentes frentes da Igreja Católica entre si, com congregações católicas inseridas em dioceses e arquidioceses brasileiras, e estas com a população civil. A discussão aqui é relativa ao início das atividades do CNSM, mas vemos que antes mesmo da ocorrência de anúncios dessas atividades já existiam relações estabelecidas e a busca pela ocupação do espaço para o desempenho de ações e a aproximação com a população

<sup>99</sup> Ainda sob o pontificado do Papa Leão XIII, em 27 de abril de 1892, a hierarquia eclesiástica do Brasil foi reorganizada. Foram criadas duas Províncias Eclesiásticas. Uma no Norte, com sede em São Salvador na Bahia e outra no Sul. O bispado do Rio de Janeiro foi elevado à categoria de Sé Metropolitana. Nos anos de chegada e estabelecimento das FdM no Rio de Janeiro, os arcebispos foram D. Joaquim Arcoverde (1897-1930) e D. Sebastião Leme (1930-1942). As Filhas de Nossa Senhora

<sup>100</sup> Ver mais informações sobre Monsenhor Rosalvo em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://memoria.bn.gov.br/pdf/829706/per829706\\_1954\\_01926.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://memoria.bn.gov.br/pdf/829706/per829706_1954_01926.pdf)

local.

Entendemos que os colégios católicos não funcionavam apenas como espaços educacionais, mas eram também utilizados para festividades, missas e outras cerimônias mobilizadoras da população local, como a 1ª comunhão que citamos. Isso se deve a forma como a Igreja Católica a partir de congregações também se inseriu no projeto de construção do espaço urbano das cidades, marcando a paisagem delas não só com seus símbolos físicos, como edifícios, santuários e colégios, mas a partir de rituais e cerimônias (Hobsbawm; Ranger, 2012) que as aproximava da população e nela difundia moral e comportamentos, ampliando sua influência social e cultural. Veremos isso mais detidamente quando falarmos sobre o processo de construção de uma capela no CNSM.

Agora veremos os primeiros anúncios sobre as atividades do CNSM, as primeiras matrículas, que cursos ofertava e o público que atendia. Novamente no jornal *A Cruz: órgão da Paróquia de S. João Baptista (RJ)*, inclusive periódico onde encontramos o maior número de ocorrências sobre a presença e o trabalho das Irmãs na cidade<sup>101</sup>, temos o anúncio da Figura 14.

---

<sup>101</sup> É importante que levemos em consideração que a compra de anúncios era comum em jornais (Limeira, 2014).

Figura 14 - Anúncio de abertura de matrículas CNSM

**Colegio N. Senhora da Misericórdia**

---

DIRIGIDO PELAS  
RELIGIOSAS FILHAS DE **NOSSA SENHORA**  
DA **MISERICORDIA**

RUA BARÃO DE MESQUITA, 689—Tel. 8-0133

---

Curso Comercial Fiscalizado pelo Governo  
Federal

**INTERNATO — SEMI-INTERNATO — EXTERNATO**

Este estabelecimento de educação situado em um local dos mais saudáveis e pitorescos do Rio, instalado em bela propriedade, circundada de lindos jardins, pateos de recreios com jogos apropriados para o divertimento e desenvolvimento das alunas, abrirá sua matrícula a 15 de Janeiro para os seguintes cursos: Jardim de Infancia, Primario e Comercial este ultimo observando os mesmos programas preconizados na Reforma do Ensino Comercial, podendo fazer juntamente no mesmo ano os Cursos Propedeutico e auxiliar do Comércio.

Aceitam-se alunas para idiomas, música, pintura, artes decorativas e toda classe de bordados e costura.

---

**ADMITEM-SE ALUNOS ATE' 10 ANOS**  
**PREÇOS MODICOS**

**Expediente: das 8 da manhã às 18 horas**

Fonte: A Cruz: órgão da Parochia de S. João Baptista (RJ), 1933, Edição 4.

O anúncio traz informações importantes. Primeiro que o colégio oferecia os cursos de Jardim de Infância, Primário e Comercial. Que funcionava nas modalidades internato, semi-internato e externato. Além disso, aceitavam alunas para idiomas que, como vimos a partir das cartas de Madre Rossello, na maior parte das vezes, era o francês, o que fazia com que as Irmãs tivessem sempre demandas por professoras do idioma a serem enviadas da Itália ou Argentina. Vemos também que meninos poderiam frequentar a escola, desde que tivessem até 10 anos. A informação de que os preços cobrados das mensalidades eram módicos também é relevante e discutiremos isso a partir da apresentação de alguns perfis de alunas da instituição, além de

apresentar algumas fontes do Jornal do Brasil<sup>102</sup> que evidenciam o recebimento de auxílio da Prefeitura do Rio de Janeiro e de envio de crédito<sup>103</sup> por parte do órgão para o CNSM.

No momento, cabe destacarmos a referência a normatização do CNSM à reforma do Ensino Comercial e com curso fiscalizado pelo Governo Federal. Na década de 1930, foi criado, no governo de Getúlio Vargas, o Ministério da Educação e Saúde Pública. Em 1931, com a Reforma de Francisco Campos se organizou o ensino secundário e superior no Brasil. Através do decreto nº 20.158 de 30 de junho de 1931 se organizou também o ensino comercial nos níveis secundário e superior, regulamentou-se a profissão de contador. Pelo decreto, os cursos foram estruturados em: Cursos médios: 1º ciclo (curso propedêutico de 3 anos e curso de auxiliar de comércio de 2 anos); 2º ciclo (cursos técnicos de secretário, de 1 ano); guarda-livros de 2 anos; administrador-vendedor de 2 anos; atuário de 3 anos; perito contador de 3 anos; e Curso Superior e Finanças de 3 anos (Romanelli, 1996).

Em 1934, tendo à frente do ministério, Gustavo Capanema, foi pensada a reestruturação da educação profissional. O grupo de intelectuais ligados à Capanema que participaram da comissão para essa reestruturação queriam o sistema de educação profissional conjunto ao sistema regular de educação (Pedrosa, 2020). Uma figura emblemática da educação brasileira que atuou, primeiro como diretor do Departamento de Educação e mais tarde como Secretário de Educação e Cultura – que não participou da comissão devido às suas divergências com o governo Vargas – foi Anísio Teixeira, responsável por uma reforma educacional (1931-1935) que visou, entre outras coisas, dar prosseguimento à modernização pretendida pela Reforma Carneiro Leão (1922-1926) do sistema de ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro (Xavier, 2007). Dentre as medidas inseridas pela reforma destacamos a integração da formação técnica com o ensino secundário. A escola incorporaria a formação cultural, científica, humanística e técnica (Pedrosa, 2020).

Assim sendo, quando as Irmãs dizem ofertar o curso comercial é a essa configuração que se referem. Além disso, o que chama a atenção é que em um momento em que a educação brasileira passava por reformas que indicavam um esforço para o desenvolvimento e construção de um sistema nacional de educação por parte da sociedade civil e políticos, os colégios católicos também se empenharam em ofertar cursos que compreendessem a educação desde a

---

<sup>102</sup> Edições 217 (10/09/1931); 242 (10/10/1934); 200 (22/08/1936); e 13 (15/01/1939).

<sup>103</sup> O acontecia era que, via decreto, o Prefeito abria crédito suplementar para o CNSM que solicitava subvenção anual (Jornal do Brasil, 1936, Edição 200).

mais tenra idade, até o início da fase adulta.

Dando continuidade à apresentação do colégio pela imprensa, destacamos a notícia, veiculada novamente pelo periódico A Cruz. Dessa vez, a notícia é do ano de 1934 como mostra a Figura 15.

Figura 15 - CNSM "conhecido das famílias católicas desta cidade e de todo Brasil"

**Colegio Nossa Senhora da Misericordia**



Acaba de encerrar o ano letivo, esse benemerito estabelecimento de ensino, dirigido pela competencia e zelo das Religiosas Filhas de N. Senhora da Misericordia.

Como nos anos anteriores, a direção do colegio organizou uma bellissima exposição dos trabalhos confeccionados pelas alunas durante o ano, atestado brilhante do quanto ali se trabalha e aprende. Trata-se, na verdade, de trabalhos feitos com arte e bom gosto, e que muito bem impressionam o visitante.

Alíás o Colegio Nossa Senhora da Misericordia é estabelecimento assás conhecido das famílias católicas desta cidade e de todo Brasil.

Funcionando em predio apropriado e moderno, oferecendo o maximo conforto ás alunas e ministrando o ensino desde o Jardim da Infancia, até o Curso Comercial, está o Colegio Nossa Senhora da Misericordia, prestando relevantes serviços á obra da educação em nosso paiz.

"A CRUZ", sente-se bem em endereçar ás zelosas irmãs de N. S. da Misericordia, os mais sinceros parabens, pelos frutos colhidos pelas suas alunas durante o ano letivo que acaba de findar.

Fonte: A Cruz: órgão da Parochia de S. João Baptista (RJ), 1934, Edição 51.

A notícia informa sobre o encerramento do ano letivo do CNSM. Menciona "Como nos anos anteriores" para se referir à exposição que costuma organizar nos fins dos anos letivos. Essa menção evidencia que as atividades do colégio começaram a pelo menos dois anos, assim,

é possível que a abertura do CNSM tenha se dado antes de 1933, diferentemente do que indica o Padre Laércio Moura. Tal confusão de datas pode estar relacionada ao momento em que o local recebe o reconhecimento de estabelecimento de educação por parte do Ministério da Educação. Não temos a intenção de buscar exatamente quando se deu o início das atividades, mas com as informações acessadas, é possível afirmar que o colégio foi fundado em 1928 e pouco tempo depois já estava realizando atividades no local.

A imprensa católica e, no caso das FdM, o jornal A Cruz atuou como vitrine das ações educativas da congregação. O periódico

[...] teve sua primeira edição publicada no dia 21 de setembro de 1919 e contava com 04 páginas, sendo publicado quinzenalmente como órgão da paróquia de São João Batista. O periódico nasceu tímido e concentrava suas páginas nas questões eclesiais. Ao longo dos anos o periódico passará por uma série de transformações e adequações (Maximiano; Vieira; De Souza, 2023, p. 125).

O fundador do jornal foi André Arcoverde, sobrinho do Cardeal Arcoverde, e o redator chefe, o Padre José Cabral, conhecido por sua luta no combate ao comunismo no Brasil a partir de seus escritos. O periódico começou com publicações semanais em seu primeiro ano de existência, passando a ser semanal na década de 1930. Entendemos, aqui, que A Cruz e outros jornais católicos se engajaram nas discussões políticas, sociais e culturais de interesse da Igreja Católica, e foram responsáveis não apenas por divulgar o discurso católico e as ações empreendidas por religiosos, mas se esforçaram em produzir um espaço social católico a partir de seus escritos (Oliveira, 2019). Esses veículos, como podemos ver, também inseriram as escolas e colégios católicos geridos por congregações no jogo das disputas educacionais da época. Afirmções como “conhecido das famílias católicas desta cidade e de todo Brasil [...] prestando serviços à obra da educação em nosso paiz” (A Cruz: órgão da Paróquia de S. João Baptista (RJ), 1934, Edição 51) em referência ao CNSM evidenciam essa iniciativa de inserir o colégio nas grandes referências educacionais do país.

Em uma edição seguinte, a nº 52, o mesmo jornal faz nova referência ao encerramento das atividades letivas do ano de 1934 do CNSM. Figura 16.



da congregação no Brasil. A Irmã Ward ficará à frente da congregação no Brasil durante muitos anos e mais tarde dará nome a um largo no bairro do Grajaú<sup>104</sup>.

Cabe mencionar, agora, uma outra forma de inserção das FdM na educação brasileira, que se deu a partir de reivindicações ao poder público de subvenções da Prefeitura em favor do CNSM. A Figura 17 apresenta o ofício em que o prefeito do Rio de Janeiro abre crédito suplementar de 110:000\$000 à solicitação de subvenção anual do CNSM.

Figura 17 - Crédito para subvenção anual do CNSM



Fonte: Jornal do Brasil, 1936, Edição 200.

“Recursos públicos, diretos e indiretos, ao longo da história, foram disponibilizados para essas escolas em nível federal desde a Constituição de 1934 (art. 154)” (Leonardi; Arantes; De Souza, 2021, p. 200). Limeira (2021) aponta ainda que remonta ao século XIX a subvenção do poder público em forma de financiamento ao ensino primário de alunos das camadas mais baixas em colégios particulares. Os pedidos dessa monta evidenciam o expediente comum do financiamento de colégios católicos pelo poder público e a necessidade de suporte que as congregações tinham para se manterem em pleno funcionamento. A informação no anúncio sobre as matrículas, de que o colégio oferecia atividades e cursos a preços módicos nos dá a ver, inclusive, que o público ao qual atendeu o CNSM não se tratou de uma elite carioca, mas

<sup>104</sup> Ver em: <https://pt.foursquare.com/v/largo-irm%C3%A3-maria-martha-ward/52df882811d26b018320e059>

de elementos das camadas médias brasileiras que estavam presentes no que hoje em dia conhecemos como a Grande Tijuca.

Entre os fins do século XIX e início do século XX, a identidade da Tijuca passou por consideráveis transformações. O bairro passou de uma área de atividades rurais para um local onde se concentrou atividades industriais, até se tornar um centro urbano de natureza residencial no início do século XX (Vaz; Aizen, 2003). Paulatinamente, a Tijuca adquiriu uma identidade burguesa, com presença de uma classe média.

A expansão das camadas médias da população vincula-se à recente modernização capitalista que se anunciava no Brasil, trazendo novos atores, novas possibilidades de colocação no processo produtivo e a crise de hegemonia da oligarquia agrária, segmento que se fortaleceu na Primeira República. De uma forma simplificada, no processo desencadeado na década de 1930, a sociedade brasileira apresentava uma recente burguesia industrial e trabalhadores da indústria, aspecto eminentemente urbano e localizado, uma oligarquia agrária e trabalhadores do campo. A classe média encontrava-se na nova configuração de incremento do comércio, do setor de serviços e de trabalhadores autônomos, advinda da industrialização e da urbanização, processos concomitantes porque dependentes e que abriram possibilidades de mobilidade social na estrutura de classes da sociedade brasileira, com a ampliação do mercado de trabalho voltado aos setores administrativos e financeiros, como também o alargamento do mercado consumidor (Andreotti, 2019, p. 19).

Essa classe média era diversa e se diferenciava, sobretudo, por suas ocupações (Idem.). Se relacionaram com as Irmãs da Misericórdia matriculando suas filhas no CNSM. A revista *Vida Doméstica* e *O Malho* trazem algumas imagens de alunas do CNSM nos anos 1940 que nos auxiliam na discussão sobre o perfil do alunado do colégio, como podemos ver nas Figuras 18, Figura 19 e Figura 20.

Figura 18 - Srta M. Angela de Oliveira Macieira - Filha de alto funcionário do Banco da Província

**VOTOS DE BOAS-FESTAS**

Por terem sido recebidos no decorrer dos primeiros dias do mês de Janeiro, só neste número nos é possível apresentar os nossos agradecimentos à gentileza dos nossos prezados amigos pelos votos de Boas-Festas que nos foram enviados. Retribuímo aqui tal gesto augurando as melhores venturas e franca prosperidade, no ano que transcorre, para os srs.:

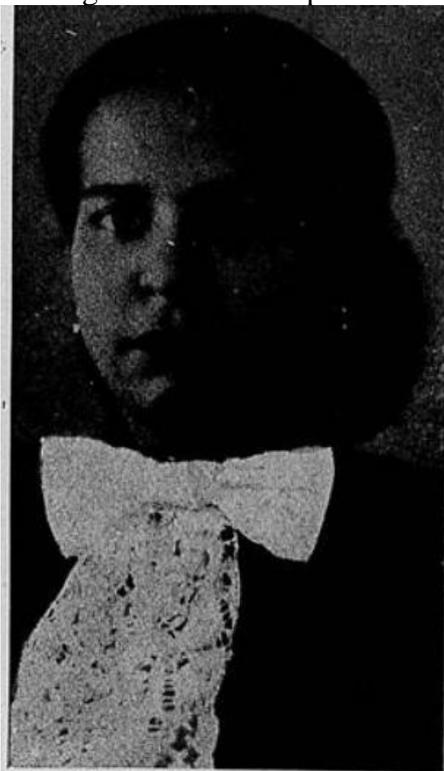
Alfredo Souza — Rio Magazine — Clovis Leverger — Sant'Anna Olavo & Cia. — Empresa Martins Neto — Sino S. A. — Banco de Crédito Real S. A. — Emp. Prop. Poyares Ltda. — Alfredo Medeiros Carvalho — Almerio Ramos — Adonai de Medeiros — Clube de Regatas do Flamengo — Comp. Química Rhodia Brasileira — Cia. Fábio Bastos — Cia. Importadora Gráfica Arthur Sievers — Alexandre Alves Corrêa — J. Walter Thompson Comp. do Brasil — Clube de Regatas Vasco da Gama — Empresa de Transportes Caramurú Ltda. — Ramos d'Almeida — O Globo — Soc. Científica Supermentalista — Brito Oliveira & Cia. — Cia. Paulista de Papel e Artes Gráficas — George G. Cobean.

**Srta. Maria Angela de Oliveira Macieira,** no seu primeiro vestido de baile. Aplicada aluna do Ginásio **Nossa Senhora da Misericórdia** desta capital, nas provas de fim de ano, tirou o 4.º lugar numa turma de 40 colegas. É filha do distinto casal sra. Maria de Lourdes de Oliveira Macieira-sr. Waldemar Lopes Macieira, alto funcionário do Banco da Província do Rio Grande do Sul.



Fonte: Vida Doméstica, 1945, Edição 323.

Figura 19 - Augusta filha de despachante aduaneiro



Augusta é uma jovem aplicada, zelosa, que, em tudo traz alegria ao seus pais, o sr. José Ferreira da Costa, competente e conhecido despachante aduaneiro, e d. Jeanne Ferreira da Costa. Ainda agora Augusta, depois de bem sucedidos estudos em que demonstrou a sua grande dedicação aos livros, tendo obtido excelentes notas, encerrou, no Colégio Nossa Senhora da Misericórdia, o seu curso ginásial. Augusta faz anos no dia 5 de Fevereiro corrente e, por tantas razões, este será um dia festivo em que ela receberá a prova da estima que merece.

Fonte: Vida Doméstica, 1946, Edição 335.

Figura 20 - Senhorinha Maria Eleny Salles: fino elemento da sociedade carioca



Fonte: O Malho, 1947, Edição 86.

As três alunas são apresentadas nas revistas como aplicadas, distintas e estudiosas. Nas duas primeiras figuras são mencionadas as profissões dos pais das estudantes. O pai de Maria Angela, alto funcionário do Banco da Província do Rio Grande do Sul, o de Augusta, um competente despachante aduaneiro. A menção da profissão dos responsáveis pelas estudantes nos dá indícios das classes sociais às quais pertenciam as alunas do CNSM. O perfil não parecia ser homogêneo, entendemos que as estudantes não eram filhas de grandes proprietários de terra, mas provinham de famílias em que a mãe era dona de casa, o que explica a supressão da profissão das mães nas notícias, e os pais eram profissionais das classes média e alta da

sociedade, ligados a setores comerciais, financeiros e industriais. Já na revista *O Malho*<sup>105</sup> é apresentada Maria Eleny, como fino elemento da sociedade.

A apresentação de alunas de um colégio católico nas páginas de revistas voltadas para o público feminino incita o debate sobre a educação feminina e as formas com que revistas como a *Vida Doméstica* produziram discursos educativos para as mulheres.

Podem-se compreender as revistas femininas como ferramentas ou guias que forneceria algum tipo de orientação em tempos de mudança das representações ditas ideais. Nesse sentido, o impresso voltado para o público feminino cumpriria um importante papel social, além de outras funções ligadas ao lazer, à divulgação de informações, ao estímulo ao consumo: o de educar as mulheres, visando capacitá-las como educadoras dos filhos e organizadoras da família [...] a imprensa feminina possuía viés frequentemente professoral, dotando-se de uma missão: a de moldar o pensamento, o comportamento e, em última análise, o próprio sujeito. Embora tivesse um caráter não-formal, sua relevância situa-se no fato de que sua disseminação era grande, atingindo majoritariamente mulheres das camadas médias e dominantes, ainda que houvesse a possibilidade de uma abrangência maior em relação ao público leitor (Santos, 2011, p. 57).

Para além da atuação como uma instituição educacional, os periódicos atuaram na produção de modelos sociais a serem seguidos, alinhados com as novas condições conquistadas pelas mulheres na sociedade e a necessidade constante de controlá-las. As congregações católicas atuam construindo modelos e seguindo regras de conduta, educam a partir desses termos. A educação ofertada pelas FdM para essas moças produziu modelos que a sociedade necessitava e, ao mesmo tempo, inseriu a congregação no jogo das relações sociais. Afinal, esses modelos de conduta, dedicação e empenho nos estudos foram forjados no CNSM.

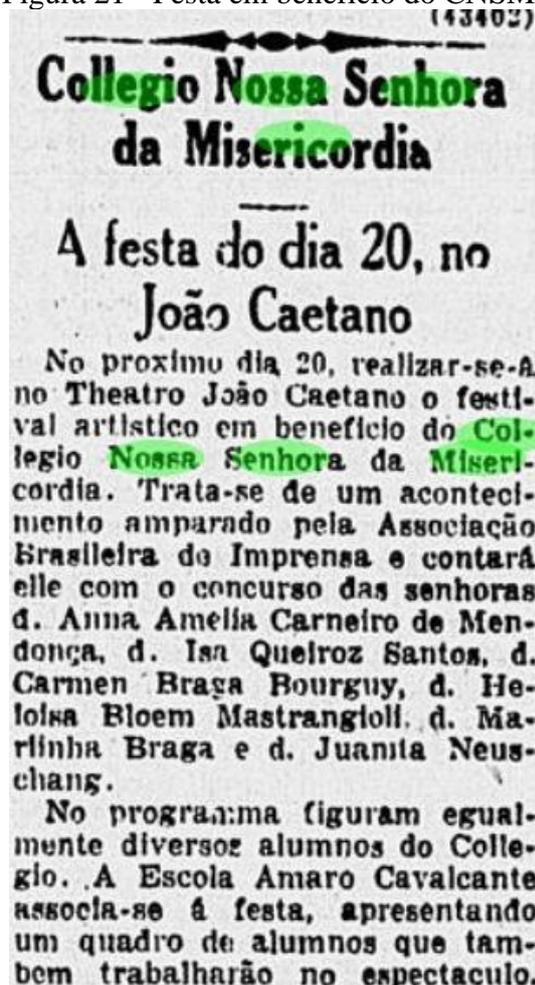
Era comum que FdM realizassem festas patronais, missas e outras cerimônias nas dependências do colégio.<sup>106</sup> Existia também os eventos fora dos muros da escola que auxiliaram na apresentação das FdM para a sociedade brasileira e proporcionaram auxílio financeiro e reconhecimento ao CNSM. Fosse por iniciativa de distintas senhoras da sociedade carioca e outras associações, ou em outros movimentos para angariar fundos para alguma melhora do colégio, as FdM se inseriram nos círculos sociais cariocas a partir da relação com esses grupos. Um exemplo de evento dessa monta aconteceu no dia 20 de outubro de 1933, no teatro João Caetano. A Figura 21 apresenta o anúncio do evento, publicado no jornal *O Correio da Manhã* no dia 17 de outubro.

---

<sup>105</sup> A Revista *O Malho* passou por transformações no ano de 1930. Começou a circular em 1902 com enfoque na vida política, a cultura e crítica aos costumes. A mudança durante o governo Vargas a transformou em uma revista de notícias e literária. Circulou até 1954. Ver: <http://omalho.casarui Barbosa.gov.br/>

<sup>106</sup> Noticiadas no jornal *O Correio da Manhã* em dezembro de 1930, edição 11039.

Figura 21 - Festa em benefício do CNSM



Fonte: Correio da Manhã (RJ), 1933, Edição 11926.

Não sabemos qual foi o benefício recebido pelo CNSM com a realização da festa, mas entendemos que era prática comum a realização de eventos beneficentes que contavam com a presença de mulheres da sociedade, pertencentes a uma classe média e alta, que usavam sua imagem, contexto e influência social para angariar fundos para projetos educacionais e sociais (Carvalho, s/d). A participação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) ampliava o alcance e a divulgação das demandas das religiosas e das melhorias que queriam para o CNSM.

A presença de mulheres no espaço público se ampliou nos anos 1930, com as lutas pelo direito ao voto, conquistada no ano de 1932. O grupo de mulheres que ganhou destaque à época tomou corpo com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), liderado por Bertha Lutz. Uma das mulheres citadas na notícia sobre a festa beneficente do CNSM, Anna Amélia Carneiro de Mendonça, também fez parte da FBPF, compôs o conselho diretor da ABE, criou a Casa do Estudante (CEB) e dirigiu a União Nacional de Estudantes (UNE) criada na ocasião

do I Congresso Nacional de Estudantes (Infanger, 2023). O perfil Anna Amélia – embora fosse engajada nas lutas sociais de seu tempo – evidencia a classe social das mulheres que participaram mais ativamente da arena política e intelectual brasileira no momento. Anna Amélia nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1896, viveu sua infância em Minas Gerais, voltando a morar no Rio mais tarde. Era filha de José Joaquim de Queiroz Junior, um industrial pioneiro do aço. A mulher nunca teria frequentado a escola, tendo recebido educação doméstica por meio de preceptoras estrangeiras que lhe ensinaram línguas estrangeiras, cultura geral e língua portuguesa<sup>107</sup>. Cabe destacar que sendo uma mulher de seu tempo, Anna Amélia defendeu a presença de mulheres no espaço público, mas o fez tendo como centrais valores nacionalistas, patrióticos e anticomunistas. Grande parte de seus esforços e atenção voltava-se ao atendimento aos pobres e a obras de assistência social (Idem.). Com essas características, é compreensível que participasse da realização de um evento em benefício de um colégio católico que ofertava serviços diversos. Como já salientamos, as teias de relações sociais no Brasil republicano se mostravam complexas, justamente pelo que Carvalho (2019) indicou como a má assimilação de ideologias europeias. As FdM conseguiram se inserir na educação também dessa maneira, a partir do apoio de setores sociais engajados nas obras da educação.

Um outro evento que teve destaque nos jornais da época relacionado ao CNSM, com movimentação da sociedade para angariar fundos, foi anunciado também no teatro João Caetano. A reunião dos fundos tinha por finalidade construir uma capela no colégio. Figura 22.

---

<sup>107</sup> As informações sobre Anna Amélia estão em: <https://www.abe1924.org.br/quem-somos/galeria-dos-presidentes/100-anna-amelia-c-de-mendonca> Ver também: NFANGER, Isabela Bracalente. Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça: atuação em prol das mulheres nas décadas de 1930 e 1940. 2023.

Figura 22 - Evento para angariar fundos para construção da capela do CNSM

**Vai ser edificada a capela do colegio do N. S. da Misericordia**

O tradicional estabelecimento de ensino, o Colegio **Nossa Senhora da Misericordia**, vai erguer a sua capela. Trata-se de uma iniciativa acolhida com particular interesse nos círculos sociais e religiosos do Rio, não só pelo superior objetivo da idéia como pelas simpatias que a instituição desfruta no nosso meio.

a anagrial fundos para a construção

Iniciando a campanha destinada da capela, será realizada amanhã no teatro João Caetano uma festa com atraente programa de que consta uma peça teatral, a cargo de senhoritas da sociedade carioca.

Os convites poderão ser adquiridos, na secretaria do Colegio, á rua Barão de Mesquita n. 689, ou na Associação Cristã de Moços com a sra. Arvilla Tostes Freitas.

Fonte: Diário da Noite (RJ), 1942, edição 03548

Na notícia aponta ser de interesse dos círculos sociais e religiosos cariocas a construção da capela no colégio. É interessante observar tais iniciativas por parte da sociedade. As FdM chegaram no Rio de Janeiro e foram construindo uma reputação na cidade de forma a receberem incentivos e auxílios para dar prosseguimento à sua obra e nesse caso a expansão de seu patrimônio.

Tivemos a informação de que a construção da capela foi adiada devido ao contexto da Segunda Guerra Mundial. Um fato curioso e que evidencia a constituição das relações das religiosas com a sociedade brasileira foi que adiamento da construção da capela aconteceu porque as FdM doaram a quantia que receberam no evento do João Caetano para uma campanha em prol das vítimas de bombardeios nazistas na guerra, como aponta a notícia veiculada pelo Jornal dos Sports (RJ) presente na Figura 23.

Figura 23 - CNSM destina fundos para as vítimas de torpedeamentos na 2ª guerra

**A CONTRIBUIÇÃO DO POVO**  
**Para As Vítimas Dos Torpedeamentos**

**O Colegio Nossa Senhora Da Misericórdia Entregou A "Jornal Dos Sports" A Importancia De 3:051\$000**

A campanha em prol das vítimas dos torpedeamentos nazistas, iniciada pelo Madureira A. D. e mais tarde patrocinada por JORNAL DOS SPORTS e Radio Educadora do Brasil, veio demonstrar o quanto é caritativo o povo brasileiro.

Ainda agora, o Sr. Cesar Fabri, em nome das irmãs do Colegio de Nossa Senhora da Misericórdia, nos entregou a importância de 3:051\$000, renda líquida de um espetáculo realizado no teatro João Caetano, em 30 de agosto, levado à cena pelas alunas da referida casa de ensino.

A importância que nos foi entregue constitui o início de um fundo para a construção de uma

quita, 689, no Andaraí, e foi dirigido artisticamente pelo Sr. Cesar Fabri.

Damos abaixo o relatório:

Total da receita bruta	5:300\$000
Selos pagos à Prefeitura (10%)	550\$000
Pago pela censura das peças apresentadas	120\$000
Certificados	20\$000
Aluguel das cadeiras a Antonio de Assis	60\$000
Movéis a O Mundo Teatral	150\$000
Guarda roupa a Mme. Angelina Alonso	300\$000
Montagem dos cenários	250\$000
Piano a casa Neves	130\$000

Fonte: Jornal dos Sports (RJ), 1942, Edição: 4011.

O título da reportagem é interessante porque fala em “Contribuição do Povo”. As FdM teriam aberto mão da construção de sua capela<sup>108</sup> para beneficiar as vítimas de bombardeios nazistas, participando de uma campanha de reunião de fundos encabeçada por um time de futebol. A publicização da ação altruísta das FdM provavelmente ajudou a construir uma boa imagem da congregação e do colégio por ela dirigido.

A edificação de uma imagem positiva a partir da teia de relações construída pelas FdM também se deu através outros dois elementos: a busca por aproximar-se o poder público e a presença no bairro onde o colégio foi fundado. O CNSM se fez presente em comemorações da semana da Pátria, em apoio ao Estado Novo, período autoritário do governo de Getúlio Vargas.

Durante toda a Era Vargas, Estado e Igreja Católica procuraram andar lado a lado no que diz respeito a uma possível união política. A preocupação de ambas as partes era com a manutenção do poder na sociedade. Enquanto a Igreja dava amparo político, muitas vezes pedindo a seus fiéis que apoiassem o então presidente do país, Vargas, por sua vez, dava fortes indícios que não iria abandonar aquela instituição que

<sup>108</sup> A capela do CNSM só foi inaugurada três anos depois, já no fim da guerra, em 1945. Ver Diário de Notícias, 1945, Edição 6913.

congregava a maioria dos brasileiros [...] havia uma união oficiosa entre as duas partes na tentativa de manter o país na “ordem”, livre de outros credos religiosos e, principalmente, de comunistas (Da Silva, 2012, p. 1300).

Antes de ser instituído o período mais autoritário de Vargas, o político já dava sinais de sua abertura ao diálogo com a Igreja Católica, não só com o decreto que tornou facultativo o ensino religioso em escolas públicas, mas sobretudo quando reconheceu como padroeira do Brasil Nossa Senhora Aparecida e com a inauguração do Cristo Redentor na cidade do Rio de Janeiro (Julião, 2012). Com uma face mais autoritária, seu governo continuou a contar com largo apoio da Igreja Católica<sup>109</sup>. As congregações católicas enquanto mediadoras da Igreja Católica atuaram em apoio a essas autoridades<sup>110</sup>. Essas ações também serviram para dar visibilidade a seus estabelecimentos. Na Figura 24 vemos o nome do CNSM entre os participantes do desfile em comemoração à semana da pátria.

---

<sup>109</sup> Julião (2012) salienta que no Estado Novo, com o crescimento Ação Integralista Brasileira que, até dado momento era vista de forma positiva por Vargas, até buscar disputar o poder, o estadista viu na Igreja Católica um importante aliado no combate às duas ideologias postas em contraste no Brasil devido aos conflitos da 2ª Guerra Mundial: o integralismo e o comunismo. “Vargas convocou as lideranças eclesiásticas promovendo em 18 de julho de 1939 no Palácio do Itamarati, um banquete para bispos. No evento, declarou que o Estado necessitava andar junto com a Igreja Católica, pois o país teria nascido ‘sob o símbolo da cruz’” (p. 9). O autor acrescenta que esse apoio não foi inequívoco e homogêneo.

<sup>110</sup> Ver também a notícia no Jornal do Brasil em que o nome do CNSM aparece nas homenagens pela passagem do aniversário de Getúlio Vargas também no ano de 1943 (Jornal do Brasil (RJ), 1943, Edição 90). Acesso em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_06&pesq=%22nossa%20senhora%20da%20miseric%C3%B3rdia%22%20%22vargas%22%20%22desfile%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=21852](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_06&pesq=%22nossa%20senhora%20da%20miseric%C3%B3rdia%22%20%22vargas%22%20%22desfile%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=21852)

Figura 24 - Agrupamento de Colégios Católicos no desfile da Semana da Pátria 1943

O penúltimo agrupamento — O penúltimo agrupamento desfilou, a seguir. Uma banda do Exército precedida passando, então, diante do presidente da República, delegações dos educandários abaixo discriminados:

Colegio Cardeal Arcoverde, Ginásio Menino Jesus, Colegio Pálva e Souza, Colegio Felisberto de Menezes, Colegio Rabelo, Colegio Vera Cruz, Ginásio Santa Cecilia, Colegio Brasileiro de São Cristóvão, Colegio Pio Americano, Colegio Luso-Carioca, Ginásio Pedro I, Instituto Lacé, Ginásio Cardeal Leme, Colegio Santa Teresa, Instituto Comercial Catumbá, Escola Técnica de Comércio de Santa Cruz, Ginásio Renascença, Ginásio Maria Raythe, Ginásio do Instituto La-fayette (Dep. Masc.) Ginásio Ciência e Letras, Colegio Paula Freitas, Colegio Comp. Santa Teresa de Jesus, Colegio do Instituto La-Fayette (Dep. Fem.) Instituto Hebreu Brasileiro, Colegio Batista, Colegio Batista, Brasileiro, Instituto Santa Rita, Colegio Santos Anjos, Colegio do Externato São José, Colegio do Internato São José, Colegio Luiza de Castro, Colegio Nossa Senhora da Misericórdia e Ginásio Anchieta.

Alguns para os nascidos —

Fonte: Correio da Manhã, 1943, Edição 14983

Vale, aqui, sublinhar a presença de uma grande quantidade de colégios católicos agrupados para desfilar juntos em ocasião da semana da pátria, o que evidencia a participação dessas instituições nas cerimônias públicas de caráter nacionalista e a aliança entre a Igreja Católica e o governo Vargas, como dissemos.

Relações também foram construídas com a população e autoridades do bairro do Andaraí e Tijuca. Como indica a Figura 25.

Figura 25 - Participação de aluna do CNSM no 24º aniversário do 6º Batalhão da Polícia Militar

**NOTÍCIAS DA POLÍCIA MILITAR**

No sábado último, dia 9, o 6.º Batalhão da Polícia Militar, aquartelado na rua Barão de Mesquita, no transcurso de seu 24.º aniversário de fundação, recebeu uma Bandeira Nacional, oferecida pelo comércio de Ardaral, numa demonstração do apreço e da confiança que a população daquele bairro tem nos elementos daquela Unidade policial-militar.

A bandeira foi conduzida por uma aluna do colégio **Nossa Senhora da Misericórdia**, acompanhada pelas irmãs e mais alunas daquele educandário, bem como por uma comissão de negociantes.

Recebida com as formalidades militares de estilo, calou profundamente a cerimônia, sensibilizando todos os presentes.

Um representante do comércio falou em nome dos ofertantes, enaltecendo a atividade do Batalhão que por todos os modos procura manter a ordem e segurança daquele bairro, trazendo os seus moradores em perfeita tranquilidade.

Agradeceu em nome do 6.º Batalhão de Infantaria a significativa dádiva o capitão Silvestre Travassos Soares.

Estiveram presentes à solenidade o general Onofre Moniz Gomes de Lima, comandante geral da Polícia Militar;

o tenente coronel Emiliano Pereira de Almeida, chefe do Estado Maior; comissões de todos os Corpos, autoridades civis e grande número de famílias.

A cerimônia foi encerrada pelo general Onofre, que também falou na significação de homenagem.

**CONCESSÕES DE FÉRIAS**

Foram concedidas aos oficiais e praças abaixo discriminados as seguintes férias, a saber:

— Aos segundos tenentes Alberto Santos Duque Estrada Méier e Alcir Miranda Pereira, respectivamente, relativas aos anos de 1946 e 1947;

— Ao segundo tenente veterinário interino Vaidir de Almeida Campos, relativa ao ano de 1947;

— Ao terceiro sargento Alcemar Lopes Tibúrcio, relativa ao ano findo a partir de hoje (dia 12); e,

— Ao segundo sargento músico João Abdias Gomes e terceiro sargento músico Arnaldo da Rocha Medrado, respectivamente, relativas ao ano findo.

**INSPEÇÃO DE SAÚDE DE OFICIAL**

Está chamado hoje, (dia 12), ao Hospital da Corporação, às 8,30 horas, o segundo tenente Moisés Wörneck, a fim de ser inspecionado de saúde por conclusão de licença.

**DISPENSA DO SERVIÇO**

Fonte: Diário de Notícias (RJ), 1948, Edição 7966

O 6º Batalhão da Polícia Militar fica situado na Rua Barão de Mesquita, nº 625, bem próximo ao CNSM. A mobilização da população local em ocasião do aniversário do batalhão indica a produção de uma ideia de pertencimento ao bairro. O CNSM a partir de suas alunas aparece compondo a fotografia do bairro e, por isso, escolhemos situar, aqui, a consolidação de sua presença no Rio de Janeiro.

Em nosso trabalho escolhemos falar sobre a chegada, estabelecimento e inserção das religiosas no Rio de Janeiro, mas cabe destacar que ainda no ano de 1943, as FdM fundaram um CNSM em Osasco, mais tarde, expandindo-se para Campinas e Vargem Grande Paulista.<sup>111</sup> Em Osasco, o colégio situa-se na Rua Madre Rossello, nº 111. Na Figura 26 podemos ver o

<sup>111</sup> O ano de fundação dos colégios em Campinas e Vargem Grande Paulista não foram encontrados. Sabemos apenas que foram construídos depois da fundação em Osasco.

CNSM de Osasco no ano de 1963.

Figura 26 - Rua Madre Rossello em processo de pavimentação 1963



Fonte: [http://www.hagopgaragem.com.br/osasco\\_diver\\_rua\\_madre\\_rossello.html](http://www.hagopgaragem.com.br/osasco_diver_rua_madre_rossello.html)  
(Acesso em: 12/02/2024).

Não temos informações exatas de quando a rua passara a se chamar Madre Rossello, mas há indícios de que aconteceu pouco tempo depois da chegada das Irmãs, visto que o jornal Correio Paulistano (SP) já fazia referência à “Escola Nossa Senhora da Misericórdia [...] situada à Rua Madre Rossello, em Osasco”<sup>112</sup> em 2 de agosto de 1944. No bairro do Andaraí, cortando a Rua Uruguai, bem próximo ao endereço do CNSM, no Rio de Janeiro, também podemos encontrar uma rua de nome Santa Maria Rossello<sup>113</sup>. O mesmo acontece com a rua do CNSM em Campinas, situado no bairro Mansões de Santo Antônio<sup>114</sup>. Esses dois últimos lugares, provavelmente, levaram o nome depois de 1949, ano em que Madre Rossello foi canonizada.

112

Ver

em:

[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22nossa%20senhora%20da%20misericordia%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=19779](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22nossa%20senhora%20da%20misericordia%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=19779)

113

Ver

em:

<https://www.google.com/maps/place/Rua+Santa+Maria+Rossello+-+Andara%C3%AD,+Rio+de+Janeiro+-+RJ,+20510-055/@-22.9273504,-43.247716,17z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x997e0e89521c3b:0xc64c5eae5a1dc10f!8m2!3d-22.9273504!4d-43.2451411!16s%2Fg%2F1ymwtggs2?entry=ttu>

114

Ver

em:

<https://www.google.com/maps/@-22.8491126,-47.0554555,3a,75y,111.85h,86.27t/data=!3m6!1e1!3m4!1sQHkmBgwX40-EqrJoaWCocg!2e0!7i16384!8i8192?coh=205409&entry=ttu>

O processo de nomeação de ruas se insere nas disputas da memória coletiva, traduzido pela fixação de um passado no presente (França, 2019).

Os nomes podem ser referências [...], mas não somente. Os nomes de lugares para nós, além de referências precisas [...] também são mecanismos de criação do passado, de um passado oficial, de construção histórica, de exaltação da memória de heróis, visto que são dados por lei e algumas vezes suscitam disputas. Se, por um lado, as ruas com nomes desconhecidos, de plantas, animais etc. podem ser apenas referenciais para a maioria das pessoas, para a família que foi homenageada, no caso de pessoas pouco conhecidas, não se trata disso. Se as grandes ruas com grandes nomes são uma forma mais eficaz de perpetuar a memória dos grandes heróis e grandes acontecimentos, as pequenas ruas de bairros distantes também carregam uma carga sentimental, pelo menos para as famílias das pessoas que foram homenageadas com nomes de logradouros e, às vezes, para os próprios moradores (Pinto, 2015 apud França, 2019).

O movimento de nomear ruas próximas ou àquelas onde estavam os colégios construídos indica um esforço da congregação de fixação da memória – que tem como elemento central sua fundadora – no Brasil. Essa foi também uma das formas que as congregações se utilizaram para educar a memória e pela memória, e expandir suas obras. Madre Rossello nunca esteve no Brasil, mas sua obra, sim. As FdM, a partir de sua inserção na educação e das relações construídas na cidade do Rio de Janeiro, tornaram possível a presença de Madre Rossello no Brasil, no Andaraí, no centro de Osasco e em Campinas, sem nunca ter saído da Itália.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa pretendeu reconstituir o caminho que levou a congregação italiana das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia ao Brasil. Por entendermos Madre Josefa Rossello, fundadora da congregação, como elemento central da história da congregação, nosso percurso se iniciou na infância e juventude da religiosa para compreendermos como sua história influenciou a fundação do Instituto da Misericórdia anos mais tarde. Um Instituto que nasceu com poucos recursos, mas que a partir das relações estabelecidas pelas religiosas que o compunham, logrou se expandir para a América. Essas relações estabelecidas foram variadas. E iam desde as relações com a elite local, até aquelas estabelecidas com párocos, bispos, arcebispos e o Papa.

A vida de Madre Rossello e os eventos que presenciou marcaram sobremaneira a forma como mais tarde construiu, junto às suas “Filhas”, a identidade de uma Irmã da Misericórdia.

A dimensão do trabalho é elemento constitutivo dessa identidade. As Irmãs atuaram em diversas áreas e isso se deu por conta de suas próprias necessidades de manutenção do Instituto, mas também se relacionou a forma como congregações católicas se relacionaram com seus processos de expansão. Como a imigração se dava a partir de convites de autoridades eclesiais, na maioria das vezes, as FdM enviavam Irmãs para onde tiveram demandas por seus serviços. Essas demandas poderiam ser inicialmente o cuidado de doentes, idosos e órfãos, mas conforme chegavam nos locais, a partir das novas relações estabelecidas, se engajavam, logo que possível, na abertura de colégios.

Ainda na Itália a dimensão educativa passara a fazer parte de sua identidade, foi o fio condutor dos movimentos que fizeram. Abriam colégios e atenderam um público diversificado, na maior parte composto por meninas. Quando se expandiram para a Argentina, levaram em sua bagagem as orientações de seu carisma, traduzido pela máxima “Coração a Deus, mãos ao trabalho” associada à função de “formar na e para a Misericórdia”. Mesmo fundando colégios e expandindo sua obra para fora da Itália, as Irmãs tinham em mente que o centro de sua fé e obra era Savona, o que era recorrentemente recordado por Madre Rossello nas cartas que enviou para as imigradas. Esse centro de fé, recordado recorrentemente, era também o centro produtor da memória da congregação. Essa memória era produzida e compartilhada com as Irmãs em sua própria formação e nas orientações que recebiam da Casa-mãe. Essa memória as educava e fazia educar nas obras às quais se engajavam.

Com a morte de Madre Rossello em 1880, o Instituto da Misericórdia continuou a se expandir para outras localidades. As Irmãs foram para o Uruguai, Chile e Estados Unidos. O alargamento dessa expansão pode ser explicado pela construção de uma reputação pelas Irmãs nos locais para onde imigraram, o que teria gerado novos convites desses países, mas também se associou à consolidação de uma política de incentivo a imigrações para as repúblicas recém-criadas na América a partir dos fins do século XIX e início do século XX.

As FdM chegaram ao Brasil na década de 1920, momento de intensos embates políticos e educacionais. A indicação de sua chegada por obra divina diz respeito à forma como congregações católicas atribuem a Deus seus caminhos. Nosso trabalho buscou discutir, a partir das fontes disponíveis que esses caminhos no período republicano brasileiro passaram a se associar às demandas brasileiras. Demandas que as FdM se esforçaram em servir. Serviram em um primeiro momento da forma que foram solicitadas e, mais tarde, se expandiram aos moldes

do que já faziam na Argentina, chamadas para uma finalidade e, a partir de relações, enveredando para a área educacional.

Com a fundação de um colégio próprio se fixam no Rio de Janeiro de vez. Analisamos a imagem do CNSM e das Irmãs que circularam em periódicos para reconstituir esse estabelecimento na cidade. Os jornais foram preponderantes para essas construções, pois neles o colégio foi apresentado para a sociedade como um local de bons ares, com diversos cursos e formador de alunas modelos de conduta e sucesso.

As FdM chegaram ao Brasil em um momento que jornais disputavam os discursos sobre os rumos da nação, os papéis da mulher na sociedade e a educação. E, embora, tenhamos acessado poucas fontes, as entendemos como importantes para inserir as religiosas nesses discursos e na educação brasileira. A partir deles, temos indícios de que as Irmãs da Misericórdia se inseriram no jogo das relações sociais, requisitaram e receberam doações do poder público e benfeitorias da sociedade civil. Trabalharam na construção de uma imagem positiva da congregação a partir dessas relações estabelecidas. O fizeram porque era isso que já faziam, lá no começo do Instituto da Misericórdia, quando Madre Rossello conseguia casas para virarem escolas em Savona com o apoio de uma elite e classe média locais, ou quando pedia permissão para o Papa para a imigração de suas “Filhas” para o novo mundo.

As religiosas da congregação atuaram a partir de um modelo. Um modelo de ação, guiadas pelo carisma da Misericórdia. Das mãos ao trabalho, à formação na e para a Misericórdia, as Irmãs trabalharam na ação de dialogar com o tempo, o espaço e os sujeitos, fixando a memória e identidade da Misericórdia nessas instâncias. Na busca por reconstituir o caminho das FdM ao Brasil, compreendemos que o fio condutor deste caminho foi a educação. A educação que forma a religiosa da Misericórdia e a faz formar na Misericórdia. A educação que carrega Madre Josefa Rossello, a memória e identidade das FdM, para todos os lugares.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Thiago Borges de. **Jan Hus: as cartas de um educador e seu legado imortal**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio et al. *La escuela de los annales ayer, hoy, mañana*. 1999.
- ANDREOTTI, Azilde L. O projeto de ascensão social através da educação escolarizada na década de 1930. Seleção de textos sobre a História da Educação no Brasil República, p. 18, 2019.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Libros tecnicos e cientificos editora, 1981.
- AUGRAS, Monique. **Todos os santos são bem-vindos**. Pallas Editora, 2005.
- BASILIO, F.; FREI, Alves. *Vida de Santa Catarina de Sena*. São Paulo: Paulus, 1993.
- BASTOS, Aureliano Cândido Tavares. *A provincia: estudo sobre a descentralização no Brazil*. BL Garnier, 1870.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história (1940). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**, p. 222-232, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. Editora Contexto, 2015.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que carta do leitor na sala de aula. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003. p. 208-216.
- BITTENCOURT, Agueda Bernardete. A era das congregações-pensamento social, educação e catolicismo1. **Pro-posições**, v. 28, p. 29-59, 2017.
- BITTENCOURT, Agueda. A era das congregações. Colóquio Internacional Congregações Religiosas, Educação e Estado Nacional no Brasil, v. 2, p. 1-31, 2015.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Zahar, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Papyrus editora, 1996.
- CAMPOS, R. D. de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, SP, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012.
- CARDOSO, Elizangela Barbosa. Entre o tradicional e o moderno: os femininos na revista *Vida Doméstica*. Rio de Janeiro: Revista Gênero–UFF. Niterói, v. 9, p. 103-134, 2009.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. Editora Companhia das Letras, 2019.
- CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Forense Universitária, 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.

CUNHA, Luiz Antônio. A educação brasileira na primeira onda laica: do Império à República. Rio de Janeiro: edição do autor, 2017.

CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. Gênese de uma escola católica e estratégias femininas no Maranhão novecentista. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p. 178-198, 2015.

DA SILVA, Paulo Julião. A Igreja Católica e a questão educacional no Brasil durante a Era Vargas. 2012.

DE ALMEIDA BATISTA, Carolina. Pio IX e o combate a modernidade na encíclica Quanta Cura (1864). **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 12, 2011.

DE CARVALHO, José Murilo. **Jovita Alves Feitosa: voluntária da pátria, voluntária da morte**. Chão Editora, 2022.

DE FARIA FILHO, Luciano Mendes. VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, LM. The schooling process in Brazil: culture and history of education. In: Silvina Gvirtz; Jason Beech.(Org.). Going to School in Latin America. Westport: Greenwood Press, 2007, v., p.-.

DE MORAIS LIMEIRA, Aline; GONDRA, José Gonçalves. NAS ESCOLAS DA CAPITAL BRASILEIRA: MATRÍCULAS DAS ÁREAS URBANAS E RURAIS (1870, RJ). **Um Mar de Escolas: Mergulhos na História da Educação (1850-1980)**, 2021.

DE SOUSA, Jessie Jane Vieira. Acomodações recíprocas: a igreja católica e o poder temporal na argentina e no brasil. **Passagens**, v. 1, n. 2, p. 50-64, 2009.

DE SOUZA, Adriana Barreto; LOPES, Fábio Henrique. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 5, n. 9, p. 26-37, 2012.

DE SOUZA, Ney. O Concílio Vaticano I (1869-1870): uma fisionomia da assembléia. **Revista de Cultura Teológica**, n. 25, p. 31-40, 1998.

DECCA, Edgar Salvadori de. O silêncio dos vencidos. (No Title), 1981.

DOS SANTOS NARCISO, Luiz Felipe. I Moti Del 1820 In Italia: 200 Anos dos Movimentos Revolucionários de 1820 na Península Itálica. **Revista Historiador**, n. 14, p. 163-182, 2021.

DUARTE, Constância Lima. Anna Amélia: militância e paixão. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 3, 2013.

FRANÇA, João Paulo. As ruas no processo de disputa da memória coletiva: a nomeação e renomeação dos logradouros públicos no século XXI e suas implicações históricas e cotidianas. **Revista Crítica Histórica**, v. 10, n. 19, p. 230-253, 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Editora Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Perillo. O liberalismo. Prefácio de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), Barcelona, Imprensa Boada, 1933.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Educação, poder e sociedade no Império brasileiro. Cortez Editora, 2008.

GUARIZA, Nadia Maria. Capítulo 6 A vida religiosa das congregações de vida “ativa”: uma abordagem transnacional. **Perspectivas transculturais e transnacionais de gênero**, p. 165. 2018.

GUARIZA, Nadia Maria. História de religiosas brasileiras: entre biografias e hagiografias. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 19, n. 3, p. 1253-1281, 2015.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; DE SOUZA ALVES, Maria Ruth. Catolicismo: a configuração da memória. **Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p. 87-107, 2005.

HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. 1997.

INFANGER, Isabela Bracalente. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça: atuação em prol das mulheres nas décadas de 1930 e 1940. 2023

IZECKSOHN, Vitor. Guerra do Paraguai e a unificação argentina: uma reavaliação. **História Unisinos**, v. 21, n. 3, p. 365-377, 2017.

JULIÃO, Paulo. A Igreja Católica e as relações políticas com o Estado na Era Vargas. Anais dos Simpósios da ABHR, v. 13, 2012.

JUNIOR, Moysés Kuhlmann. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922). Cadernos de Pesquisa, n. 78, p. 17-26, 1991.

LANGLOIS, Claude. **Le catholicisme au féminin: les congrégations françaises à supérieure générale au XIXe siècle**. Éd. Du Cerf, 1984.

LEONARDI, Paula. Congregações católicas e educação: o caso da Sagrada Família de Bordeaux. **Rev. Bras. Hist. Educ**, p. 103-129, 2011.

LEONARDI, Paula. Congregações católicas e educação: o caso da Sagrada Família de Bordeaux. **Rev. Bras. Hist. Educ**, p. 103-129, 2011.

LEONARDI, Paula. Construção da memória em congregações católicas: práticas e imagens agentes. **Cadernos de História da Educação**, v. 12, n. 1, 2013.

LEONARDI, Paula. Igreja católica e educação feminina: uma outra perspectiva. Revista Histedbr on-line, v. 9, n. 34, p. 180-198, 2009.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

LEONARDI, Paula; ARDUINI, Guilherme ; BITTENCOURT, Águeda B. . Organizações religiosas católicas: espaços e tempos. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduerj/Faperj, 2022. 329p .

LEONARDI, Paula; BITTENCOURT, Agueda Bernardete. De documento religioso à fonte histórica: as Atas do I Concílio Plenário da América Latina. **Educação e Filosofia**, v. 30, n. 59, p. 135-158, 2016.

LIMEIRA, Aline de Moraes. Entre o trono e o altar: sujeitos, instituições e saberes escolares na capital do império brasileiro (1860 a 1880). 2014.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas**, p. 225-249, 1998.

MACHADO, Daniel Fagundes de Carvalho. A "cruzada magna" do século XX: uma análise da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) sob a ótica do jornal A Cruz: órgão da paróquia de São João Baptista (RJ). 2023.

MALATIAN, Tereza Maria. A biografia e a história. **Cadernos Cedem**, v. 1, n. 1, p. 16-31, 2008.

MANOEL, Ivan A. Das reformas ultramontanas à ação católica: achegas para o entendimento da História Católica no Brasil. **QUESTÕES DE RELIGIÕES: TEORIAS E METODOLOGIAS**, p. 11, 2013.

MANOEL, Ivan A. Das reformas ultramontanas à ação católica: achegas para o entendimento da História Católica no Brasil. **QUESTÕES DE RELIGIÕES: TEORIAS E METODOLOGIAS**, p. 11, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O papel da atividade discursiva no exercício do controle social. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 7, p. 07-33, 2010.

MARTINS, Paulo Sena; PINTO, José Marcelino Rezende. Como seria o financiamento de um sistema nacional de educação na perspectiva do Manifesto dos Pioneiros da educação nova. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 7, n. 14, 2013.

MAXIMIANO, Lorenzo Souza; VIEIRA, Rodrigo Costa; DE SOUSA, Thiago Ferreira. Religião Insaciável”–o caso do jornal católico “A Cruz. 2023

MICELI, Sergio. A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930. 1985. Tese de Doutorado. [sn].

MONREAL, Susana. Mujeres Consagradas en el Cono Sur en la segunda mitad del siglo XIX: Inmigrantes sin fronteras. **Suárez, AL et al. Religiosas en América Latina: memorias y contextos [en línea]. Buenos Aires: Universidad Católica Argentina. Instituto de Investigaciones de la Facultad de Ciencias Sociales**, 2020.

MOURA, Laércio Dias de. A educação católica no Brasil. **São Paulo: Loyola**, p. 1822-2000, 2000.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, p. 482-509, 1997.

PINHEIRO, Fernanda Picanço da Silva Zarour; RODRIGUES, Rafaela Parada Fernandes; SANTO JORGE, Simone Greco do Espírito. Fundação Osório: 100 anos de dedicação ao ensino público de qualidade. **Revista Científica Fundação Osório**, v. 6, n. 1, p. 1-6, 2021.

PRADO JR, Caio. **Evolução política do Brasil**. Editora Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Pedro Filipe Barros. Os arquitetos da Neocrisandade: análise da atuação de intelectuais convertidos e leigos na construção do espaço social católico centrado no Rio de Janeiro (1930-1935). 2019. Dissertação de Mestrado. Brasil.

REDAÇÃO, A. Ano Santo de 1975. **Theologica**, v. 10, n. 2, p. 143-146, 1975

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Editora Unicamp, 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SANTOS, Alexandre Mello; LEITE, Márcia Pereira; FRANCA, Nahyda. Quando memória e história se entrelaçam. 2003.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos et al. Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos *Jornal das Moças*, *Querida* e *Vida Doméstica* nos anos 1950. 2011.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História (São Paulo)**, v. 33, p. 124-144, 2014.

SILVA, Giuslane Francisca da. Evangelizar, negociar e educar: estratégias de consagração de uma congregação católica francesa na educação. 2021.

SIRINELLI, Jean François. “Os Intelectuais”. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2ª.ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SOARES, Iésus Igenes Emídio. Jackson de Figueiredo e o surgimento da militância católica no Rio da década de 1920: a revista *A Ordem* e a construção da memória de um intelectual. 2017.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da Igreja Católica. *Estudos avançados*, v. 18, p. 77-95, 2004.

TORRES, Pedro Henrique Lessa. O projeto educacional da união católica militar e o seu papel de aparelho privado de hegemonia na difusão de um pensamento conservador teocrático. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 5, n. 2, p. 276-292, 2019.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Preceptoras estrangeiras para educar meninas nas casas brasileiras do século XIX. **Cadernos de História da Educação**, v. 17, n. 2, p. 285-308, 2018.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. Zahar, 1978.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. Revolucionários de 1935: sonho e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório, ou o trabalho de luto**. Unesp, 2010.

WEYRAUCH, Cléia Schiavo. **Deus abençoe esta bagunça: imigrantes italianos na cidade do Rio de Janeiro**. Editora Comunità, 2009.

XAVIER, Libânia Nacif. A reforma do ensino no Distrito Federal (1930-1935): experimentalismo e liberalismo em Anísio Teixeira. **Cadernos de História da Educação**, v. 6, 2007.

## SITES

A partir dos anos 1930 e 40, entra em cena o mercado (Pedrosa, 2020). Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/a-partir-dos-anos-1930-e-40-entra-em-cena-o-mercado>

Associação Brasileira de Educação: <https://www.abe1924.org.br/quem-somos/galeria-dos-presidentes/100-anna-amelia-c-de-mendonca>

Diocese de Osasco: <https://diocesedeosasco.com.br/congregacoes/filhas-de-nossa-senhora-da-misericordia-fdm/>

Família Rosselliana, Sede Osasco: <https://www.familiarosselliana.com.br/>

FERNANDES, Mauro Luiz Senra. Família Teixeira Soares – Além Paraíba História. <https://alemparaibahistoria.blogspot.com/2011/08/familia-teixeira-soares-fazenda-santa.html> 27 de agosto de 2011.

Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

Oficial italiano Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia: <http://figliensmisericordia.net/cnt/>

Osasco Antiga, imagens e histórias. Disponível em: [http://www.hagopgaragem.com.br/osasco\\_diver\\_rua\\_madre\\_rosselo.html](http://www.hagopgaragem.com.br/osasco_diver_rua_madre_rosselo.html)

Reducar – Colégio Nossa Senhora da Misericórdia: <http://reducar.com.br/rio-de-janeiro/>

SOUZA, JOÃO GONÇALVES. Está de luto a Arquidiocese do Rio de Janeiro. chrome-extension://efaidnbmnibpcajpcgclefindmkaj/https://memoria.bn.gov.br/pdf/829706/per829706\_1954\_01926.pdf 7 de fevereiro de 1954.

Santa Maria Josefa Rossello, Fundadora das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia. [http://www.santosebeatoscaticos.com/2014/01/santa-maria-josefa-rossello-fundadora.html.2014.](http://www.santosebeatoscaticos.com/2014/01/santa-maria-josefa-rossello-fundadora.html.2014)

TELERADIOPACETV. Documentario su Maria Giuseppa Rossello - Savona: <https://www.youtube.com/watch?v=iaiWNBOBh-Y..> 2 de maio de 2024.

## FONTES

### Livros

Cartas de Santa Maria Josefa Rossello. Edição 1973.

Projeto Formativo – Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia. s.e. 1995

História de um Coração Grande: vida de Santa Maria Josefa Rossello. – Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia. s/d

Santa Maria Giuseppa Rossello. Andrea Oddone S. J. Edizione 1949.

Santa Maria Josefa Rossello “coração a Deus, mãos ao trabalho”. Vittorio Peri. Editrice Velar. 2011.

Vem e nos faremos santas. 1975, Editora Loyola.

Vita opere e virtù della Madre Sr. M. Giuseppa Rossello. F. Martinengo. PdM. Edizione 1885.

### **Periódicos**

A CRUZ: ORGÃO DA PAROCHIA DE S. JOÃO BAPTISTA (RJ), 1929, Edição 26.

A CRUZ: ORGÃO DA PAROCHIA DE S. JOÃO BAPTISTA (RJ), 1930, Edição 18.

A CRUZ: ORGÃO DA PAROCHIA DE S. JOÃO BAPTISTA (RJ), 1933, Edição 4.

A CRUZ: ORGÃO DA PAROCHIA DE S. JOÃO BAPTISTA (RJ), 1934, Edição 51.

A CRUZ: ORGÃO DA PAROCHIA DE S. JOÃO BAPTISTA (RJ), 1934, Edição 52.

CORREIO DA MANHA (RJ), 1930, Edição 11039.

CORREIO DA MANHA (RJ), 1933, Edição 11926.

CORREIO DA MANHA (RJ), 1943, Edição 14983.

CORREIO PAULISTANO (SP), 1944, Edição 27109.

DIARIO DA NOITE (RJ), 1942, Edição 3548.

DIARIO DE NOTICIAS (RJ), 1945, Edição 6913.

DIARIO DE NOTICIAS (RJ), 1948, Edição 7966.

GAZETA FLUMINENSE (RJ), 1905, Edição 45 e 60.

GAZETA DE NOTICIAS (RJ), 19 de junho 1926, Edição 144.

JORNAL DO BRASIL (RJ), 1936, Edição 200.

JORNAL DO BRASIL (RJ), 1931, Edição 217

JORNAL DO BRASIL (RJ), 1934, Edição 242

JORNAL DO BRASIL (RJ), 1939, Edição 13.

JORNAL DOS SPORTS (RJ), 1942, Edição 4011.

O JORNAL (RJ), 1920, edição 380

O JORNAL (RJ), 1921, Edição 774.

O MALHO (RJ), 1947, Edição 86.

O PAIZ (RJ), 23 de maio 1926, Edição 15.190.

VIDA DOMÉSTICA (RJ), junho de 1926, edição 100.

VIDA DOMÉSTICA (RJ), 1932, Edição 176.

VIDA DOMÉSTICA (RJ), 1945, Edição 323.

VIDA DOMÉSTICA (RJ), 1946, Edição 335.